POSTER DUPLO: TALKING HEADS E PAULA TOLLER (KID ABELHA)

AZUL

Nº 11
Dezembro 1986
Cz$ 20,00

BIZZ

QUEM FOI QUENTE EM 86
NUMA SUPER-RETROSPECTIVA

ENTREVISTAÇOS COM
PAUL McCARTNEY
DAVID BYRNE
VENOM, RITCHIE E
SIGOURNEY WEAVER
(A DEUSA DE *ALIENS*)

STEVIE WONDER • KILLING JOKE
LOU REED • GENESIS • SMACK
ECHO • JAMES TAYLOR • FRIPP

RPM
O ESTOURO DO ANO

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 26,00 - 5561

TRUE STORIES

WEEKLY WORLD NEWS

SUAS CALÇAS PODEM TE MATAR!

IT'S ME MAGAZINE

CONHEÇAM O SR. MARAVILHA

WEEKLY WORLD NEWS

A MULHER MAIS PREGUIÇOSA DO MUNDO

BIBLE PROPHEC
NEWSLETTER

ATUALIZE
O SISTEMA "666"

WEEKLY WORLD NEWS

CASAL AMOROSO NÃO SE FALA HÁ 31 ANOS!

New York Times

Talking Heads: A Banda de rock de maior prestígio nos E.U.A.

WEEKLY WORLD NEW

SOLTEIRÃO SOLITÁRIO ÁVIDO POR AMOR

olteirão solitário Car seu anuncio
n quer que as mu- PROCURA-SE UMA E
saibam que ele é POSA
ação solitário "Gastei 600 dólares para
amor. Para is- enviar uma mulher para
ou "semen- Boston de avião. Troca-
ônio" - uti- mos retratos e inumeras
de avisos cartas. Achava que desta
RA-SE vez havia acertado mas es-
CA no tava errado", conta Carl
de "Quando eu a vi, parecia
a um jogador dos Pitts-
burgh Steelers... Várias
moças já passaram bem
devagar pelo jardim de mi-
ha casa como se estives-
em em dúvida, mas aca-
baram não parando". Carl
disse tristonhamente.
"Elas devem achar que
sou completamente malu-
co".

Suas quatro irmãs casa-
menteiras estão ajudando
Carl a encontrar a esposa
certa mas os encontros às
escuras que arranjaram fo-
ram desastrosos.

"Fiquei louco por duas
das mulheres com quem
saí mas elas começavam a
me estrenhar quando en-
trava no assunto 'casa-
mento'.

ado".
barbudo
'Deve haver al-
errado comigo que
anta as mulheres...".
Carl nem bebe nem fuma
demasiadamente e bom
cozinheiro e tem um
bom emprego fixo. Ro-
mântico por natureza,
Carl já gastou centenas
de dólares saindo para
jantar e depois dançar
com 25 das 450 mulhe-
res que já responderam a

TALKING HEADS

True Stories é mais que um álbum.
E a versão da trilha sonora do filme de mesmo nome, escrito e dirigido por David Byrne, vocalista e força criativa do Talking Heads.
É, sem dúvida, o grande acontecimento do ano!

À venda em discos e fitas

EMI

BIZZ

Foto Abril

O garoto da capa, com Rui Mendes, Carlos Arruda, Rodolfo Tucci e a produção

Se um marciano aterrissasse em qualquer ponto do território brasileiro e perguntasse, lá à maneira dele, o que de mais importante teria acontecido no rock brasileiro em 1986, a resposta seria unânime, quem quer que fosse seu interlocutor: **RPM.** E só mesmo um marciano desconheceria a extensão do sucesso do grupo — recordes de vendagem e lotação sucessivamente estabelecidos e quebrados, uma organização empresarial e artística exemplar, uma melhoria bem-vinda de criação de rock no país. Por estas razões, 86 foi o ano do RPM. E por isso escolhemos **Paulo Ricardo** para a capa da última edição de BIZZ deste ano. De quebra, você ainda ganha uma retrospectiva dos principais acontecimentos do rock de 86.

Uma das grandes vitórias de BIZZ tem sido a coleção de entrevistas exclusivas que sempre fazemos com os principais astros do rock internacional. E este número de fim de ano está recheado delas. **Pepe Escobar,** em Londres, sacou do telefone e discou para **David Byrne,** a cabeça mais pensante dos Talking Heads, em Nova York. Eles conversaram sobre o filme *True Stories* e outros assuntos mais, como discos voadores. **José Augusto Lemos** papeou com **Abaddon,** do Venom, sobre a vinda do grupo ao Brasil. **Phillipe Manouevre** arrancou algumas revelações de **Paul MacCartney** e **Sigourney Weaver,** a estrela de *Aliens — O Resgate,* falou sobre o filme, diretamente de Los Angeles.

Além do departamento "Fusos Horários", muitos petiscos extra. **Sônia Maia** capturou **Ritchie,** às vésperas do lançamento do homem celebrizado por "Menina Veneno", e conheceu a verdadeira história do hiato durante o qual este brasinglês esteve fora de ação. **Bia Abramo** conferiu o *cult trio* **Smack** e **Tom Leão** investigou no Rio os **Heróis da Resistência,** formados por **Leoni** desde que deixou o Kid Abelha.

Na seção *Clip,* imagens exclusivas de **Captain Eo,** o curta de **Michael Jackson,** mais uma geral em *Armação Ilimitada,* num texto divertido de **Carlos Albuquerque.** Até 87!

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

26 RETROSPECTIVA 86
O que aconteceu aqui e lá fora > *José Emilio Rondeau*

38 DAVID BYRNE
Uma conversa com o cabeça dos Heads > *Pepe Escobar*

46 ECHO & THE BUNNYMEN
O disco pirata da década

49 HERÓIS DA RESISTÊNCIA
A nova banda de Leoni (ex-Kid Abelha) > *Tom Leão*

51 PINOCHET BOYS
A dura realidade do Chile transformada em rock > *Bia Abramo*

54 RITCHIE
A volta do autor de "Menina Veneno" > *Sônia Maia*

68 VENOM
Thrash metal a valer, no Brasil > *José Augusto Lemos*

72 LUIZ MELODIA
O verdadeiro "negro gato" de arrepiar

74 SMACK
Um segundo LP, um estilo consolidado

TODO MÊS

6 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boatos

14 PARADAS
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno

24 VÍDEO BIZZ
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

59 ENTREVISTA
Paul McCartney, o ex-Beatle, conta tudo

76 AO VIVO
Ira!, Stevie Wonder, X-Mal Deutschland, Genesis, Suicide, David Lee Roth, Robert Fripp, James Taylor, A-Ha, Lou Reed e Killing Joke

88 CINEMA
Aliens — O Resgate e exclusiva com a protagonista *Sigourney Weaver*

98 CLIP
"Captain Eo", com *Michael Jackson*
Armação Ilimitada, enfim um inteligente programa de TV

104 PORÃO
Primal Scream, Replacements, Questionário e *Jardim das Delícias*

108 LETRAS
"True Colors", *Cyndi Lauper*

110 MEU INSTRUMENTO
Paco de Lucia

114 AIR MAIL
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre

116 CARTAS E SERVIÇOS

118 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. Nesta edição, "King of Delta Blues Singers", Vol. I e II de *Robert Johnson*

122 CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID
A despedida

Foto da capa Rui Mendes. Maquiagem e cabelos Luis Lamadrid
Fotos Poster - Claudia Dantas - Lynn Goldsmith Stills - G. Harari Stills

PHILISHAVE
TRACER.
VOCÊ LIGA,
ELE TRAÇA.
FICHA TÉCNICA
SISTEMA: PHILISHAVE
CARACTERÍSTICAS: CONFORTO E SEGURANÇA
DESIGN: ANATÔMICO
MOTOR: ALTA CONFIABILIDADE, TECNOLOGIA AVANÇADA
DESEMPENHO: BARBEAR RÁPIDO E CONFORTÁVEL
APARADOR DE BIGODE E COSTELETA
VOLTAGEM: BIVOLT (110/220 VOLTS)
CORES: PRETO OU VERMELHO
ACESSÓRIOS: PRÁTICA BOLSA DE COURO PRETO
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONHEÇA O AMAZONAS

PHILIPS
PHILISHAVE
TRACER
ON
OFF
PHILIPS
PHILIPS
Produtos de última geração.

A HISTÓRIA DOS BEATLES POR STEVEN SPIELBERG

Foto Sipa Press

Um quarteto sob a mira do prodígio Stevie

Essa é quente: Na sua última passagem por Londres, **Steven** "cadê o meu Oscar?" **Spielberg** teve um longo e animado encontro com um senhor chamado **Paul McCartney**. O assunto: a produção de uma mistura de ficção com documentário sobre os **Beatles**. Sabe-se que os dois se deram tão bem que só falta agora convencer **Ringo, George** e a sra. **Ono Lennon**.

No mais, a entrevista com Steven Spielberg prometida para esta edição de BIZZ acabou ficando para o mês que vem.

UMA NOITE NA ÓPERA

Foto Tom Sheehan/LFI

O ritmista e jogador de pólo Stewart Coperland, agora às voltas com árias

Neste ano que se encerra, o "ritmatista" **Stewart Copeland** passou um bom tempo recuperando-se de uma contusão na base do pescoço, sofrida em um jogo de pólo — seu passatempo favorito.

Só que, exibindo os sintomas clássicos de um megalomaníaco hiperativo, o bom Stu aproveitou o tempo de molho para compor uma ópera. Trata-se de um épico de uma hora e meia, ambientado na época das Cruzadas e intitulada *Holy Blood and Crescent Moon*.

Comentário do velho homem do Police: "Com esperança, minha ópera permanecerá por mais tempo que o rock, que tem um tempo de vida de aproximadamente duas semanas e três dias".

QUENTE E FERVENDO

Something Wild, o novo filme de **Jonathan Demme** *(Stop Making Sense, Melvin and Howard)* pode vir quente — a julgar por sua trilha sonora, que está fervendo.

Além de músicas de **UB40**, dos lendários **Feelies**, e do nigeriano **Sonny Okosuns**, há uma espetacular composição bilíngue de David Byrne, "Loco de Amor (Crazy for Love)", no qual o Leonardo da Vinci do século XX dueta com ninguém menos que a cantora cubana **Celia Cruz**.

No mais, o filme inclui pontas das senhoras progenitoras do próprio Demme e do sr. Byrne.

FESTA DE ARROMBA

Foto Gamma/Sigla

O sexagenário Chuck com Ron Wood

Esta aconteceu no dia 16 de outubro, uma data histórica para o rock'n'roll já que **Chuck Berry** completava seus 60 aninhos.

Para comemorar, o autor de "Johnny B. Goode", "Maybelline" e "Rock'n'Roll Music" subiu ao palco do Teatro Fox em St. Louis para um supershow, estrelado também por **Bob Dylan, Eric Clapton, Keith Richard, Linda Ronstadt, Julian Lennon, Etta James, Robbie Robertson** e **Robert Cray**. A noitada foi captada inteirinha pelas câmeras de **Taylor Hackford**, que está dirigindo um documentário sobre Berry, produzido por Keith Richard (ver *Show Bizz* do mês passado).

EM NOME DA PAZ

No Dia Internacional da Paz — 16 de setembro — o gramado em frente ao prédio das Nações Unidas, em Nova York, recebeu uma multidão. Não era para menos: a comemoração incluía um show de **Peter Gabriel**, apoiado por uma banda do Grande Meireles: **Steven Van Zandt** na guitarra e a seção rítmica dos Blue Turtles de Sting, **Daryl Jones** (baixo) e **Omar Hakim** (bateria).

"A paz é um assunto importante demais para ser deixada totalmente nas mãos de políticos", disse o Grande Gabriel antes de atacar o microfone com versões de "In Your Eyes", "Sun City", "Red Rain" e "Biko". Em "In Your Eyes", uma canja especial do Grande Senegalês **Youssou N'Dour**, o africano favorito de **Pepe Escobar**.

Foto Harrison Funk/Sipa Press

O arcanjo Gabriel, atento ao Terceiro Mundo

RAUL MATA A COBRA E MOSTRA O PAU

Lena, mulher, de **Raul Seixas**, ligou para nossa redação e passou, com exclusividade, a foto ao lado e o texto abaixo:

"1957. Pose do rock. Gola do rock. Topete do rock. Cabeça do rock. Adivinha?

"A foto é do precioso baú de Raul Seixas e quem está com ele é Waldir Serrão, o Alan Freed baiano, que foi quem praticamente iniciou Raul nos mistérios do rock'n'roll.

"Esta relíquia fotográfica, segundo Raul, é uma mostra visual do que será seu novo LP, o *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-bum!*, que a Copacabana lança este mês.

"Preparem-se, portanto, amantes do rock, para um mergulho nas águas profundas de Raul Seixas".'

Waldir Serrão e Raul Seixas (com doze anos): pioneiros do rock baiano em 1957

O REENCONTRO DE CROSBY, STILLS, NASH & YOUNG

Foto Ebet Roberts/LFI

Crosby, Stills, Nash & Young: nova reunião

O show — em São Francisco, dia 13 de outubro — estava anunciado apenas como **Neil Young & Friends**. O clima de mistério só ajudou a esgotar os ingressos, claro.

Quem eram eles? **Bruce Springsteen** foi o primeiro a subir ao palco, para um dueto em "Helpless". Logo depois, foi a vez de **David Crosby**, **Steve Stills** e **Graham Nash**, para cantar "Only Love Can Break Your Heart" e "Ohio".

O show arrecadava fundos para crianças com paralisia cerebral.

PARCERIA ULTRA-SACOLEJANTE

O grupo de hip-hop que foi a sensação de 86, **Run DMC**, trabalha junto ao eremita biruta e amante dos animais **Michael Jackson**. Trata-se de uma canção contra o *crack* — espécie de cocaína extra-refinada que já virou epidemia nos E.U.A.

Deve sair no novo LP de Michael, cuja data de lançamento nem o fantasma do Dr. Freud pode prever ainda, com certeza.

FIM DE ANO ESPECIAL

Atenção para as edições especiais da BIZZ que vão fechar este glorioso ano. Já nas bancas, O *Calendário do Rock* para 87, com os aniversários de meio mundo e todas as datas históricas do rock'n'roll.

Dia 9 é a vez da revista-poster do **U2**, com a biografia completa da banda, recheada de fotos inéditas. E dia 16 sai mais um *Ídolos do Rock*. Entre as biografias de muita gente boa, adesivos de **Paulo Ricardo** de Papai Noel.

PLEBE COM CÓLERA

Foto Rui Mendes

Redson, do Cólera: admiração e amizade mútua entre eles e o Plebe Rude

No final de outubro, dentro das comemorações de quatro anos do Circo Voador, na Lapa carioca, funkers e rockers receberam um presentão – o memorável encontro no palco do **Cólera** com o **Plebe Rude**.

Foi mais que um show — na verdade, era a grande celebração de uma longa e duradoura relação de amizade e admiração mútua cultivada entre as duas bandas.

Cada grupo fez seu show individual e, no final, houve um bis duplo. **Val Pierre** e **Redson**, do Cólera, se juntaram ao Plebe para cantar "Até Quando". Por sua vez, a Plebe (com o guitarrista **Philippe** excepcionalmente na bateria) tocou "Às vezes Tenho Medo", do repertório do Cólera.

No final, **Ameba**, de Plebe, trocou de camisa com Pierre.

OZZY CANCELADO

Foto Neal Preston/LFI

Osbourne, alvo do puritanismo nos EUA

Em sua recente excursão americana, o bom e velho **Ozzy Osbourne** acabou cancelando o show marcado para Tyler, uma cidade do Texas.

Isso porque recebera várias ameaças de bombas e coisinhas parecidas de um grupo de puritanos locais, que o acusa de "promover o culto ao demônio, o suicídio e o uso de drogas".

SHOW BIZZ

A VOLTA DO BAD COMPANY

Depois deste dilúvio de retornos — Monkees, Peter Frampton, Heart, etc — que foi 86, estava faltando mesmo o **Bad Company**. O "garganta" **Paul Rodgers** não está na jogada: ao que tudo indica, continua firme com o **Firm** de Jimmy Page.

Para seu lugar, **Simon Kirke** (bateria), **Boz Burrell** (baixo), **Mick Ralphs** (guitarra) convidaram o ex-Ted Nugent **Brian Howe**.

Em tempo: o disco está sendo produzido por **Mick Jones**, do Foreigner.

Foto Swan Song INC

Boz Burrell e Mick Ralphs, ou meio Bad Co.

Foto Cyndi Palmand/LFI

George O'Dowd, sob a mira da doutora

BOY E A HEROÍNA (CAPÍTULO XIV)

Chamado para depor no inquérito que investiga o caso do tecladista **Michael Rudetsky**, encontrado morto de overdose em sua casa, **Boy George** declarou que o tratamento da dra. **Meg Patterson** não havia conseguido curá-lo do vício.

Comentário da doutora: "É culpa exclusiva dele se não conseguiu se manter longe da heroína".

ERRAMOS

Foto Eurico Salis

O grupo gaúcho **Expresso Oriente**, Porão da BIZZ 16, teve sua foto impressa ao contrário. Eis a posição correta, com os membros da banda: Renato G. (bateria), Flávio Santos (baixo), Fred Lamachia (percussão), Júlio Reny (voz e guitarra) e Castor (guitarra).

DESENHO ANIMADO CINCO ESTRELAS

Um desenho animado contra o armamentismo nuclear, intitulado *When the Wind Blows* — com lançamento na Europa previsto para o mês que vem — tem a sua trilha sonora assinada por **David Bowie**, **Roger Waters**, **Genesis**, **Squeeze**, **Hugh Cornwell** e **Paul Hardcastle**. O LP sai no Natal, precedido da faixa-título — a cargo de Bowie — em forma de compacto.

Sai ou não sai aqui?

Foto D. Bailley/Sipa Press

Mr. Bowie, uma média de n trilhas por ano

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Natal, Ano Novo, e o povo das gravadoras aproveita para tirar férias... Mesmo assim, tem gente entrando em estúdio.

A Polygram colocou **Verônica Sabino**. A Odeon entrou com **Zero, Roberto Ribeiro** e **Leonardo**. Já a Continental colocou **Edú Lobo** e **Chico Buarque** para gravarem um LP juntos, para a trilha sonora do *Romance das Sete Luas*, além de **Miucha** e **Jards Macalé**, que atrasou sua entrada em estúdio. O resto do pessoal fechou as portas, e dá-lhe champagne.

DOIS TERÇOS DO JAM EM NOVA EMBALAGEM

Foto BBC/LFI

The Jam, neo-mods da velha new wave

Sharp **é o nome da banda que dois terços do extinto Jam — o baixista *Bruce Foxton* e o baterista *Rick Butler* — acabam de montar. No lugar antes ocupado pelo neo-mod "conselheiro de estilo" Paul Weller, o jovem *Jimmy Edwards*.**

O disco está saindo esses dias — na Inglaterra, claro — pelo selo independente Unicorn.

ALICE DÁ AS CARAS

Foto Cronin/Stills

Tia Alice, mais um retorno ao picadeiro

O mês de outubro — entre outras barbaridades — viu o retorno triunfal da titia **Alice Cooper**. Seu novo LP (pelo selo MCA), *Constrictor*, traz uma capa no velho estilo que o consagrou: uma foto de Alice sendo estrangulado por uma jibóia. Na produção: **Beau Hill**, responsável pelo último trabalho do **Ratt**.

Mês passado, o garotão pôs, inclusive, o pé na estrada, começando por uma pequena turnê pelo Reino Unido.

ONDAS TROPICAIS

Atenção, paulistanos! *Ondas Tropicais*, a rádio itinerante da d.j. **Sonia Abreu**, estará na Praça da Fonte, na Cidade Universitária, dias 7 e 14 deste mês, das 17:30 às 19:00 hs, com convidados especiais. Quem marcar presença, poderá votar em discos que gostaria de ver lançados no projeto "Rock Pesquisa" da WEA.

Já os cariocas terão a oportunidade de conhecer o trabalho de Sonia neste comecinho de 87, quando ela sairá com um ônibus super-equipado pelas praias do Rio.

BÍBLIA PARA O ROCK

Acaba de sair nos EUA um livro intitulado *Stairway to Heaven*, em que seus autores – *Davin Seay* e *Mary Neely* – vão buscar as raízes do rock' n'roll na religião e no espiritismo.

OUÇA ESSA

"Caetano, Gil, as pessoas que participaram do tropicalismo, não estão mais interessados em projeto cultural algum. Eles estão interessados em ganhar dinheiro. Esses caras gostam de riqueza e poder. Quanto mais ricos ficam, mais improdutivo é o trabalho que fazem".

Maestro Júlio Medaglia

O KING CRIMSON NÃO ACABOU

Foto Santo Basone/LFI

Adrian Belew e Fripp, dois mestres da guitarra num só grupo, o Rei Escarlate

Frippeanos maníacos, podem ficar sossegados. No meio de seu concerto com a League of Crafty Guitarrists na Virgin Megastore (Veja *Ao Vivo*), **Fripp** abriu o microfone para a platéia perguntar o que quisesse, e aproveitou para contar que o King Crimson *não* acabou. Robert e **Adrian Belew** — o maníaco que tenta fazer com a guitarra o que Eric Dolphy fazia no sax — reuniram-se há pouco, nos EUA, e já estão trabalhando no próximo álbum. Fripp também continua em contato com **Eno** — vêm aí novas estrepolias. Quanto à sua aparição no último álbum duplo do frutífero ***David Sylvian*** (ex-Japan), nossa fera comentou, extra-cool: "David me ligou e disse que tinha uma peça que só eu poderia executar. Fui lá e toquei". Não se é Rei Escarlate por acaso.

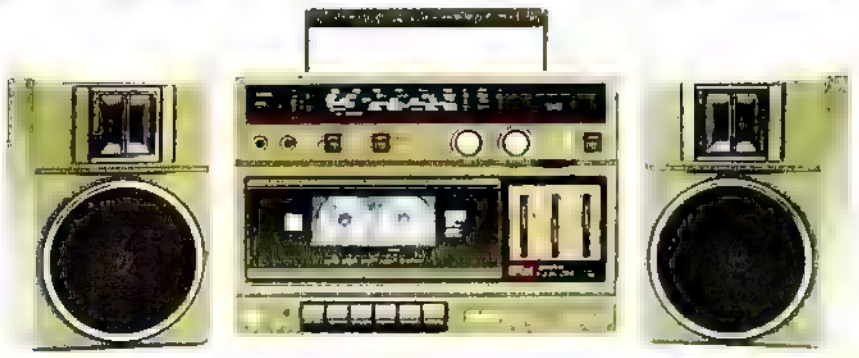
RISQUÉ VERÃO: EFEITOS RAROS DE TERRAS DISTANTES.

AQUARIUS FETICHE CHINATOWN TAMARA MARFIM CARIBE BRILHO DO LUAR BRILHO DA MAGIA

As tendências na moda no mundo, e no nosso modo de vida, estão aqui: é proibido não ousar, e não ser irreverente. Viva o exotismo: é a mistura frenética e agitada dos temas primitivos das mais diferentes civilizações, em uma versão super moderna. Paixões alucinantes, temas apimentados, cores sensuais e excitantes. O que encanta a serpente que faz o mistério com a maçã, é o próprio mistério. É uma luz. É tudo isso que está nas cores, nos tons e nos brilhos da Coleção Luz e Mistério de Esmaltes e Brilhos Risqué.

C O L E Ç Ã O L U Z E M I S T É R I O R I S Q U É

NATIONAL RX.



COM VOCÊ, POR AÍ.

- 20 watts de potência
- Rádio FM/MW/SW1/SW2
- Tape deck com mecanismo suave e silencioso
- Equalizador gráfico com 3 faixas de freqüência
- Sistema de mixagem
- Entrada auxiliar
- Caixas acústicas destacáveis
- Funciona a pilha ou a luz

A National está lançando o seu novo portable stereo system, o RX-C37. Que você pode chamar de RX.

Com ele você sai por aí, levando o seu som para qualquer lugar. Você pode deixar no quarto, pode levar para a praia, para o campo. Ou para qualquer outro lugar que você agitar.

Ele vai onde você for. Funciona a pilha ou a luz.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

National

O som que faz seu ambiente

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ Caixa Postal 2372 dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo

LPs (EUA)

1	(N)	*Fore!*	**Huey Lewis & the News** (Chrysalis)
2	(1)	*Top Gun*	**Trilha sonora do filme** (Columbia)
3	(N)	*Slippery When Wet*	**Bon Jovi** (Mercury)
4	(3)	*Back in the High Life*	**Steve Winwood** (Island)
5	(5)	*Raising Hell*	**Run DMC** (Profile)
6	(2)	*True Blue*	**Madonna** (Sire)
7	(7)	*Dancing on the Ceiling*	**Lionel Richie** (Motown)
8	(8)	*The Bridge*	**Billy Joel** (Columbia)
9	(N)	*Third Stage*	**Boston** (MCA)
10	(4)	*Eat Em and Smile*	**David Lee Roth** (Warner Bros.)

Compactos (EUA)

1	(N)	"When I Think of You"	**Janet Jackson** (A&M)
2	(N)	"Throwing It All Away"	**Genesis** (Atlantic)
3	(N)	"Typical Male"	**Tina Turner** (Capitol)
4	(2)	"Stuck With You"	**Huey Lewis & the News** (Chrysalis)
5	(N)	"Heartbeat"	**Don Johnson** (Epic)
6	(N)	"True Colors"	**Cyndi Lauper** (Portrait)
7	(N)	"Don't Forget Me"	**Glass Tiger** (Manhattan)
8	(N)	"Two of Hearts"	**Stacey Q** (Atlantic)
9	(10)	"Dreamtime"	**Daryl Hall** (RCA)
10	(N)	"I Didn't Mean to Turn You On"	**Robert Palmer** (Island)

LPs (GB)

1	(7)	*Graceland*	**Paul Simon** (Warner Bros.)
2	(4)	*Silk and Steel*	**Five Star** (Tent)
3	(2)	*True Blue*	**Madonna** (Sire)
4	(5)	*Revenge*	**Eurythmics** (RCA)
5	(9)	*Break Every Rule*	**Tina Turner** (Capito)
6	(N)	*True Stories*	**Talking Heads** (EMI)
7	(1)	*Now That's What I Call Music Vol. 7*	**Vários** (Virgin EMI)
8	(N)	*Somewhere in Time*	**Iron Maiden** (EMI)
9	(N)	*Communards*	**Communards** (London)
10	(N)	*Talking With the Taxman About Poetry*	**Billy Brag** (Go!)

Compactos (GB)

1	(N)	'Rain or Shine'	**Five Star** (Tent)
2	(1)	'Don't Leave Me This Way'	**Communards** (London)
3	(N)	"True Blue"	**Madonna** (Sire)
4	(9)	"Word Up"	**Cameo** (Club)
5	(N)	'You Can Call Me Al'	**Paul Simon** (Warner Bros.)
6	(N)	"Every Loser Wins"	**Nick Berry** (BBC)
7	(N)	'Thorn in My Side'	**Eurythmics** (RCA)
8	(2)	'We Don't Have To'	**Jermaine Stewart** (10 Virgin)
9	(N)	"I've Been Losing You"	**A-ha** (Warner Bros.)
10	(N)	"Walk This Way"	**Run DMC** (London)

LPs Independentes (GB)

1	(N)	*Blood and Chocolate*	**Elvis Costello** (Imp)
2	(1)	*Kicking Against the Pricks*	**Nick Cave** (Mute)
3	(4)	*Ungovernable Force*	**Conflict** (Red Rhino)
4	(7)	*Watch Your Steps*	**Ted Hawkins** (Windows of the World)
5	(N)	*Brotherhood*	**New Order** (Factory)
6	(2)	*The Queen is Dead*	**Smiths** (Rough Trade)
7	(10)	*Holy Money*	**Swans** (K422)
8	(N)	*On the Boardwalk*	**Ted Hawkins** (American Activities)
9	(N)	*Filigree and Shadow*	**This Mortal Coil** (4AD)
10	(3)	*High Priest of Love*	**Zodiac Mindwarp** (Food)

Compactos Independentes (GB)

1	(8)	"Shame of the Nation"	**New Order** (Factory)
2	(N)	"Peel Sessions"	**New Order** (Strange Fruit)
3	(N)	"Wonderfull Life"	**Black** (Ugly Man)
4	(N)	"Those Dickie Davis Eyes"	**Half Man Half Biscuit** (P Plus)
5	(N)	'Sunrise'	**Godfathers** (Corporate Image)
6	(6)	'Come Here My Love"	**This Mortal Coil** (4AD)
7	(N)	Hang Ten"	**Soup Dragons** (Raw TV Productions)
8	(1)	A Question of Time	**Depeche Mode** (Mute)
9	(N)	"Starpower"	**Sonic Youth** (Blast First)
10	(N)	"A Screw	**Swans** (K422)

COMPRE HOJE O EQUIPAMENTO DE SOM QUE OS JAPONESES E OS AMERICANOS SÓ VÃO TER O ANO QUE VEM.

A Nashville está fazendo um lançamento inédito não só no Brasil, como no resto do mundo. o Multi Ampli um aparelho revolucionário que possibilita amplificar separadamente os graves, médios e agudos E ainda por cima, eliminar as deficiências comuns a qualquer caixa acústica, aumentando em muito a pureza e a qualidade de som

VEJA SÓ O QUE VOCÊ ESTAVA PERDENDO NO SISTEMA CONVENCIONAL.

Não importa se sua aparelhagem de som é nacional ou estrangeira, o som que sai dos seus discos ou fitas provavelmente não é o mesmo que chega às caixas acústicas
Toda a pureza e a fidelidade ao som original se perde no caminho. O motivo é que o amplificador envia de uma só vez os graves médios e agudos Ao chegar às caixas todos esses sons têm que passar pelo divisor de freqüências.
O divisor de frequências é a porta de entrada das caixas acústicas
É ele que distribui os graves, médios e agudos para os alto falantes
Só que este divisor de freqüências tem recursos limitados Ele é chamado de divisor passivo porque é incapaz de perceber as nuances entre os graves, médios e agudos
Ele pode, por exemplo, mandar com a mesma intensidade os diferentes sons para os diferentes alto-falantes

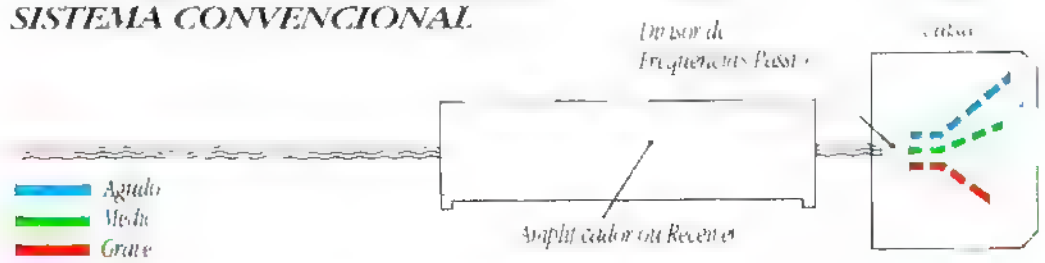
ADEUS GRAVES! ADEUS MÉDIOS! ADEUS AGUDOS! ADEUS TWEETERS!

Com tudo isso os sons médios e agudos jamais chegam aos seus ouvidos de forma límpida ou transparente
Os graves perdem o impacto
E você perde também a noção de espacialidade ou seja a sensação de ouvir os instrumentos reproduzidos na exata posição em que eles foram gravados, de tal maneira que o som preencha toda a sala
E finalmente você acaba perdendo os tweeters porque o divisor manda para eles os agudos na mesma potência dos graves e médios E os tweeters acabam queimando

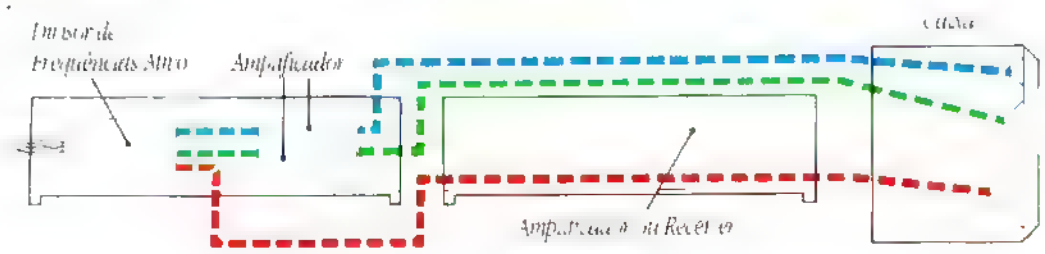
BEM-VINDO MULTI AMPLI!

Com o Multi Ampli nada disso acontece
O Multi Ampli incorpora num único aparelho um sofisticado divisor de frequências ativo e dois amplificadores stereo
Somados ao amplificador existente no seu aparelho, será possível amplificar separadamente os graves, médios e agudos
E fazer com que o som saia direto dos amplificadores para os alto falantes, dispensando o divisor de freqüências das caixas
Isso garante a fidelidade ao som original, aumentando seu prazer em ouvir uma boa música
A este processo se dá o nome de multi-amplificação global
Até hoje só era possível obter a multi amplificação com a utilização simultânea de vários aparelhos além do seu amplificador de som, você necessitava de um crossover e de mais dois amplificadores de potência
Fazer os ajustes de todos estes componentes era quase uma missão impossível
Era preciso recorrer à ajuda de instrumentos sofisticados usados por técnicos profissionais
E mesmo assim, diante da dificuldade dos ajustes, o resultado obtido deixava sempre a desejar
O máximo que você conseguia obter é aquilo que nós podemos denominar de multi amplificação parcial
O Multi Ampli é uma evolução tecnológica Ele dispensa a maioria dos ajustes porque todos os seus componentes já vem ajustados e calibrados de fábrica
Como você vê, os técnicos da Nashville quebraram a cabeça para que você não precise quebrar a sua
O resultado desse esforço você pode conhecer ao vivo em qualquer Revendedor Nashville
Aliás este é um privilégio que os audiófilos japoneses e americanos não vão ter tão cedo

SISTEMA CONVENCIONAL



SISTEMA MULTI AMPLI GLOBAL



MultiAmpli

NASHVILLE

MICROLOGIC ELETRÔNICA

LANÇAMENTOS

FLAUNT IT — Sigue Sigue Sputnik (EMI-Odeon)

Se não me falha a memória, o rock'n'roll de proveta começou mesmo em 1964, quando o produtor Shadow Morton juntou uma lourinha a duas gêmeas morenas e criou as Shangri-las, o grupo favorito de Claudette Poodle e dos irmãos Reid. Pouco depois, o produtor Don Kirshner quis mamar no veio dos Beatles e criou os Monkees e — depois deles — os deliciosos Archies, tão pré-fabricados que nunca existiram a não ser em desenho animado mas gravaram o compacto que mais vendeu na história da RCA, o clássico "Sugar Sugar".

Nos anos 70 é que a coisa degringolou de vez. David Bowie traçou toda sua estratégia a partir de um novo corte de cabelo e de um novo guarda-roupa para estourar na pele de Ziggy Stardust. Aí o escroque n 1, mr. Malcolm MacLaren, não só fabricou o golpe de-misericórdia-de-mestre dos Sex Pistols como fez um filme ensinando tudo a uma nova geração de farsantes e picaretas em potencial. O crítico Paul Morley aprendeu direitinho e faturou alto com sua cria, o Frankie Goes to Hollywood.

Nesta cartilha que expõe a olho nu todos os mecanismos do show-biz, o principal é o conceito que vai ligar a imagem ao som. Todo mérito a Tony James, a mente por trás do SSS: o conceito da banda, exaustiva e deliciosamente explorado na capa e no encarte, é muito mais substancioso que o som da banda. Assim como os Stooges já tinham feito tudo que os Pistols fariam, dez anos antes, o duo nova-iorquino Suicide (ver *Ao vivo*) já tinha sintetizado o teeno-rockabilly do Sputnik, também com uma década à frente.

Todas as referências certas: Eddie Cochran, Beethoven via *Laranja Mecânica* e Marc Bolan (sua "Born to Boogie" é simplesmente a base de *todas* as faixas de *Flaunt it*). O que têm em comum? A indomesticável arrogância infanto-juvenil. Ou você dança ou começa a apodrecer. *J.A.L.*

TIM MAIA (Continental)

Bem menos influenciado pelos tecnofeiticeiros do funk nova-iorquino do que em seu disco anterior, o grande Tim continua como herdeiro direto do soul primevo de Sam Cooke. Explico: o grande Sam tinha seus LPs sempre divididos ao meio. De um lado, o "balanço"; do outro, as "lentas" baladas. No caso de Tim, a balança pende na base de 3 4 para os baladões desmamados — hits certeiros nas ondas do rádio, porém... nada contra o gênero em si, mas o romantismo é o mais *formulaico* possível. Neste disco aqui, "O Vento e as Canções" é a única que escapa à mesmice.

No minguado setor racha-assoalho há, no entanto, uma pérola já conhecida dos frequentadores de shows do grande Tim: "Do Leme ao Pontal", um delicioso roteiro de *flaneur* praiano que pontua seu passeio com gulosseimas de lanchonete. *J.A.L.*

THE SEER — Big Country (Polygram)

Quando surgiu, em 83, o Big Country era como uma lufada de ar fresco varrendo uma kitchenete mofada — as guitarras que Stuart Adamson e Bruce Watson entrecruzavam eram arrogantes, bombásticas, épicas. As rufadas marciais do baterista Mark Brzezicki eram tornadas mais poderosas ainda pela produção de Steve Lillywhite e pelo chão construído pelo baixista Tony Butler. Este rock de guitarras recuperou o terreno perdido para sintetizadores, mas o BC meio que implodiu. *The Seer* — menos bombástico e mais sutil, graças ao produtor Robin Millar (Sade) — é um disco mais acessível e menos tonitruante. Talvez popularize mais o Campão. *J.E.R.*

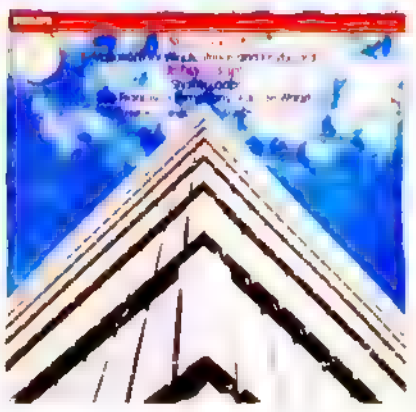
RAT IN THE KITCHEN — UB40 (RCA)

Vai ser uma pena se não rolar o som do UB40 neste verão. Isso se as rádios do país, inclusive "as alternativas", mantiverem sua política de erradicar o reggae das ondas. Vai ser uma pena, porque o UB40 ganha disparado o troféu de melhor bronzeador do ano. Vide bula. Base da fórmula: 6 brancos e 2 negros, reflexo da proporção racial existente na juventude inglesa dos grandes centros.

Ela se mistura pacificamente nos concertos do grupo, que cultiva desde 80 as vibrações positivas plantadas por Bob Marley com adubo da geração *Two Tone* (Madness, Beat, Specials...), e descartando o hermetismo *rasta* para incluir temas políticos e sociais em suas letras. O resultado é a mais acertada química de reggae, dub e pop já fabricada nos três continentes. *J.Y.N.*

HERÓIS DA RESISTÊNCIA (WEA)

Resistência não se sabe bem a quê. Talvez ao bom gosto, à elaboração, a algo mais que o mais leve pop adolescente carioca. Heróis, no caso, devemos ser nós, os ouvintes. O *release* diz que, quando surgiu em 1982, Leoni, ex-Kid Abelha e líder da banda, "era apenas mais um rosto e um contrabaixo". De lá para cá, pelo jeito, o rapaz pouco mudou. Déja vu pra cacete. Apelos sensuais rasteiros, como em "Nosferatu" ("Realizo meus desejos/ Seu gigolô sem culpas") e em "Só pro meu Prazer", numa parceria com a ex-mulher e modelo Fabiana. "Eu te recriei só pro meu prazer", diz a letra, lembrando o machismo anos 80, tipo 9 1/2 semanas de bobeira. Argh! *J.E.M.*



VARIATIONS FOR WINDS, STRINGS AND KEYBOARDS / SHAKER LOOPS — Steve Reich / John Adams (Philips)

A música minimalista — que trabalha com a repetição obsessiva de pequenas células melódicas utilizando pequenas variações harmônicas ou de instrumentação — é, dentre as tendências mais recentes, uma daquelas que têm despertado mais polêmica.

Este disco fornece ainda mais munição para o debate, ao divulgar, no Brasil, as *Variações* de Steve e os *Shaker Loops*, de John Adams, com a Sinfônica de San Francisco mais Edo de Waart — ambas muito características das propostas, feitas por uma geração jovem, visando a renovação da música pós-dodecafonismo. *L.M.C.*

DESTINY — Chaka Khan (WEA)

O fato de Chaka Khan ainda não ter sido eleita a melhor voz negra feminina do pop/rhythm'n'blues norte-americanos é, no mínimo, intrigante. Ela tem muito mais estrada, gogó, carisma, jogo de cintura e malícia vocal do que Whitney Houston, por exemplo, para citar a principal figura negra na ala fêmea do show-biz. Por que será, então, que seus discos não são hits monumentais?

"I Feel for You" — para citar o maior sucesso que teve desde que saiu do Rufus — foi uma ameaça de explosão. E o recente "Love of a Lifetime" pareceu o pavio definitivo. Mas este álbum cheio de caciques (produtores) tira a objetividade. *J.E.R.*

SONGS FOR EVERYONE — Shankar (ECM)

L. Shankar, sobrinho do homem da cítara, Ravi, tem uma experiência mais do que eclética. Seus violinos hindus, elétricos e de dez cordas já soaram em discos ou shows de John McLaughlin ao Echo & the Bunnymen (várias faixas do LP *Porcupine*), passando até por Serginho Dias (!). Em seu trabalho solo, Shankar passeou do pop-jazz (com produção de Frank Zappa) ao glacial *jazz ECM*. No qual, diga-se, consegue injetar muito mais interesse do que o costumeiro.

Songs for Everyone é um achado "químico": Shankar programa uma simploria (e simpática) *drum machine*, e providencia a base para seus próprios solos e os do abominável homem das neves, o saxofonista Jan Garbareck. Emoldurado pelo ritmo mecânico, o infeliz sax de Garbareck — em geral um chato irremediável — reage bem, tornando-se tragável e até interessante. Zakir Hussain e Trilok Gurtu entremeiam percussão hindu e jazzística, e o resultado (particularmente nas três faixas em que a maquininha rítmica está ligada) é *fusion* de boa qualidade (coisa rara). *A.A.*

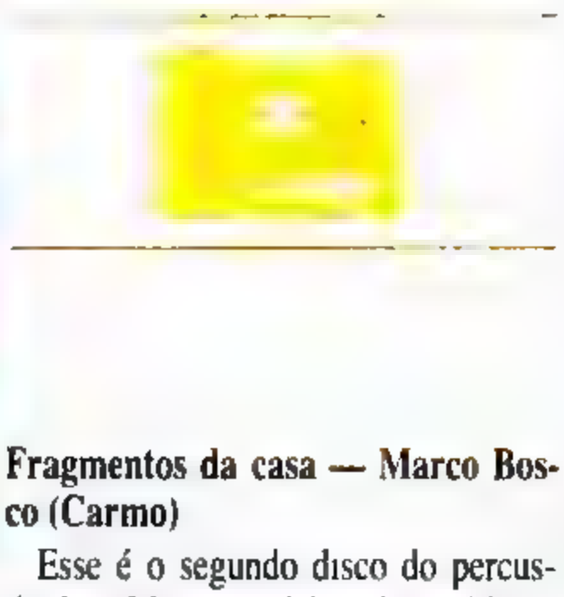
RUSSIAN ROULETTE - Accept (CBS)

Aqui, roleta-russa não é aquela estúpida prova de coragem de um revólver com uma bala no tambor contra nossa indefesa cabeça. É apenas mais um urrante trabalho do napoleãozinho alemão Udo Dirkschneider e seus asseclas. Apesar de algumas "chupadas" musicais eu gosto sempre do trabalho dos guitarristas Wolf e Jung (como em "Monsterman" e na faixa título) mas isso não melhora muito a coisa. O pique é bom, os efeitos estão certinhos, os solos e andamentos também, mas não sinto no disco um maior impacto. Essa roleta-russa também não agradou na Inglaterra, e é de lá que vem a acusação de ter o grupo se tornado comercial depois de um contrato com uma grande companhia. Fica devendo. *L.R.*

MORRISON HOTEL — The Doors (WEA)

Nos *Lançamentos* do mês passado, eu escrevi que este era o pior disco dos Doors — e mesmo que isso signifique alguns degraus acima de 99% de três décadas de rock'n'roll não justifica um relançamento. Isso não é nem opinião pessoal. Há um consenso implícito de que eles não fizeram nada mais luminoso que os dois primeiros (*Doors e Strange Days*) e o último (*L.A. Woman*). Na pior das hipóteses, a WEA podia ter soltado *Absolutely Live*, para expiar o pecado de tê-lo lançado vergonhosamente pela metade e *sem* a capa original, há anos e anos.

A tempo: o melhor deste disco está na coletânea recém-lançada. *J.A.L.*



Fragmentos da casa — Marco Bosco (Carmo)

Esse é o segundo disco do percussionista Marco, músico de estúdio e membro da banda de Sá e Guarabyra. Nada de música instrumental convencional: como todo produto da egbertiana produtora Carmo, traz semelhanças muito grandes com o som da gravadora ECM. A novidade é que o disco é mais rico e moderno que alguns dos outros lançamentos da Carmo, e a batuta do maestro Gismonti está menos rígida e onipresente.

O trunfo de Marco é a mistura de sintetizadores com instrumentos de percussão bem brasileiros, como o berimbau. Assim, muitas músicas lembram "colagens" musicais, com paredes formadas por *synths* e tambores. Além disso, há muitas músicas mais "concretas", com participação de banda (destaque para o piano de Paulo Calasans). No geral, um disco bem produzido e cativante.

Alexandre Dines

CADÊ AS ARMAS? — Mercenárias (Barulho Al...)

Clemente, dos Inocentes, ficou fascinado quando ouviu este disco pela primeira vez. Edgard, do IRA', é suspeito. Já foi *um* Mercenária (epa!) de 82 a 84, participa da produção e de cinco das dez faixas desta onze histórias (em quadrinhos) urbanas até a alma e curtas (cada lado tem cinco faixas e pouco mais de 9 minutos), que produzem o efeito de dedos enfiados na tomada. Como esta página não é vinil, selecionamos alguns instantâneos executados por Ana, Sandra e Lou e falados gritados berrados cantados por Rosália. "A polícia só vem. Onde não é chamada, ela vai também..." "Estiletes na mente. O eu fragmentado. Amor inimigo. A solidão é um fato..." "Corremos muito mais e aceleramos. Como um fliperama pervertido."

O som é rico e sujo a gosto. Mas, onde Akira S e Fellini passaram abrindo espaços com teclados e economia de instrumentos, as Mercenárias, após quatro anos de espera, foram com tudo. Apesar de alguns malabarismos de estúdio, os instrumentos acabam se atropelando na entrada dos canais e ficam achatados. Mal esta mania constante de tudo entrar em curto-circuito. No encarte, uma explicação possível, agradecimentos às academias Pegaso de musculação e Shao Lin de kung fu. Nesta matéria está concentrado o que São Paulo deu de melhor ao rock. *Jean Yves de Neu...*

LANÇAMENTOS

TREASURE — Cocteau Twins (RCA)

Não faz a menor diferença que este álbum seja de 1984. A aceleração do tempo digital que estamos vivendo transforma estes meses em décadas, mas Cocteau Twins — a concepção — é atemporal. Para falar deste *Treasure*, me sinto tão pouco à vontade quanto um guia descrevendo um monumento maia recém-descoberto no meio da floresta da Guatemala, lugar que o quadro-capa realizado pela 23 Envelope evoca com perfeição. Se as letras destiladas pelas vozes de Elizabeth Fraser escapam da sua compreensão, basta preenchê-las com a leitura de contos fantásticos, por exemplo. Com este disco, não há muitas soluções. Ou conto em detalhes tudo o que Robin Guthrie, Simon Raymonde e Elizabeth já fizeram, estão fazendo e vão fazer, ou solto literatura para cima de vocês. É nisso que dá tentar descrever um monumento, explicar o inexplicável. A beleza. Uma beleza que vem do folclore da Idade Média, chupa tudo da música polifônica da Renascença, pirateia o barroco de Monteverdi a Bach, se nutre dos *lieder* de Mahler e flerta com Siouxsie and the Banshees. Erudito e simples. A sofisticação do gato.

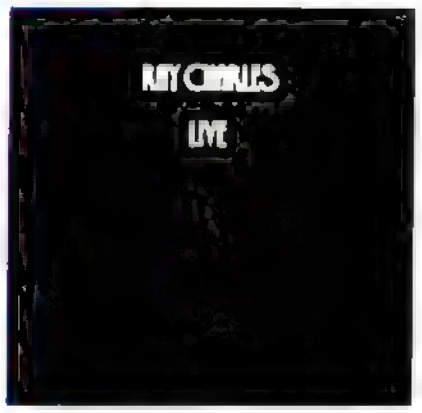
Treasure é o resultado de meses de trabalho em estúdio, que permitiram alcançar aquele equilíbrio tão procurado entre o acústico e o elétrico, o etéreo da(s) voz(es) e das guitarras com o peso das sonoridades surdas do contrabaixo e da bateria, presentes para sublinhar o mistério. Mistério dos sons deformados, ouvidos no fundo do mar, com ruídos das ondas deslizando sobre as praias sonoras dos sintetizadores, e os sussurros da fada Elisabeth. Ela é responsável pelos nomes alegóricos das músicas ("Beatrix", "Persephone", "Pandora", "Aloysius", "Donimo") que rege com suas cordas vocais. O resto segue. Aqui termina a visita do monumento e a tortura do crítico. As obras de arte são implacáveis. *J.Y.N.*

CAYMMI'S GRANDES AMIGOS — Nana, Dori e Danilo Caymmi (EMI Odeon)

É uma ação entre famílias — todos os rebentos de Dorival Caymmi reunidos num LP produzido pelo patriarca. Mas a complacência que se esperaria de uma empreitada desta natureza não comparece — pelo menos não transparece. O resultado é um encontro musical de gigantes.

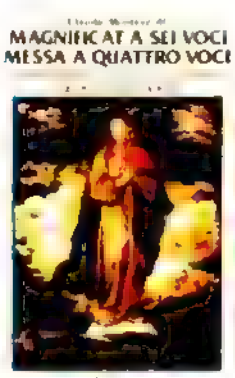
O repertório é exclusivamente *by* Dorival, exceto "Velhas Estórias", co-autoria do filho Danilo. E a maior parte dos clássicos praieiros do Caymmi-pai estão aqui — "João Valentão", "Dora", "O Mar" e "Das Rosas", por exemplo. O velho Caymmi, além de produzir, empresta voz a algumas faixas, mas o grande brilho vocal é, sem dúvida, de Nana.

Até hoje não vi bem dimensionada a real avaliação da voz de Nana — na verdade, um vozeirão potente e muito bem dominado que empresta candor a passagens sutis e calor a picos de interpretação. *J.E.R.*



LIVE — Ray Charles (WEA)

Depois de muito tempo, uma antologia de Ray Charles que escapa da repetição de seus grandes hits, como "Georgia on my Mind" ou "Stella by Starlight". Aqui, em gravações realizadas em 1958/59, o cantor aparece em canções pouco conhecidas por nós em sua interpretação, como "Yes Indeed", de Sy Oliver, "Blue Waltz", de Max Roach, "The Spirit Feel", de Milt Jackson, ou "Sherry", do excelente sax barítono Hank Crawford, presente em todas as 15 faixas. O vocal é das Raylettes e Charles passa pelo hard bop, gospels e rhythm'n blues desfilando o vigor de quem, embora na estrada já há alguns anos, era então uma estrela em ascensão. A banda era um septeto, que mais tarde seria substituída por formações maiores e por vezes pretensiosas e melosas. Além, ainda, de superclássicos como "I Got a Woman" e "A Fool for You" (ambas de Charles), o disco vale por ser um dos raros registros do mestre ao vivo, dentro de uma vastíssima discografia. Um dos grandes lançamentos do ano. *J.E.M.*



COLEÇAO SERENATA — Autores dos seculos XIV a XVIII, em 11 LPs (Polygram London)

A música cortesã em Viena e Florença no final do período Renascença, as canções que os cruzados ouviam ao seguir para a Terra Santa, as alemandas e galhardas que animavam as festas na corte londrina do rei James I: um fascinante panorama da música antiga — do canto gregoriano medieval à plenitude do Barroco com Bach e Haendel — é o que nos oferece a coleção *Serenata*.

Entre seus onze volumes, lançados pela Breno Rossi de São Paulo, há gravações excepcionais, como a versão Munchinger do *Oratório de Natal* de Bach; o disco que reúne o *Magnificat a Seis* e a *Missa a Quatro* de Monteverdi, regidos por George Malcolm; o que o Early Music Consort, de David Munrow, dedicou às peças compostas por Senfl e Isaac para a corte de seu mecenas, Maximiliano I da Áustria; ou o que contém as pavanas, frottolas e ballos com que Tromboncino, Marenzio ou Cavalieri animavam a vida florentina na época dos Medici.

Mais ainda que devido a seu aspecto didático, a coleção *Serenata* vale pelo prazer que dá ao permitir-nos conhecer a música eternamente jovem escrita por esses artistas de um remoto passado.

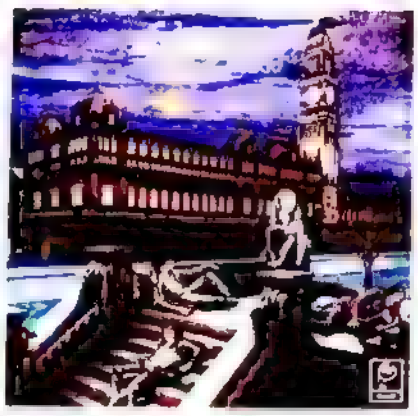
Lauro Machado Coelho

RIO ACIMA — Marlui Miranda (Memória)

Mais um trabalho de grande consistência de uma das maiores pesquisadoras da música brasileira. Marlui é também cantora de voz firme, boa no violão, cavaquinho e percussão. Companheira por dois anos de Gismonti na banda Academia de Danças, aluna de clássico com Turíbio Santos, acompanhante do pirado Jards Macalé, Marlui recria neste disco sucessos como "Na Asa do Vento" (antes gravada por Caetano), com belo acompanhamento de sopros do grupo Papavento (lamentavelmente desaparecido), ou "Volto pra Curtir", um baião dos bons tempos de Macalé/Wally Salomão. "Na Zagaia" vem toda ponteada pelo oboé de João Cuca e "Tininim", de parceria com o cartunista Ziraldo, é um gostoso "funk indígena", como ela mesma o caracterizou. A cantora resgata também temas folclóricos como "Morena Bonita", canção composta por um seringueiro anônimo do norte — uma bela melodia cuja letra retrata o cotidiano nos seringais. Marlui Miranda toca tão pouco no rádio. Devia tocar muito, muito mais. *J.E.M.*

TINDERBOX — Siouxsie & the Banshees (Polygram)

Em seu oitavo LP (descontados o álbum ao vivo e a coletânea de *singles*), os Banshees e Siouxsie continuam a traçar uma longa trajetória, do punk ao pós, com um trabalho de qualidade. Melhor ainda, em *Tinderbox* a vaga deixada pelo guitarrista John McGeoch (atualmente no PIL), que não tinha sido bem suprida nem por Robert Smith, parece ter encontrado seu ocupante. John Carruthers, saído do Clock DVA (sorte dos Banshees e azar dele: *Advantage*, o último do Clock, figura tranqüilo em qualquer lista de melhores discos dos últimos dez anos), é um bom catalizador dos sugestivos climas construídos por Steve Severin (baixo) e Budgie (bateria). Sem a beleza límpida das canções de *Kaleidoscope* ou a intensidade de *Juju*, Tinderbox inscreve, ainda assim, duas músicas entre as clássicas da banda: a ótima "Cities in Dust" e "Candyman". *A.A.*



GOLPE DE ESTADO (Baratos Afins)

É um golpe no estado acomodado das coisas do rock nacional atual. É um hard feito por gente experiente (que abriu para Police e Peter Frampton no Brasil, que já tocou na Europa, inclusive em um duro estágio londrino) e de boas influências (quem não as tem de alguma forma?). E sabem por onde trilham, boa interpretação, letras razoáveis e atualizadas com o cotidiano dos grandes centros urbanos. E na parte instrumental nada de muito esporro e solos intermináveis. Só o suficiente/eficiente e objetivo. E a Baratos continua inventando: lado A em 45 RPM e o B em 33. E que se saiba levar o barco, falta pouco.

L.R.

WALK THE WEST (EMI-Odeon)

O rock fundamentalista norte-americano vai de vento em popa, singrando teimosamente o mar de modernidade dos anos 80 com sonoridades cruas, básicas, e receitas caseiras bastante cativantes.

Entre os novatos deste páreo corre o quarteto Walk the West, de Nashville — rock sulista que abre mão do preciosismo enciclopédico dos Allman Brothers para abraçar a fúria fanha e byrdiana de Tom Petty, com guitarras cantantes e muita gaita. *J.E.R.*

WALKABOUT — The Fixx (WEA)

Na primeira faixa o som é algo parecido com o do Queen. No disco passado, tentaram soar como algo entre Police e Men at Work. Não conseguiram nada. E pensar que o Fixx começou a carreira com um disco interessante, *Reach the Beach*. Aqui ele atira para todos os lados tentando chegar a alguma praia da moda, botando quase por água abaixo as boas composições, ótimas letras e a proposta inicial de ser apenas um competente grupo tecnopop. Sem maiores exigências, o disco pode ser curtido. *T.L.*

A ÚLTIMA NOVIDADE — Banda 69 (CBS)

Os primeiros contatos que tive com a Banda 69 de Brasília mostraram a tendência humorística e marota (meio ao estilo João Penca & Miquinhos) a começar pelo nome. Quando soube que Leo Jaime entrara no circuito, imaginei: lá vem rock'n'roll dançante e divertido. Ouvindo este disco frustraram-se as expectativas. O humor está pouco presente e, óbvio, houve tentativa de usar elementos negros que não casaram e praticamente nenhuma faixa convida ao mexer dos quadris. O que será que aconteceu? Ficou mais pra 69 (o ano) sem pique. *T.L.*

FULL FORCE (CBS)

Na nova onda funk, que se iniciou a partir de 84 nos Estados Unidos e pegou, por tabela, a velha Inglaterra, o Full Force não é grupo do primeiro time. Mesmo assim, sem ser como os Fat Boys e o Run D.M.C. — para citar dois bem expressivos —, o Full Force tem bastante balanço, aproveita com certa criatividade os recursos eletrônicos. Só não é nada radical — ainda lembram um pouco a outra geração, como Kool & the Gang e S.O.S. Band. Estão mais para "charme" do que para hip hop pesado.

Nesse disco *début* contam com a força de quem começou junto com eles (UTFO, Real Roxanne, Cult Jam) na faixa "United", e dão resposta à música "I Wonder If I Take You Home", de Lisa Lisa, com "Girl If You Take Me Home", a melhor faixa. Agora a CBS fica nos devendo L.L. Cool J. *T.L.*

CABEÇA DE NEGO - João Bosco (Polygram)

Seguindo a trilha de seu LP anterior, *Gagabirô*, João Bosco mostra que não está no ramo para repisar fórmulas, nem que sejam de sua própria autoria. Para isso, resgata a tradição africana com a abrangência de um antropólogo mas disposto a usá-la como matéria-prima, e não embalá-la em um frasco de formol.

Mas o que faz deste disco o melhor a ser lançado aqui este ano é sua preocupação com timbres e texturas, ou seja, as boas intenções e as ótimas composições não sucumbiram ao estúdio. Os planos estão todos abertos, os instrumentos estão realçados e encorpados por serem esparsos. Voz e violão soberanos, um imperativo quando se constata que João Bosco é, além de tudo, um grande instrumentista

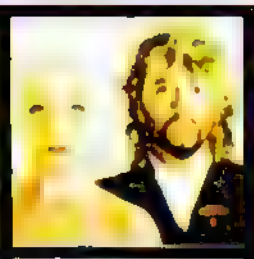
Resultado: *Cabeça de Nego* vem se somar a uma linha de sincretismo pop no samba que reúne trabalhos tão distintos como os de João Gilberto, Jorge Ben e Martinho da Vila (este, inclusive, é parceiro de João Bosco na faixa "Odilê, Odilá")

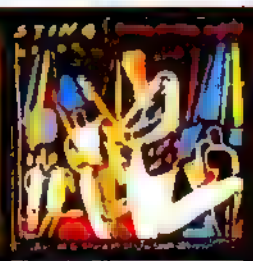
Merece uma atenção especial o jogo de timbres entre o violão e o baixo elétrico (de Nico Assumpção) em "João Balaio". Mas o que interessa é que o disco é coeso e uno, coisa rara nestes tempos de "músicas de trabalho" cercadas de encheção de linguiça por todos os lados. *J.A.L.*

RAPIDO & RASTEIRO RAPIDO & RASTEIRO

Vamos lá, cada vez mais rasteiros e menos rápidos — e devagar, devagar. Uma das (poucas) boas novidades é o lançamento nacional dos furiosos **Garotos Podres, MAIS PODRES DO QUE NUNCA** [illegible] nha circulado regionalmente (veja Lançamentos, BIZZ 4) [illegible] Na área do jazz dois equívocos opostos e complementares: a aridez gelada de **Jan Garbareck** em **IT'S OK TO LISTEN TO THE GRAY VOICE** [illegible] palhado do **Spyro Gyra** em **BREAKOUT** (WEA). O melhor ainda é ficar com **ONE NIGHT WITH BLUE NOTE VOL 4** [illegible] shows da reativação do lendário selo. Este volume traz a banda de Charles Lloyd (ex-saxofonista do grupo de Cannonball Aderley) secundado por Jack de [illegible] **ANTHEM** (RGE) e um grupo japonês de alto nível técnico, mas de [illegible] **Made in Brazil** [illegible] **PIRATA** [illegible] São Paulo, em 84. Todos os clássicos da banda em uma gravação razoável bem mixada mas com pouco peso [illegible] a WEA relança, em seu projeto Rock Pesquisa, discos "antológicos" de seu catálogo. Fora os realmente dig[illegible] [illegible] **Chuck Berry** [illegible] **ROCKIT**; **Traffic** [illegible] **SHOOT OUT AT THE FANTASY FACTORY**; **Steppenwolf** [illegible] **AT YOUR BIRTHDAY**, **Neil Young** [illegible] **COMES A TIME** [illegible] **10 FROM 6** do **Bad Company** [illegible] **Patti LaBelle** [illegible] **WINNER IN YOU** (WEA) [illegible] **Ethiopia**, [illegible] **Sarajane**, [illegible] **RIO DE LEITE** [illegible] **CHICLETE COM BANANA** [illegible] **Radio Taxi** [illegible] **MATRIZ** (CBS) [illegible]

BOLSA DE DISCOS





	REVENGE [illegible]	VIVENDO E NÃO APRENDENDO [illegible] WEA	BRING ON THE NIGHT Sting Polygram	[illegible]	BREAK EVERY RULE Tina Turner EMI Odeon	EAT EM AND SMILE [illegible]
Carlos Arruda		●		●	●	●
José Augusto Lemos				●	●	●
Alex Antunes						
José Emilio Rondeau		●				●
José Eduardo Mendonça	●					
Jean-Yves de Neufville						
Tom Leão						

Sublime

Bom

Interessante

Razoável

Lixo

DS1000

LANÇAMENTO

PROGRAMMABLE POLYPHONIC SYNTHESIZER

O primeiro sintetizador polifônico de oito vozes totalmente programavel produzido no Brasil. Projetado com tecnologia exclusiva DIGITONE, marcando uma nova era na indústria eletrônica de teclados. Com o DS - 1000 você poderá criar seus próprios presets e guardá-los por dois anos no banco de programas, mas se desejar alterar algum registro, basta acionar a memória e fazer as devidas modificações criando um novo preset. 64 memórias não voláteis. Desta forma além dos presets que já vêm de fábrica ou a partir deles, é possivel produzir novos timbres e efeitos sonoros. ■ Todos os comandos são digitais e controlados por um único "Display" de programação UP-DOWN ■ DCO - Oscilador digital que gera diversas formas de onda: Dente de Serra e quadrada - 16', 8', 5'1/3 e 4' ■ LFO - Oscilador de baixa frequência com duas formas de onda, Senoidal e Dente de Serra ■ DELAY - Efeito de atraso do LFO. Muito usado em violinos ■ VCA - 8 amplificadores independentes controlados por tensão ■ ADSR I - 8 geradores independentes que através dos controles, Atack, Decay, Sustain e Release, produzem a forma de onda característica do instrumento que se deseja imitar ■ ADSR II - Mesma característica do ADSRI, porém controlados separadamente ■ ENV-POLARITY - Controle de envoltória direta e inversa. Permite variar o efeito do VCF, abrindo-o ou fechando-o ■ WHITE NOISE (Gerador de ruído Branco) - produz um sinal de multiplas harmônicas usado para sons de jatos, helicópteros, ventos uivantes etc... ■ VCF - filtro analógico controlado digitalmente. Permite a modificação do timbre do instrumento. Controlado por Cut-Off Frequency, Resonance e Envelope ■ BANCO DE FLAUTAS - Gerador polifônico das flautas 16', 10'2/3, 8', 5'1/3, 4', 2' 2/3, 2', 1'1/3, que permite combinação entre si através de DRAWBAR Eletrônico, produzindo som típico de órgão de tubos ■ CHORUS - Individual para cada banco, ou seja String, Synt e Flautas ■ BENDER - PITCH - Permite variação de uma oitava para cima ou para baixo da nota musical LA 440 Hz ■ Saída para Fones Stereo ■ Saída Stereo p/ amplificador ■ Entrada de Pedal para Efeito Guide ■ Combinação simultânea entre Flautas, String e Sintetizador ■ 32 presets já prontos de fabrica

Digitone®

End.. Av. do Café, 383/387 Fone: 578-0667/577-9283

Rainha Saveiro. Área de lazer com vista

A Rainha acredita que nas horas de lazer as pessoas querem ficar muito confortáveis. Nessas horas, conte com o Rainha Saveiro.

Rainha Saveiro é o verdadeiro calçado do lazer, com várias opções de cores e toda qualidade de quem tem muita experiência em conforto.

Na praia, no barco, na piscina ou no campo, o Rainha Saveiro combina com descontração, com bom humor, com espírito esportivo. E, principalmente, com a sua vontade de deixar os pés à vontade.

RAINHA

Qualidade que dá mais classe ao esporte.

para o mar.

LANÇAMENTOS

O HOMEM DA CAPA PRETA (1986)

Fotos Estudio Abril

Direção: Sérgio Resende. Com José Wilker, Marieta Severo, Jonas Bloch, Paulo Vilaça.

Baseado na vida do deputado Tenório Cavalcanti, o filme de Sérgio Resende não pretende — ao contrário de todo o cinema nacional de inspiração política — desmitificar o que quer que seja. Ao contrário, investe na fantasia criada em torno do prepotente Tenório, que frequentava a Assembleia de metralhadora em punho. Complementado por um belo trabalho de fotografia, *O Homem da Capa Preta* abre um momento novo no cinema brasileiro, o de investimento no herói nacional. E Wilker é um ator bem talhado para a função, dando consistência ao "homem macho" que desceu do Nordeste para a Baixada Fluminense mandando bala e discurso populista. *A.A*

COMÉDIA

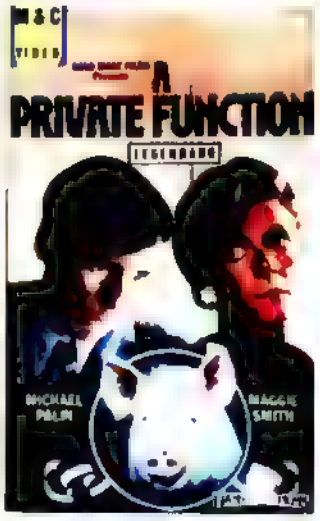
UMA NOITE NA ÓPERA (A Night at the Opera, 1935)

Foto MGM

Direção: Sam Wood. Com Groucho, Chico e Harpo Marx, Kitty Carlisle, Allan Jones

Comédia clássica dos inimitáveis manos Marx — há quem a considere a melhor deles —, mais descontrolados do que nunca. As sequências de humor se alternam com performances musicais cômicas, ao piano e à harpa, especialidade (evidentemente) de Harpo. É neste filme que está a antológica cena da cabine de navio (foto), com Groucho convidando mais e mais pessoas para a sua apertada "festinha". Depois os Marx quase destroem uma ópera, trocando partituras, invadindo o palco, anarquizando os bastidores. Impagável. *A.A*

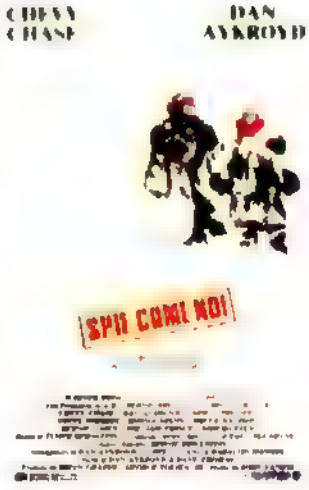
FUNÇÃO PRIVADA (A Private Function, 1984)



Direção: Malcolm Mowbray. Com Michael Palin

Um homem rouba um porco, que seria o prato principal num banquete, durante o racionamento de carne na Inglaterra de 1947. "Que saudade da guerra", diz um personagem à certa altura. O filme é uma sátira de costumes bem construída, que põe em evidência as mesquinharias de uma época difícil, e mostra as artimanhas dos poderosos versus oprimidos para salvar a própria pele. É uma "comédia a sério", às vezes arrastada demais. O cinismo de Maggie Smith rouba o filme: as cenas do porco preso em casa são memoráveis. *C.G.L*

OS ESPIÕES QUE ENTRARAM NUMA FRIA (Spies Like Us, 1985)



Direção: John Landis. Com Chevy Chase, Dan Aykroyd, Steve Forrest, Donna Dixon.

Do diretor de *O Lobisomem Americano em Londres*, uma boa comédia sobre espionagem e guerra nuclear acidental, ao estilo do *Dr. Fantástico* (guardadas as devidas proporções para com o genial filme de Stanley Kubrick). Chase e Aykroyd são dois espiões marretas, lançados em uma missão suicida contra a União Soviética. Tente identificar, fazendo "pontas", convidados especialíssimos, como os diretores de cinema Terry Gilliam, do Monty Python, e Costa Gavras (!!), e o *bluesmaster* B.B. King. *A.A*

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA (Down and Out in Beverly Hills, 1986)

Direção: Paul Mazursky. Com Richard Dreyfuss, Bette Midler, Nick Nolte.

Nick Nolte é o mendigo inteligente que entra por acaso na mansão de uma família milionária e desocupada. Ninguém sabe muito bem o que fazer da vida por lá, nem ele, que tenta se suicidar na piscina. Salvo pelo dono da casa (Dreyfuss), Nolte é "adotado" pela família inteira e abala a (des)ordem instituída. Todos o culpam imediatamente pela crise e acabam se envolvendo com ele.

O que vale mais, o dinheiro ou a liberdade? Essa é a pergunta deste filme, apenas razoável para o gênero. *C.G.L*

TERROR VISION (1986)

Direção: Ted Nicolaou. Com Diane Franklin, Gerrit Graham, Mary Woronov

Com elementos de terror e ficção científica, a estante certa para este vídeo é mesmo a de comédia. Um casal novo-rico e dedicado ao *swing* capta em seu superequipamento de televisão um monstro exilado nas ondas cósmicas (a referência a *Poltergeist* é deliberada). O avô é um maníaco belicista (tem um abrigo antinuclear e um arsenal particular contra os comunistas), o namorado da filha é metaleiro e o monstro é uma gosma nojenta. Imagine a confusão. *A.A*

DRAMA

JUVENTUDE TRANSVIADA (Rebel Without a Cause, 1955)

Foto Siga Press

Direção: Nicholas Ray. Com James Dean, Nathalie Wood, Sal Mineo

Filme básico para entender os anos 50 e a revolta que explodiu nos 60. James Dean é a grande atração do filme, fazendo um rebelde-sem-causa que brinca com o perigo. Aliás, o que não falta no filme são adolescentes crescidinhos à procura de motivos para viver. Por mórbida coincidência com alguns personagens, tanto Dean como Sal Mineo morreram muito jovens. Nathalie Wood viveu mais alguns anos, e morreu alcoolatra, afogada.

O filme mostra o impasse entre gerações, a falta de percepção dos pais e o futuro pouco definido dos jovens. É um reflexo direto da radicalidade daqueles anos. Os que sobreviveram que o digam. *C.G.L*

CRIA CUERVOS (1976)

Foto Abril

Direção: Carlos Saura. Com Geraldine Chaplin, Ana Torrent, Conchita Perez

Na infância, as imagens chegam atropeladas. Saura mostra uma menina atônita num mundo de adultos, descobrindo a morte, a sensualidade, o amor. São sentimentos intensos que parecem envoltos pelo mistério.

Numa cena, ela se imagina no alto de um edifício, pronta para um vôo mortal. Ao seu lado, a avó, muda, com suas recordações, presa numa cadeira de rodas. Os pais estão mortos, mas aparecem conversando com as pessoas, vivos na memória. É impossível distinguir realidade e fantasia, nessa verdadeira viagem pela imaginação. Os *flashes* da estória se embaralham, e o passado e o futuro se confundem. Para quem gosta de sonhar. *C.G.L*

OS CORAÇÕES LOUCOS (Les Valseuses, 1976)

Foto Gaumont

Direção: Bertrand Blier. Com Gerard Depardieu, Patrick Dewaere, Miou Miou, Jeanne Moreau

Eles roubam carros, assaltam senhoras indefesas e dividem a namorada. Depardieu e Dewaere fazem os tais rapazes inconsequentes. É mais um filme de geração, como *Juventude Transviada*.

Madame Moreau é uma ex-presidiária que encontra nos dois rapazes a devida proteção. Mas ela não estava mais acostumada à liberdade e cai fora da história. Isabelle Huppert faz uma pequena ponta, como uma adolescente que ajuda a assaltar os próprios pais. Imperdível. *C.G.L*

Fotos Estudio Abril

MUSICAL

SUBWAY (1985)

Direção: Luc Besson. Com Isabelle Adjani, Christophe Lambert, Michel Galabru

Este filme é, antes de mais nada, o encontro nas telas da dupla de atores mais marcantes da França atual. Com uma boa fotografia e pontos altos na cenografia e na trilha sonora (do barxista Eric Serra, que interpreta a si mesmo na trama), *Subway* só se ressente de uma concepçao "modernínha", de um *nuevismo* já cadaco

Mas o bom desempenho dos atores, em particular o de Michel Galabru, sustenta o interesse numa boa. O veterano Galabru interpreta um comissario de polícia que comanda uma confusa dupla de inspetores, chamados "Batman" e "Robin", às voltas com um bando de figuras exoticas – vagabundos, assaltantes e músicos – que habitam os subterrâneos do metrô parisiense Adjani, em cenas como a da punkette-no-almoço-de-gala, tambem se revela uma boa comediante. O ritmo trepidante faz deste filme um longo clip. *A A*

AVENTURA

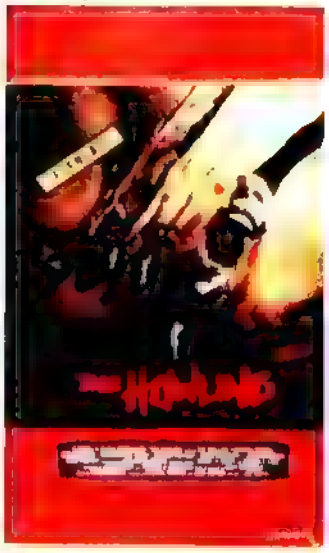
O TESOURO DE SIERRA MADRE (The Treasure of Sierra Madre, 1948)

Direção John Huston. Com Humphrey Bogart, Walter Huston, Tim Holt

"O ouro transforma a alma do homem" é a "moral" dessa história. No início é um filme lento, com uma introdução longa e desnecessária. Na segunda hora de fita, o trio central chega finalmente à Sierra Madre, onde procura ouro... e acha. O perigo de praxe são os bandidos, animais ferozes e a ganância de cada um, que tem em Bogart o seu mais dileto representante. Como sempre, ele se sai bem, com sua cara de sofredor que combina com a mania de perseguição do personagem, que acaba mudando completamente o rumo das coisas. A reviravolta final nas paisagens áridas do México deixa o ouro escapar entre os dedos... Um garimpo para os aficionados. *C G L*

TERROR

GRITO DE HORROR (The Howling, 1981)



Direção Joe Dante. Com Dee Wallace, Patrick Macknee, Dennis Dugan, John Carradine

Um dos precursores do *revival* dos filmes de lobisomem, *Grito de Horror* tem uma das melhores cenas de transformação do cinema, com monstros bem mais convincentes do que os de *O Lobisomem Americano em Londres*, seu contemporâneo

O diretor Joe Dante também tem um certo senso de humor irônico e refinado (comprovado em *Piranha*, um filme que deve ser revisto), e transforma um roteiro abusivo numa excelente trama de terror e suspense. Uma repórter de televisão, investigando uma série de assassinatos sexuais, acaba descobrindo um verdadeiro ninho de lobisomens. A conclusão do filme é simplesmente genial. *A A*

Os vídeos foram cedidos pela distribuidora Manchete e pelas locadoras 2001 Vídeo (tels 284-8019 e 284-8788) e Rentacon (tel. 826-4399)

ISABELLE ADJANI

Foto E. Lanz/Sipa Press

Olhar *blasé*, Isabelle Adjani parece uma deusa grega enfastiada com o mundo. Em 74, sua discrição foi premiada com o Citron (Limão), troféu de antipatia do ano, dado, pela imprensa francesa. Seria ela uma nova Greta Garbo, obcecada pela idéia de privacidade? Nem tanto.

"Estou compondo um tipo fingindo que tenho um segredo. Mantenho uma face enigmática e inexpressiva que me faz parecer ausente para as pessoas que me cercam" — é uma das frases de Isabelle sobre sua participação em *The Driver*, de Walter Hill. Mas poderia ser usada também para seu estilo de interpretação. Afinal "ninguém representa outra coisa a não ser a si próprio, nem que insista em proclamar o contrário" — como ela mesma dá a pista.

Parisiense, ela nasceu em 27 de junho de 1955, filha de mãe alemã e pai argelino. Começou pelo teatro, adolescente ainda, encenando Molière e Garcia Lorca. Com a versão de *Escola de Mulheres* (Molière) para a televisão, foi convidada para integrar a Comédia Francesa. Ficou dois anos e meio e largou o contrato no meio, para fazer *Adèle H*, a filha de Victor Hugo, dirigida por François Truffaut. Por *Adèle H* ela concorreu ao Oscar, mas em vez disso recebeu o prêmio de melhor atriz de 76, da Associação de Críticos de Nova Iorque.

No fim das contas, ela está sempre envolvida num filme de suspense, tragédia ou drama. Não é surpresa que tenha trabalhado com alguns mestres do gênero, como Werner Herzog *(Nosferatu)* ou Roman Polansky *(O Inquilino)*. Por *Possessão*, de Andrzej Zulawsky, foi escolhida como melhor atriz do Festival de Cannes de 81 e ganhou o prêmio Cesar, o Oscar francês. Antes de fazer Eliane, em *Verão Assassino*, ela recusou o papel durante três anos. O filme é baseado num best-seller policial de Sebastian Japrisot. Quando estava no México, filmando *Antonieta*, um estranho filme de Carlos Saura sobre suicídio de mulheres, Isabelle telefonou para o diretor Jean Becker, aceitando o papel. No filme, Eliane é uma jovem que usa a sensualidade para tentar resolver sua origem mal explicada. Acaba envolvida em sua própria teia, feita pelo mesmo mistério que a esfinge Isabelle representa. *Cesar Garcia Lima*

FILMOGRAFIA COMPLETA (os filmes com o sinal * são disponíveis em vídeo): *Le Petit Bougnat* (1970); *Faustine et le Bel Été* (1972); *La Gifle*(1974); *L'Histoire d'Adèle H** (*A História de Adèle H*, 1975); *Le Locataire** (*O Inquilino*, 1976); *Barocco* (*Barocco*, 1977); *Violette et François* (1977); *The Driver** (1977); *Nosferatu* (*Nosferatu*, 1978); *Les Soeurs Brontë* (*As Irmãs Brontë*, 1978); *Possession** (*Possessão*, 1981); *Quartet** (*Luxúria*, 1981); *Répulsion* (1981); *Mortelle Randonée* (1983); *Antonieta* (*Antonieta*, 1983); *L'Été Meurtrier* (*Verão Assassino*, 1983); *Subway** (*Subway*, 1985).

RETROSPECTIVA

86

OS ASTROS DO ANO

O ano já acabou? Pois é, a corrida frenética da folhinha foi tanta que os doze meses de 1986 fugiram tão rápido quanto pintaram. E a atividade no rock, em vídeo, no cinema e no comportamento acompanhou o beat acelarado da valsa dos dias.

BIZZ registrou, tintim por tintim, todos os principais fatos de um ano especialmente atribulado e bem sucedido — afinal, em 86 a indústria fonográfica cresceu cerca de 40% e a demanda por música escalou picos inéditos. Mas será que você se lembra, mesmo, de tudo de importante que aconteceu neste ano? Pra refrescar a memória...

STEVIE

O ano de 1986 premiou, em grande estilo, a ascensão milionária da carreira do ex-menino prodígio da Motown - **Stevie Wonder**. E, vale dizer, o sucesso veio de todos os lados. *In Square Circle*, seu primeiro disco em três anos, é considerado hoje um dos maiores exemplos de tecnologia fonográfica *state-of-the art* Digital, é item de colecionador A canção "Part Time Lover" marcou a vigésima visita de Stevie ao *Top Ten* da revista *Billboard*. Assim Stevie só precisa superar Elvis Presley - 38 hits entre As Dez Mais - e os Beatles - 33

E pela primeira vez em muito tempo Stevie pôs o pé na estrada durante o verão setentrional norte-americano, com uma excursão costa-a-costa, invariavelmente para casas lotadas

O que mais resta a Stevie Wonder - campeão pop desde a infância? Criar o primeiro hit interplanetário?

STONES

Foto CBS

Quando os **Rolling Stones** *lançaram seu álbum mais sanguíneo nos últimos 15 anos,* Dirty Work, *o mundo salivou e gritou em uníssono: "turnê, turnê". Triste desilusão:* **Mick Jagger** *e* **Keith Richards** *trocaram de mau e arremessaram farfas um no outro. Mick ameaçou excursionar solo. Keith ameaçou decapitá-lo. Jagger, então, foi gravar seu segundo álbum solo com o produtor* **Dave** *"Eurythmics"* **Stewart** *e Keith partiu para colaborações. A última delas foi a regravação de "Jumping Jack Flash" com* **Aretha Franklin**, *para a trilha do filme de mesmo nome. Somente em outubro surgiram rumores de uma real tour dos Stones. Para abril de 1987. Apostas?*

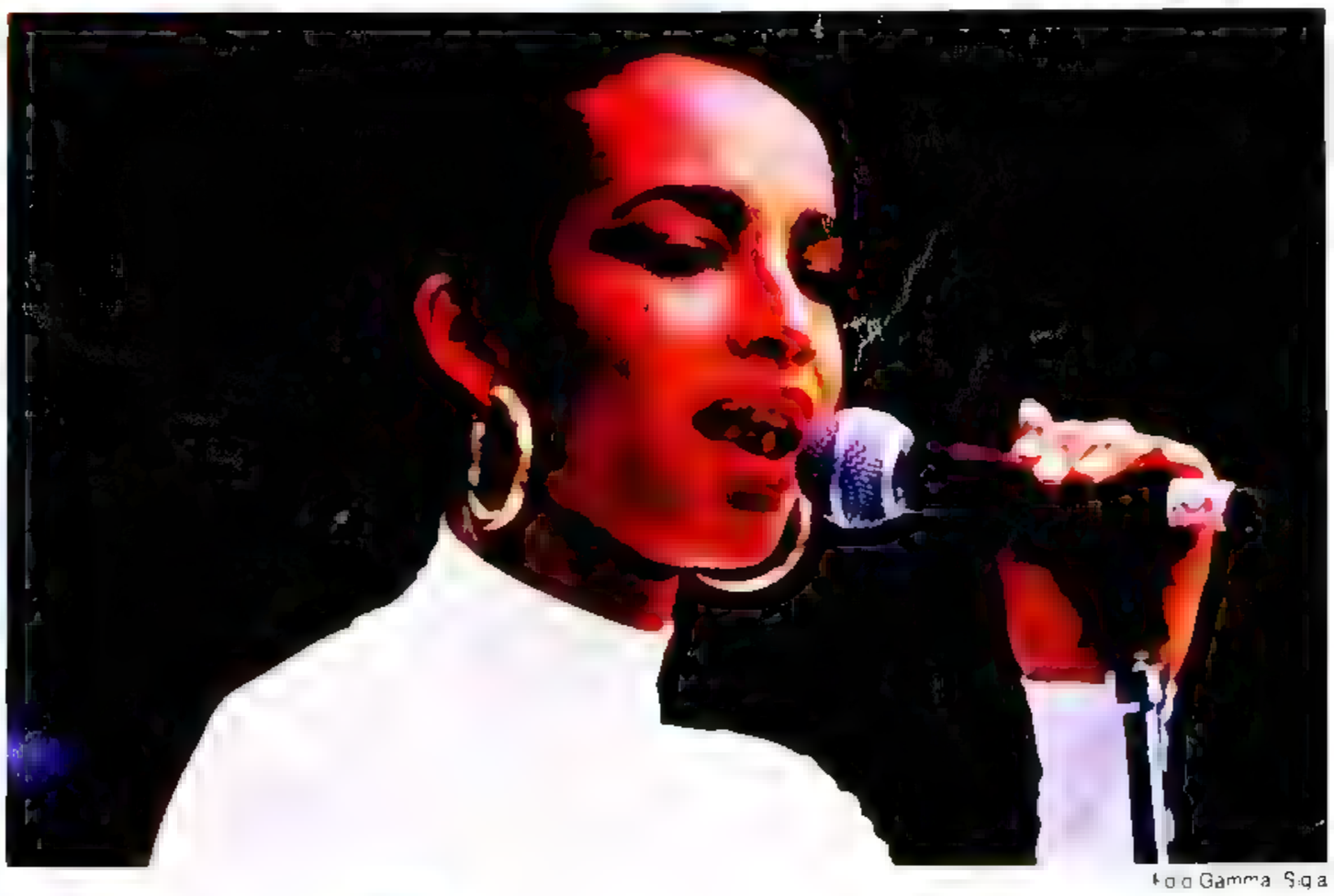


Foto Gamma Saga

SADE

Estrear vendendo mais de seis milhões de cópias não é para qualquer um. Pois foi isso que conseguiu, com sua voz sedosa e cálida, a cantora Sade. **The Diamond Life**, *lançado em 85, arrebatou crítica, público e FMs, impulsionado pelo ritmo envolvente de "Smooth Operator". Quando saiu Promise, em 86, Sade era uma rainha pop que freqüentava com elegância característica as paradas de sucesso e o playlist da MTV.*

Foram poucos os adjetivos para a coração de Sade e dos hits sacados de Promise. O mais comum? Deusa.

RPM

O ESTOURO DO ANO

Nenhum outro grupo de rock brasileiro conseguiu, sozinho, lotar a imensa Praça da Apoteose, no Rio de Janeiro. Nenhum outro grupo de rock brasileiro conseguiu atingir o milhão de discos vendidos. Nenhum outro grupo de rock brasileiro conseguiu levar para os shows de uma excursão três milhões de pessoas. Nenhum outro grupo de rock brasileiro conseguiu lançar um segundo álbum praticamente gêmeo do prodecessor e ultrapassar as vendagens do primeiro. A lista - enfadonha, até, na sua magnitude - poderia se extender. Mas se todo mundo já sabe a resposta - e mais alguns índices indicadores de sucesso - para que, então, fazer suspense antes de dizer que nenhum outro grupo de rock brasileiro conseguiu tudo isto, exceto o RPM?

Fotos Ru Mendes

Foto Claudia Dantas

As fãs em ponto de ebulição, os quaquilhões de artigos escritos, os zilhões de capas de revistas, os ombros de Paulo Ricardo, "London London" seduzindo Caetano Veloso, o show espetacular montado por Ney Matogrosso, a super-infra do grupo, toda esta procissão de tentos já foi tão mastigada pela insaciável *mass media* que por pouco não ficou oculto o maior trunfo do RPM.

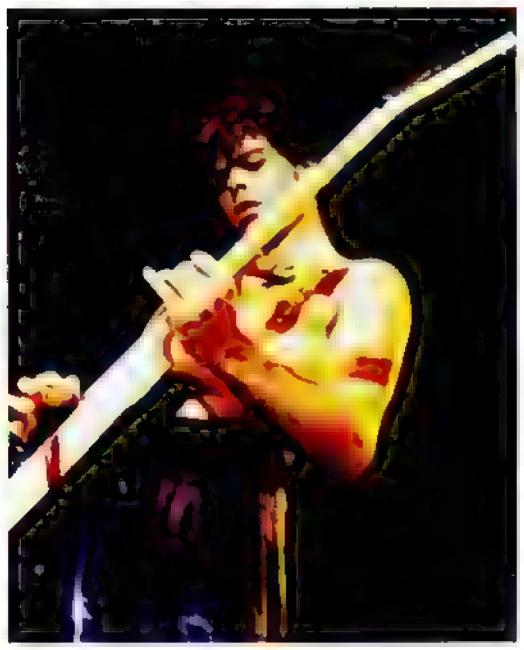
Quando saiu *Revoluções por Minuto* a crítica *desmilinguiu-se em elogios à inteligência poética e à argúcia sonora. Pois é: foi esta sacação que conquistou o país, também. Este foi o estopim do estouro de 86.*

O SHOW

Quem estava acostumado às noitadas que o RPM promovia no Madame Satã e na danceteria Pool levou um sustaço quando o grupo pisou no Teatro Bandeirantes, no inverno de 1985, para estrear o show que Ney Matogrosso arquitetara - raio laser, trocas de roupa, gelo seco. Era um show de gente grande. E de verde almejante ao estrelato, com o show o RPM virou superestrela, aprimorando jogadas cênicas, drama, sensualidade, sedução. Quem viu os shows do RPM em 86 enxergou neles o brilho das estrelas.

O FUTURO

E daqui para a frente, após quase dois milhões de discos vendidos e uma exposição maciça bem próxima da saturação? O que fará o RPM?



Ney Matogrosso sugere que eles desapareçam - para evitar um provável fastio do público. E é, mais ou menos, o que a banda fará.

Em março o RPM dará uma parada para pensar, compor e arranjar o material do próximo disco. Quase ao mesmo tempo a CBS e o RPM começarão a planejar uma investida no exterior, com o lançamento de um LP em inglês nos Estados Unidos e na Inglaterra já dentro dos planos.

Cogita-se o início de uma nova excursão em meados de 87, quando o terceiro álbum do RPM já estiver nas ruas. Cogita-se a filmagem do show de 86, em dezembro, para um vídeo de longa metragem, a ser dirigido por Bruno Barreto, o mesmo que fez *A Dama do Lotação*.

Mas de real, mesmo, só existe o descanso para compor em março. O resto, pode se dizer, são especulações por minuto.

O MITO

Não é exagero algum dizer que Paulo Ricardo é a estrela do RPM. Tampouco seria hipérbole nomeá-lo o ídolo de 86. Suas feições gregas, seus ombros famosos, sua voz rouca e assertiva, seu muchocho sexy, tudo contribuiu para que ele se transformasse num popstar como o Brasil não conhecia desde que Roberto Carlos usava calças Calhambeque.

Ele se tornou aquele barato que as pessoas costumam chamar mito: um personagem maior que a própria vida, um sonho de carne, osso, vinil, papel e videoteipe que embala uma nação de garotos e garotas com promessas molhadas e canções pop. Como mito, não pertence mais a si próprio. E não é pessoa: é fenômeno.

MILTON

Foto Geraldo Luis Gomes

A imprensa européia proclamou, em letras garrafais, que seu verão seria brasileiro. Tudo por causa da verdadeira invasão de talento musical *made in brazil* que andou aprontando por aqueles lados. Gilberto Gil, Gal Costa, Alceu Valença, todos se apresentaram por lá em datas bem próximas. E também houve Milton Nascimento.

Recém-chegado à Europa de uma excursão norte-americana com Wayne Shorter, Milton simplesmente barbarizou. Na verdade, tratava-se da primeira etapa do plano de investida internacional traçado por Milton e sua nova gravadora, a CBS. Juntos, eles pretendem arrombar a porta do difícil mercadão dos Estados Unidos.

Mas os americanos - a julgar pelas ultraelogiosas materionas publicadas pelas revista *Spin* e *Musician* - parecem que estão se apaixonando por Bituca.

Foto Cauda Dantas

JAMES TAYLOR

Num ano de muitas visitas ilustres - afinal, foi o ano do segundo **Free Jazz**, de **B.B. King**, de **Stanley Clarke**, de **Kid Creole**, de **Miles Danis- James Taylor** conseguiu dar o acorde mais harmônico da temporada, com uma mini-temporada no Rio e em São Paulo que culminou com um show ao ar livre, na Praça da Apoteose, para mais de 50 mil pessoas. Os isqueiros acessos durante "Only a Dream in Rio" lembraram ao velho JT um bocado da mágica do Rock in Rio, que inspirou a música.

DYLAN E PETTY

Faltava uma boa oportunidade para **Bob Dylan** e **Tom Petty** trabalharem juntos. Mas ela pintou no verão setentrional quando os dois uniram forças para uma excursão pelos Estados Unidos (após apresentações de "aquecimento" na Austrália). Eles também gravaram um vídeo de longa metragem com o show e Dylan fez um novo e controvertido álbum **Knocked Out Loaded**.

Foto Ebet Roberts (EFI

FACES

Tem gente que é assim. Desde que se divorciou dos **Faces**, *em 75,* **Rod Stewart** *ficava destilando veneno sobre seu antigo grupo. Mas, em 86, Rod resolveu morder a língua. Durante sua excursão Rod reuniu o Faces para algumas apresentações selecionadas. Estavam todos lá -* **Ron Wood, Ian Mac Lagan, Kenny Jones** *e até mesmo* **Ronnie Lane**, *aleijado por um triste caso de esclerose múltipla. E todos se divertiam, cantando velhas canções de dor de cotovelo e de bebedeira Como nos velhos tempos.*

CONCERTO DA ANISTIA

Foto Farmington Sipa Press

Foto Sipa Press

Foto Sipa Press

Mais uma vez o rock, espírito de caridade e política se deram as mãos quando, no final do primeiro semestre, uma série de concertos varreu algumas das principais capitais norte-americanas divulgando o trabalho da Anistia Internacional - fundação ocupada na libertação de prisioneiros políticos no mundo inteiro.

Batizada *Uma Conspiração de Esperança*, a excursão foi inesquecível por reunir tanto talento de alto calibre por uma causa tão nobre. E os momentos altos foram inúmeros. Peter Gabriel levantou as multidões com uma versão eriça-pelo de "Biko". Lou Reed provou ser um astro quando todo o público cantou junto com ele "Walk on The Wild Side". Miles Davis pôs em erupção um vulcão de funk jazzificado. O U2 recriou brilhantemente "Help", dos Beatles, e "Maggie's Farm" de Bob Dylan, mesclada, para a ocasião, com "Cold Turkey", de John Lennon.

E pela primeira vez em três anos - ainda que de cara meio amarrada - o Police se reuniu somente para os shows da Anistia. Quem não viu, perdeu um pouco de História.

MICHAEL JACKSON

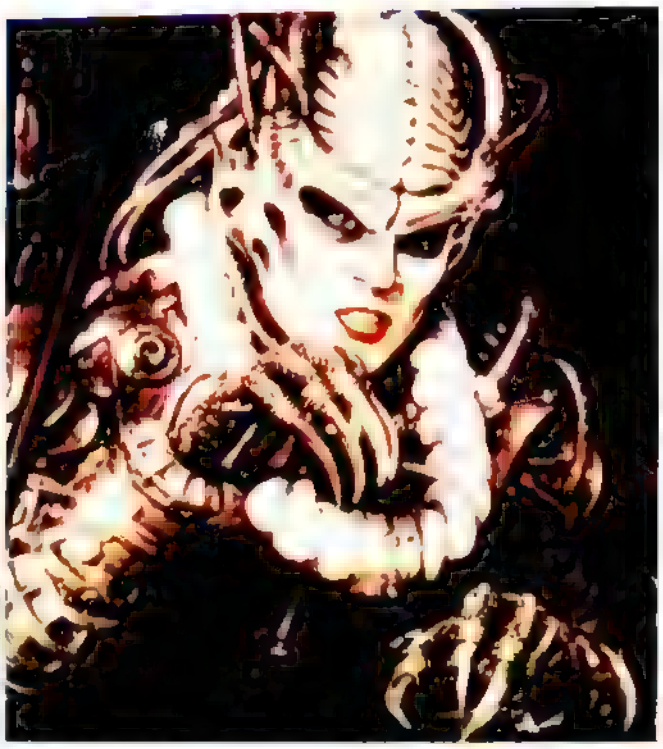


Foto Gamma Liaison

Michael Jackson *sumiu? Nada disso - estava numa espécie de hibernação, pronto para contra-atacar, após os 35 milhões de cópias vendidas de Thriller. Ressurgiu em setembro, quando estreou na Disneylândia e em Disney World o curta Captain Eo, estrelado por Michael, produzido por* **George Lucas** *e dirigido por* **Francis Ford Coppola**. *Em terceira dimensão, o filmete de 17 minutos custou algo perto de 20 milhões de dólares. Logo depois começaram a pipocar notícias sobre o sucessor de Thriller. Mas sairá somente em 1987.*

THE CURE

Quem ficou imune à **Curemania** que se apoderou do mundo inteiro e, em particular, do Brasil? Pouca gente, a julgar pela vendagem do álbum *The Head On The Door* - 200 mil unidades e pela extrema visibilidade que o grupo logrou, com especiais de TV e farto acesso às frequências modulados. Caído, de repente, à categoria de ídolo, após a semi-obscuridade, **Robert Smith** rapou a juba

Foto Tom Sheehan LFI

BOY GEORGE

Foto Fraser Sipa Press

Talvez **Boy George** *esteja querendo ver 1986 pelas costas. Foi sem dúvida, um ano crítico e doloroso para ele. Por pouco a heroína não o destruiu, um músico apareceu morto numa das casas londrinas de Boy, vítima de overdose, o Culture Club se dilacerou e a imprensa sensacionalista, qual urubu, se fartou a valer.*

Felizmente - graças ao apoio de amigos e ao tratamento da doutora Meg Patterson a que está se submetendo - Boy George sobreviveu e promete um novo álbum do **Culture Club**. *Mas para o ano.*

INOCENTES

Foto Ru Mendes

Quem apostou na restrição do punk brasileiro à periferia e a produções independentes perdeu. Prova disto é o quarteto paulista Os Inocentes, que lançou um super mini-LP pela WEA e foi catapultado à fama nacional. Antes Os Inocentes haviam gravado apenas uma participação na compilação punk *Grito Suburbano*.

Foto Gribin LF

WHAM!

As garotas adolescentes nutridas a ídolos pop não passaram fome em 86, mas perderam um ingrediente importante de sua dieta: o duo Wham!, *que se desfez num concerto em Wembley, Londres, no dia 27 de junho. As 75 mil pessoas que estavam lá demonstraram sua lamentação, mas não deixaram de celebrar o derradeiro álbum da dupla:* The Edge of Heaven. George Michael *virou solo act.*

TINA

Os 48 anos da infatigável **Tina Turner** começaram a ser comemorados em maio, quando ela iniciou a campanha da Pepsi que a colocou lado a lado de **Evandro Mesquita**. E prosseguiu, a pleno vapor, com o lançamento do álbum *Break Every Rule* do qual participam **Phil Collins** e **Mark Knopfler.** O melhor é que ela promete vir ao Brasil em 1987

Foto JF1

LOBÃO

"Sou pedante, pernóstico, e uso isso caricaturalmente", disparou **Lobão** *a* **Sonia Maia** *numa entrevista a* **BIZZ**. *Seja lá como for, o fato é que Lobão deu o que falar em 86. Na capa de* O Rock Errou *ele colocou a prima* **Danielle** *nua. Se vestiu, ele próprio, de padre. Os dois se tornaram um casal apaixonado e controvertido, o disco dividiu crítica e público e Lobão se afirmou como um dos personagens mais contundentes do rock brasileiro.*

Foto Gerardo Luis Gomes

SIOUXSIE BANSHEES

Se você quer saber o que Siouxie And The Banshees gravaram em cada disco, dedique quarenta minutos ao Lp Once Upon A Time – The Singles. Esse disco condensa os melhores momentos da banda em rajadas implacáveis. Afinal, Once Upon A Time é um disco que conta uma história com H maiúsculo.

PolyGram

PRINCE

Como diz o ditado, um dia a casa cai. No caso de **Prince** o palácio não chegou a ruir; mas balançou quando o filme *Under a Cherry Moon* se esborrachou no chão, vítima de bilheteria fraca e críticas negativas. O que não chegou a ser um grande problema, já que a trilha do filme, *Parade*, foi recebida com elogios e boa vendagem.

Foto Kevin Mazur

Foto Claudia Dantas

LEGIÃO

Não foi tempo perdido. Os anos de batalha nos porões de Brasília foram recompensados - com juros - com o sucesso obtido pelo **Legião Urbana** na virada para 86. Eleita a Banda de 1985 pelos leitores de **BIZZ**, o Legião Urbana baixou o tom de voz em 86 e resolveu resolver as profundezas do coração com hits do calibre de "Tempo Perdido" e "Eduardo e Mônica". Os shows da banda se tornaram verdadeiros *Happenings*, com **Renato Russo** improvisando letras sobre o acompanhamento de seu violão

MUTANTES

No departamento revival o destaque brasileiro foi dos Mutantes, o trio proto-tudo fundado por Arnaldo Baptista e Sérgio Dias Baptista nos anos 60 e do qual Rita Lee partiria em 74 para uma carreira solo. A Baratos Afins reeditou os primeiros quatro álbuns dos Mutantes e, de longe a mais importante banda de rock que o país já teve e, de quebra, relançou os primeiros discos solo de Rita.

Sérgio, na quebrada, ressurgiu xingando o atual rock feito por aqui, pouco antes de Rita e Roberto de Carvalho assinarem um contrato milionário com a EMI-Odeon.

NANÁ AQUI

Após seis anos de abstinência o público brasileiro pode rever **Naná Vasconcelos** em abril passado, quando o percussionista *extraordinaire* aportou em terras brasilis para uma mini-turnê ao lado de **Tetê Espíndola**. Sozinho, Naná também apresentou um concerto único no parque da Catacumba, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Não ficou muito tempo, porém: retornou aos experimentos que está desenvolvendo com o pernambucano-manhattanite **Arto Lindsay**, brevemente em vinil. Mas, ao que parece, saiu impressionado com a mescla de rock, música brasileira e ritmos africanos empreendida pelos **Paralamas do Sucesso**. Quando o PDS tocou no *Sounds of Brazil*, em setembro, Naná estava na platéia. Se entusiasmou tanto que pulou para o palco e detonou uma *jam* com os Paralamas a essa altura, atônitos.

Foto Gerardo Lins Gomes

TRIANGULAR PULSE.
O SOM PRA CIMA.
SE VOCÊ AINDA NÃO CONHECE
O TRIANGULAR PULSE BRAVOX, NÃO SABE
O QUE SEUS OUVIDOS ESTÃO PERDENDO.
SEUS REPRODUTORES DE MÉDIOS E AGUDOS
SÃO LIGEIRAMENTE ANGULADOS PRA CIMA.
COM ISSO, O SOM DO SEU CARRO
CHEGA AOS SEUS OUVIDOS COM MUITO
MAIS EFICIÊNCIA.
E NÃO É SÓ AÍ QUE O TRIANGULAR PULSE
BRAVOX TOCA FUNDO.
SEU CONE É BRANCO, PARA NÃO ABSORVER
O CALOR DO SOL.
E É IMUNE À ÁGUA QUE DESCE PELA PORTA.
DAÍ A CERTEZA DE UM SOM LIMPO
E EQUILIBRADO POR MUITO MAIS TEMPO.
E TEM AINDA 15 MESES DE GARANTIA,
A MAIOR DO MERCADO.
AGORA ESCUTE SÓ MAIS ESTA EXCLUSIVIDA-
DE DO TRIANGULAR PULSE BRAVOX:
LED PARA VOCÊ VER O SOM
PULSAR NO SEU CARRO.
O TRIANGULAR PULSE BRAVOX É O ÚNICO
ALTO-FALANTE NO GÊNERO QUE VEM
COM LED PARA VOCÊ BALANCEAR
O SOM DO CARRO. ALÉM DE DAR MAIS
CHARME, BASTA VOCÊ
[illegible] PRA VER
[illegible] SOM DO SEU CARRO
[illegible] VIVO DO QUE
[illegible] NUMA BOA
[illegible] UM SOM
[illegible] NO SEU CARRO. O TRIANGULAR
[illegible] FAZ BEM AOS OUVIDOS
[illegible]
alto-falantes
bravox
O [illegible] feito para você.
bravox
Triangular Pulse

ЖИВЫ
ТО МЫ

ЛЮДИ, Э

DAVID BYRNE

O cabeça dos cabeças-falantes, em uma entrevista transoceânica com *Pepe Escobar*

Aqui, Londres. Do outro lado, Nova York. No meio, um oceano, um satélite e um fio de voz anasalado, quase esquizo, entre o sotaque nova-iorquino e um *delay* caipira. Difícil encontrar essa voz: quase um mês de articulações. Mas é ele mesmo, David Byrne, 33 anos, escocês *on the rocks*, criado na aprazível Maryland, EUA, terra da promissão. É um louco? É um gênio? Mais para uma terceira via — budista e ao mesmo tempo, simploriamente, *made in USA*. Um homem simples, tão dividido quanto a taxa de praxe concedida à raça humana.

David Byrne. A face visível — e absolutamente elusiva — dos desconcertantes Talking Heads. O homem que apareceu em 77 com uma canção, *Psycho Killer*, construída em esquema Alice Cooper, e interpretada de uma maneira tão *far out* que virou hino de (pós-trans-hiper-mega-anti) vanguardas de todas as latitudes. O homem que melhor conseguiu transpor a demência uterina da América em *pop songs* assobiáveis e dançáveis. O homem que com *Remain in Light* redescobriu a África para o mundo branco e estruturou o álbum pop afro-americano mais influente entre jazzistas sérios de também todas as latitudes. O homem que vendeu sua esquizofrenia como uma obra de arte da maneira mais inteligente, no universo pop, desde as primeiras manipulações de Bowie. O homem cujos vídeos são patrimônio do Museu de Arte Moderna de Nova York. O homem responsável, junto com o diretor Jonathan Demme, pela melhor performance pop já levada à tela *(Stop Making Sense)*. O homem que revirou os sons do mundo com Brian Eno, revirou o teatro com Bob Wilson, revirou a composição para balé com Twyla Tharp...

O homem que entrou em um conversível vermelho, com um chapéu texano, e penetrou no caroço da demência da América para dela emergir com um filme, um livro e dois LPs, sob o tema geral *True Stories*. David Byrne, ele mesmo, é uma história real, e não uma aventura da imaginação. Embora pareça.

Foto Claude Gassian

Os Talking Heads em seu apogeu criativo, fase que rendeu os LPs *Fear of Music* e *Remain in Light*, produzidos por Brian Eno em, respectivamente, 1979 e 80. Da esquerda: Jerry Harrison, Chris Frantz, Tina Weymouth e David Byrne

BIZZ — *Esse papo tem um objetivo primordial — entre tantos outros. Demonstrar para uma moçada lá no Brasil que você não é um mito. Seu tema atual são "histórias reais", do jeito que você já as tratava nas suas canções. Como é que isso foi parar no cinema?*

Byrne — Há alguns anos eu venho colecionando histórias estranhas, bizarras, entre todos os jornais e revistas que leio. Elas formam a base de *True Stories*, o filme. Demorei dois anos para colocar esse projeto em pé. Depois, com a equipe, demoramos dois meses em filmagem. Em resumo, trata-se de uma série de histórias estranhas que acontecem em torno, e relativas, às pessoas residentes em uma cidade imaginária, Virgil, Texas.

BIZZ — *Fale um pouco dos personagens.*

Byrne — Tem um monte de gente, parece uma história em quadrinhos... Entre os principais, há a *Mulher Mais Preguiçosa do Mundo*, que há décadas não abandona a sua cama. O Sr. Tucker, seu criado, que fica o tempo todo evitando um robô, que vive dentro da casa, e à noite faz cerimônias de vudu em um santuário no fundo do quintal. A *Mulher Mentirosa*, que nasceu com um rabo mágico, sabe a verdadeira razão do assassinato do presidente Kennedy, e compôs quase todas as músicas que Elvis Presley cantou na sua carreira. Há um personagem que lê os traços da personalidade das pessoas, torcendo os seus narizes. Há o *Solitário com Fome de Amor:* ele tem um neon em sua casa, onde está escrito "Procura-se Esposa", e também um comercial na TV — no final aparece: "Ligue *Freefone 544 WIFE*".

BIZZ — *Então nada disso saiu de sua cabeça? Existiu na vida real?*

Byrne — Todas as situações são baseadas em acontecimentos reais.

BIZZ — *Como você montou o filme na sua cabeça, quando a idéia começou a deslanchar?*

Byrne — Eu tinha uma parede cheia de recortes de jornais, que representavam certas cenas, mas nada organizado ainda como um roteiro, com cenas etc... A partir disso introduzi a figura de um narrador, e se armou uma estrutura, onde o personagem principal, que eu interpreto, entra na cidade, encontra os outros personagens e eles montam um show ao ar livre.

BIZZ — *Supondo que deva ter havido farta pesquisa em cima dessas "histórias", e uma adaptação para a tela, até que ponto essas histórias são importantes? Você as colocou na tela porque, no fundo, vê nelas significados adicionais?*

Byrne — Eu não vivo em função dessas histórias, eu apenas gosto de saber que elas existem. A maioria é absolutamente ridícula, daí o seu humor. No fundo, acho que todas elas dizem alguma coisa que não está assim tão óbvia.

BIZZ — *Como você lida com a questão da moralidade? A América basicamente ainda é um imenso império puritano. É por causa disso que seu filme não tem julgamentos morais sobre nenhum personagem, é neutro?*

Byrne — Eu decidi desde o início não tocar em sexo, política e violência, porque todo mundo que vai ao cinema já tem suas opiniões preconcebidas sobre esses temas. Meu principal problema era construir personagens que fossem "reais", que envolvessem emocionalmente a platéia. Sempre achei que é melhor para a platéia, e muito mais divertido, quando ela descobre as coisas por si mesma e faz seu próprio juízo sobre os personagens.

BIZZ — *A América, lá dentro, parece mesmo uma alucinação. Parece que a única coisa que existe no mundo são shopping centers, estacionamentos, siglas de multicorporações e o zumbido da mídia, especialmente da tela da TV. Para não falar do comportamento standard da classe média. Você acha que seu filme é apenas um xerox da realidade, ou existe algo mais além?*

Byrne — Eu acho que a minha é uma visão utópica. Claro que essas enormes corporações estão presentes na vida de todas as pessoas. Mas eu

"Acho que o governo dos EUA está vendendo o país..."

acho que a minha visão é otimista em relação a isso. Eu gosto desse pessoal...

BIZZ — *O que você acha desse neonacionalismo reaganiano, linha Rambo-é-que-está-com-a-razão?*

Byrne — É um truque. É assustador que a maioria das pessoas queira tanto acreditar que isso é verdade. Acho que o governo dos EUA está vendendo o país. As pessoas é que são a verdadeira riqueza do país. Todo império em retração entra em uma jogada muito estranha. Egito, Roma, Espanha, e os EUA agora. Eles sentem nostalgia pelo que foram, porque estão vendo que isso está acabando. A América sempre teve o dinheiro que quis, durante muito tempo. No Texas, o dinheiro saía do chão, jorrava do chão. Quando acabou o trabalho escravo, barato, a América importou mais, do exterior. A expansão acabou. A realidade é outra, e bem mais dura.

BIZZ — *Na sua opinião, o que é mais triste, patético e terrível, tanto na vida real da imensa massa suburbana quanto nesse filme?*

Byrne — O que acontece na cidade-

Está na moda. Está na Sears.

PRIMAVERA VERÃO

Sears

PHILIPS

PHILIPS CD 350

COMPACT DISC PLAYER CD 350 PHILIPS.
A MAIS NOVA VERSÃO DA PERFEIÇÃO.

Com a invenção do som digital a laser, a Philips eliminou todos os ruídos que havia entre a música e a emoção. O som atingiu a perfeição.

Mas a tecnologia Philips preparou outra surpresa: você está assistindo ao nascimento da novíssima geração de Compact Disc Players — o CD 350 Philips.

A superioridade do CD 350 está baseada na introdução dos últimos avanços nas tecnologias digital e laser, como:

- Novo mecanismo laser ultracompacto de feixe único: elimina qualquer erro de leitura óptica.
- Novos Servocircuitos Integrados: trilhagem e foco laser inacreditavelmente precisos.
- Novíssimo sistema de superamostragem quádrupla e filtragem digital: nenhuma imperfeição do disco chega até você. Apenas o mais puro som.

Além de produzir som com a qualidade de uma audição ao vivo, o CD 350 emociona você com outros recursos sofisticadíssimos. Como a programação de até 20 faixas em qualquer ordem, acesso direto a qualquer faixa ou a determinados trechos (Indexes), além de avanço e retrocesso com som audível e 3 velocidades automáticas. Tudo isso comandado através de um painel digital de facílima visualização e avançado design.

Em síntese: o CD 350 é a maior evolução do som digital a laser.

Aperfeiçoar o que é perfeito é tarefa que exige a tecnologia exclusiva de quem inventou essa perfeição.

SOM PHILIPS. A EMOÇÃO DA MÚSICA AO VIVO.

zinha de Virgil é típico da América. Gente simples de interior, anônima, perdida no meio de um vasto continente que não consegue controlar, busca sua afirmação inventando uma característica muito "especial". Ninguém, nem mesmo as corporações gigantescas, pode impedir um sujeito de chegar e gritar: "Alô, todo mundo aí, eu sou o homem que tem uma casa coberta de latas de cerveja amassadas".

BIZZ — *O patético, então, é o tema-chave dessas histórias?*

Byrne — Pode ser, depende da maneira com que são encaradas. Mas acho que é um tremendo ato de coragem dessas pessoas. Elas constroem sua vida a partir do nada. E a transformam em uma obra de arte. É uma arte mais pura do que a criada por muita gente sofisticada.

BIZZ — *Uma curiosidade: você se amarra nos filmes feitos ou produzidos por Roger Corman?*

Byrne — Sim, claro. Vi a maioria.

BIZZ — *Então você deve gostar de monstrinhos absurdos. O filme chega a ter um monstrinho — um pastor fundamentalista, paranóico, que fica falando absurdos em cima de uma batida funk. É apenas um monstro, ou tem um papel especial?*

Byrne — Minha intenção não foi apresentá-lo apenas como monstro, mas como um sintoma do sentimento de impotência dos habitantes da cidadezinha. Essas pessoas sentem que o mundo, a mídia, tudo que existe em sua volta está fora de seu controle. Elas acham que tudo é uma enorme conspiração para lhes tirar o sossego. Não conseguem achar o mínimo de sentido em um mundo tão complexo e incontrolável.

"Acredito em coisas práticas, tangíveis, demonstráveis..."

BIZZ — *Você, particularmente, já chegou a ter uma fé em algo que esclarecesse o mundo — seja religião ou uma doutrina política?*

Byrne — Eu fui obrigado a ir à igreja por um bom tempo, mas não aguentei. O que me interessa nas religiões são os rituais milenares. As pessoas hoje não ligam mais para isso.

BIZZ — *Em essência, você acredita no quê?*

Byrne — Coisas práticas, tangíveis, demonstráveis.

BIZZ — *No filme, você é diretor, roteirista, ator e também fez a trilha sonora. Prince também quis fazer de tudo e deu aquele lixo,* Under the Cherry Moon. *Sting de vez em quando aceita uns roteiros horríveis. Bowie entra em frias tipo* Labirinto. *Você acha que a sua experiência tem semelhança com a deles? Ou é mais clínica?*

Byrne — Nesse filme, ninguém está sendo enganado. Por exemplo, os Talking Heads são embalados em papel de presente. É um jogo com a idéia de que também somos vistos pelo público como um produto. Nós somos um produto, é claro: produzimos pedaços de plásticos e depois tentamos convencer as pessoas a comprá-los.

BIZZ — *As canções de* True Stories *foram escritas para os personagens do filme, e não especificamente para os Talking Heads, não é?*

Byrne — Elas foram escritas para os personagens. O LP de estúdio é como se fosse uma segunda versão, a minha interpretação em cima delas. No filme, apenas uma das músicas é tocada pela banda. As outras ou são cantadas pelos atores em *playback*, ou são tocadas por atores músicos, ou são cantadas por atores em cima de uma trilha instrumental do Talking Heads.

BIZZ — *Por isso resolveu lançar dois LPs, o do filme e o do estúdio?*

Byrne — Sim, porque são completamente diferentes.

BIZZ — *Você cultua* bubble gum music, *ritmos africanos, música oriental, country, concreta... E música brasileira? Você ouve, conhece?*

Byrne — O que mais escuto atualmente é música da América Latina — cubana e brasileira, em especial. Não só nomes conhecidos, mas os ritmos. No rádio, escuto praticamente só country music. Quanto à música pop, não é preciso procurá-la mais. Está em qualquer lugar, a qualquer hora.

BIZZ — *Tina e Chris Franz foram ao Brasil com os B-52 e se amarraram. Você pretende um dia fazer a viagem?*

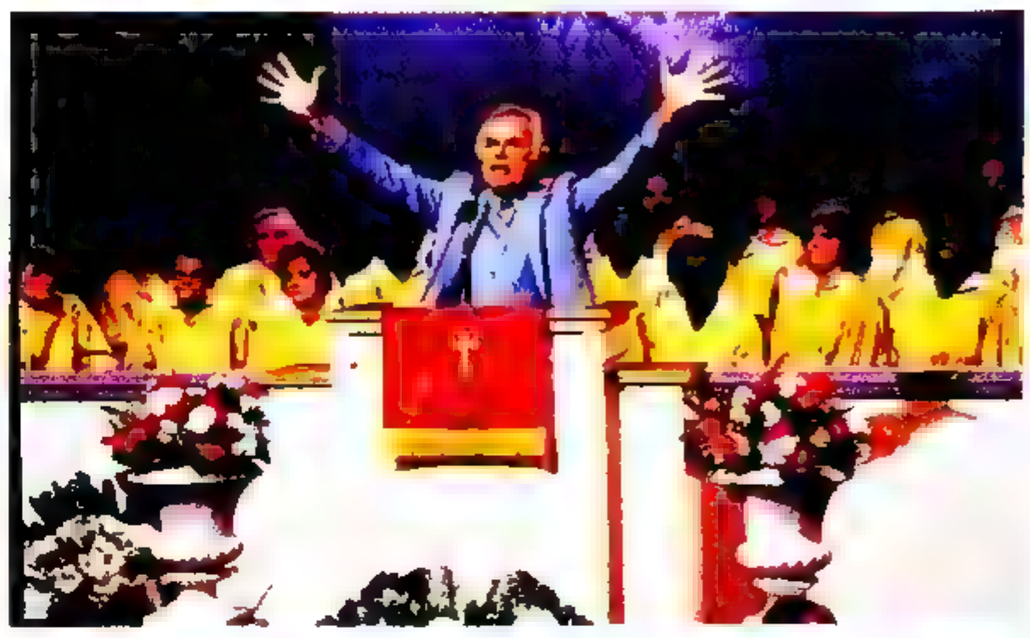
Byrne — Sim, claro, é só talvez passar a campanha de lançamento do filme e dos discos.

BIZZ — *Depois de* Stop Making Sense *a banda praticamente não tocou mais ao vivo. O filme significou o fim definitivo de uma fase? Talking Heads, depois dessa aventura cinematográfica, voltam à estrada?*

Byrne — Agora, o ritmo da banda e sua maneira de encarar uma apresentação ao vivo são completamente diferentes. Estamos pensando em soluções novas — e sem repetir as performances das músicas mais antigas. Vamos voltar a tocar ao vivo, é claro.

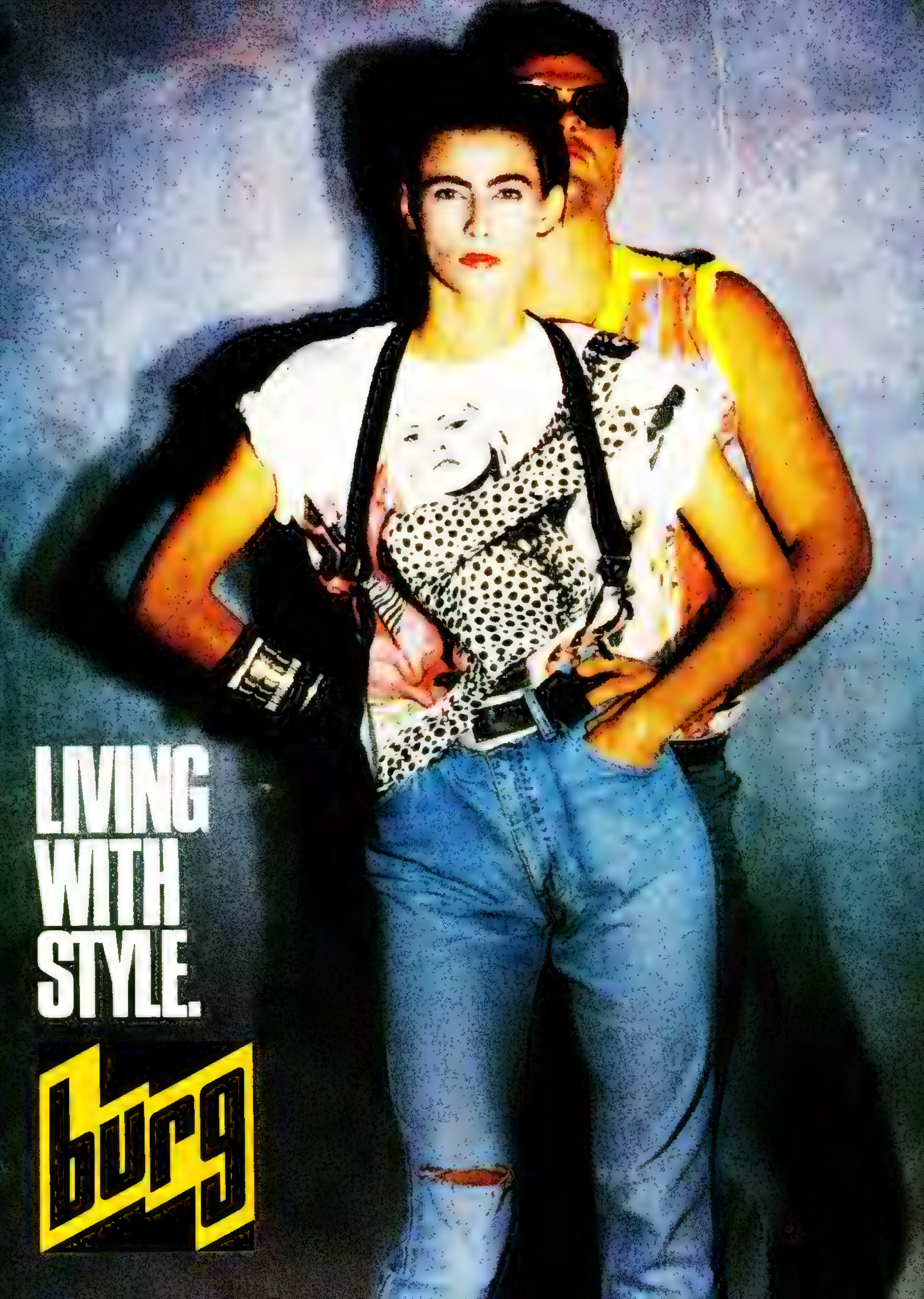
BIZZ — *Você tinha fama — ou lhe atribuíram a fama — de ser um esquizo, ainda por cima inacessível, inabordável. Parece que isso mudou. É o velho tema do amadurecimento depois dos 30?*

Byrne — Pode ser. Comecei a gostar de uma série de coisas que não suportava. Fiquei mais calmo. Não tem mistério, a vida é assim mesmo.



Fotos Cortesia

Na sequência, de cima para baixo, cenas e personagens de *True Stories:* um compêndio de "histórias veridicas" absurdas, ambientadas pelo diretor/roteirista/narrador David Byrne em Virgil, uma cidadezinha imaginaria do Texas


LIVING
WITH
STYLE.
burg

TON SUR TON

CITY WEAR

ECHO & THE BUNNYMEN

SAIU O PIRATA DO ANO! ACHE QUEM PUDER

Um *bootleg* do Echo and the Bunnymen eletriza a Inglaterra. *Pepe* "La Pasionaria" *Escobar* ouviu, babou e jamais se recuperou do choque

Título: *On Strike* (Em Greve). Subtítulo, na contracapa... *Or Songs the Lord Taught Us* (... Ou Canções que o Senhor Nos Ensinou). Banda: Echo and the Bunnymen, os mestres de Liverpool, a maior banda do planeta (depois dos Doors e Velvet, claro). Gravadora: Psychedelic Moose Records. Gravação: em "qualquer cidade, qualquer lugar, em qualquer tempo", segundo os "créditos". Sim, é pirataria, e da braba. E, numa votação através dos tempos, desde o primeiro pirata de Buddy Holly pelos *backyards* da América, esta decretado: este é o melhor já aparecido na Inglaterra, pelo menos nessa década.

Onde achá-lo? Não tem. Se tiver, vai custar o preço de uma discoteca. Possibilidade de encontrar: o mercadinho de sábado da Portobello Road, Londres, na pracinha debaixo do viaduto. Lá — e pelas redondezas — estão entre cinco e seis banquinhas especializadas em pirataria. Desde fitas de shows com diversas qualidades de gravação (do *mixing desk* até microfone de walkman) a albuns duplos com altas fotos de capa, vinil de primeira e *dolby* stereo. Esse pirata do Echo foi comprado de um hippie remanescente, em cuja banquinha havia pelo menos vinte edições diferentes do Cure, adarkalhações mirabolantes do Sisters of Mercy, uns cinqüenta Bruce Springsteen, um duplo dos Cramps de abrir tumba na Transilvânia e uma fartíssima seção *heavy*. O Echo era o último — e, segundo o hippie, quase incontrolável. Seu preço no mercado logo passaria para 50 libras, cerca de 80 dólares.

É, sem dúvida, um show ao vivo. Mas impossível saber onde. A gravação é excepcional para um pirata — sem duvida de uma boa mesa digital. Deve ser de 85, época durante a qual Big Mac e seus coelhinhos andavam tocando o que tocam. E o que tocam, pelas barbas do patrono da Guinness, é de provocar romaria a Liverpool. Nesse vinil das esferas está simplesmente reunida toda a constelação à qual os Bunnymen prestam homenagem e credito desde que nasceram. Tudo em cima: formação original, com Pete de Freitas destruindo na bateria e Big Mac infernal na guitarra ritmica.

Temos "Friction", do Television (album: *Marquee Moon*), o tributo de Mac a Tom Verlaine. Selvagem, uma versão de corar Verlaine, com Mac puxando no sotaque melancólico de cerveja preta. Temos "In the Midnight Hour", clássico soul de Wilson "Wicked" Pickett: *cover* dos Bunnymen há pelo menos três anos, regularmente. Temos "The Big Country", tributo aos Talking Heads. Temos uma bomba, linha Abu Nidal: a dylanesca "It's All Over Now, Baby Blue", onde Big Mac só falta fazer o céu desabar na terra. Sofre, dilacera-se, o fio de voz escapa ao final de cada verso, para dylanescamente anasalar-se no seguinte e controar quase com um sotaque francês quando ele articula "baby bleeeeeeuu". Will Sargent pontua com um som de caixinha de batiarma e Les Pattinson carrega tudo no baixo.

De Freitas, não é preciso dizer, confirma que é o melhor baterista das ilhas. Brilhante.

Tem mais. E uma infecção. Tributo ao Doors. Começa com "Soul Kitchen". Big Mac nao tenta imitar Morrison. Sussurra enquanto Sargent psicodeliza, e se atracam "storming on the neon floor...", com uma sombra de *digital delay*. Passamos para "Thorn of Crowns" — embora o corpo ainda continue suingando com "Kitchen", demonstração irrepreensível do mix *black and white* dos Bunnymen. "Thorn" é Bo Diddley viajando de LSD, e só pode desabar em "The End". Baixou o Espírito Santo em Big Mac, ele recria o pesadelo psico-edipiano de Big Jim (deve ter tomado uma fábrica de Guinness), apenas para estourar o final de "Thorn", onde grita como um elfo ensadecido.

E o Velvet? Ah, *junkerie*, é claro. Em duas versões: "Run, Run, Run", orientalizante, e "There She Goes Again", com clima de *garage band* tocando em salão de debutante. Sargent faz o som John Cale (deve ter treinado anos no seu quartinho) e o final tem tudo para desembarcar em "I'm Waiting for My Man". Loulou, fase negra, aprovaria.

A tempestade em alto mar conclui-se com "Action Woman" — que nao consigo lembrar de quem é, mas parece Blue Cheer em Sao Francisco, 1967. Os Bunnymen são capazes de tudo: de *garage* à funk, de junkação terminal a balada countryzada. Acabou? Não. Ainda falta mencionar "Paint It Black", de uns certos Rolling Qualquer Coisa, com a qual os Bunnymen encerram todos os seus shows. A vida pode ser negra, o mundo pode ser negro, mas, graças ao Senhor das Profundezas, ainda existem piratarias como esta.

HERÓIS DA RESISTÊNCIA

ABÓBORA 2: A MISSÃO

O novo projeto de Leoni, ex-baixista do Kid Abelha, radiografado por *Tom Leão*

Sua saída do Kid Abelha já estava decidida. Um pequeno acidente abreviou as coisas. Agora, Leoni arrisca tudo na banda Heróis da Resistência. "O Kid Abelha era uma coisa que estava me limitando", recorda. "Só o fato de não termos um baterista fixo me angustiava muito. Nunca tirávamos um som juntos, com a banda completa. E eu também queria cantar, pois era *eu* quem escrevia as letras. O Kid Abelha tem uma estrutura mais para a Paula cantar, e ficava meio forçação de barra eu querer assumir a frente do grupo. Para isso ocorrer, tinha que ser em outro lance. Aí surgiu a idéia de formar o Heróis da Resistência, de experimentar com outros músicos, de tirar outros sons."

Leoni, o baixista e vocalista, fala com a segurança de quem sabe o passo que está dando. A princípio, a WEA queria que fizesse carreira solo para explorar mais sua imagem de galã, mas ele insistiu em ter uma banda em que todos os músicos fossem importantes. O resultado está nas lojas desde outubro, quando foi lançado o LP produzido por Liminha que disse não ter achado dificuldades em trabalhar com a banda. À exceção do guitarrista Jorge Shy, são todos experimentados músicos. O que não diminui o valor de Jorge, que até então vivia trancado num quarto, explorando todas as possibilidades de seu instrumento.

A que a banda se propõe? Ir além das fronteiras do pop, "fazer algo mais sofisticado, com alguma ousadia. Uma coisa bem-feita, bem-acabada, com cuidado nas letras e fugindo de uma sonoridade comum. Quando você ouve o disco sente que as faixas são absolutamente diferentes umas das outras". Leoni prossegue explicando o porquê do nome Heróis da Resistência: "Sempre achei essa história de músico uma coisa meio de missionário. Não é uma profissão como outra qualquer. Se você não achar que tem uma missão, mesmo que seja algo pretensioso, fica uma coisa burocrática. Não é só tocar", como já dizia uma letra do primeiro álbum do Kid Abelha. "Nada tira a atenção de um homem com uma missão."

Nas novas composições, Leoni tenta fugir de seu estilo — que é a cara do antigo grupo — e parte para títulos que lembram filmes ou romances. Nesse novo passo, os músicos com quem está trabalhando agora são muito importantes. Alfredo Dias Gomes, o baterista, fez parte da banda de Hermeto Paschoal, teve a sua própria e acompanhou Márcio Montarroyos (com quem começou a tocar) e muitos outros da turma instrumental. Jorge foi do Tokyo antes de a banda se lançar e Lulu Martin, o tecladista, veio por recomendação de Cláudio Infante, o batera do Kid Abelha, e é de formação jazzística — já tocou com quase todos do ramo.

Perguntados se a WEA não estaria investindo na banda para aproveitar a onda do RPM, enfatizaram que não se propõem a isso, e que quem fez o sucesso do RPM foram os próprios músicos, o empresário Paulinho e o fenômeno de público. Outra comparação, desta vez com o grupo inglês Simple Minds, provocou uma gargalhada coletiva e a afirmação "Nós temos mais variedade sonora que eles, que são muito iguais".

SOFTWEAR IN PARACHOK!

PARA
CHOK

casual
shoes

PINOCHET BOYS

RUÍDOS CONTRA EL GENERAL

Por la unidade de Latino America coisa nenhuma: os Pinochet Boys estão mais é com eles mesmos. _Bia Abramo_ cutuca os deserdados da ditadura que fica para lá dos Andes...

Eles são chilenos e declaram que fazem música de protesto. Antes que se confundam as coisas, qualquer semelhança com algo no estilo "me-cortaram-mismanos" é meramente coincidência geográfica. Os Pinochet Boys são quatro garotos, crescidos sob as botinas de uma das mais cruéis e persistentes ditaduras latino-americanas, que não se deixaram abater por este azar histórico.

O que se faz neste caso? A resposta deles foi montar uma banda e começar a tocar. Daniel e Ivan, baixista e guitarrista, respectivamente, estudavam na universidade. Miguel toca teclados e foi da primeira banda punk do Chile, a Goma de Pegar. Juntaram-se ao baterista Sebastian, foram morar todos numa mesma casa e viraram, em junho deste ano, os Pinochet Boys.

A primeira apresentação foi uma performance em uma peça de teatro, e depois escolas, bares, "lugares não-oficiais". Chegaram a organizar um festival punk. Mas, se no Brasil já não é fácil manter-se no esquema independente, em um país no qual se tem que pedir permissão à policia para fazer uma festa e ninguém pode circular na rua depois das duas da manhã, deve ser realmente um deus-nos-acuda.

A barra começou a pesar, como explica Daniel: "Somos um produto estranho; o jeito que nós vivemos é que está contra o Pinochet. A polícia nos perseguia — não é clichê, é verdade". Eles resolveram cair fora. Passaram algum tempo na Argentina e agora estão em São Paulo, onde já deram alguns shows junto com Inocentes, Excomungados e Cólera.

A Nova República não os impressionou muito: "Aqui as pessoas seguem tendências, a tecnocracia e a burocracia impedem as pessoas de levantar a cabeça". E Daniel continua: "Na América Latina não existe o indivíduo, em toda parte é igual".

Por isso eles esclarecem que não estão em movimento de nenhuma espécie e que não querem que os definam: "Nós falamos que somos punks mas é porque nós mesmos não sabemos o que somos". Ivan rapidamente replica: "Nós somos os Pinochet Boys. Nós somos músicos independentes". Os Pinochet Boys definem seu som como experimental. Nunca ensaiam para um show, não têm um vocalista fixo, gostam de trabalhar com ruídos, querem tocar os instrumentos tradicionais de rock de forma que sejam outros instrumentos. Sobem no palco e tocam segundo a inspiração do momento.

"Nós somos que nem o Test Department, só que melhores", disse Miguel, quando perguntei se eles os conheciam. Gostam de todo tipo de música, de Beatles ao PIL. Não acreditam em nada. "Nós propomos uma outra estética a partir da desordem, não a-estética, mas de outra maneira, completamente diferente." Voltam a falar do Chile com um humor meio negro: "A polícia tem as motocicletas mais modernas, metralhadoras, fuzis de longo alcance; os militares andam com a cara pintada de preto, tudo super-*tecno* ..., perseguindo ninguém, quem é que eles vão perseguir?" Miguel responde na lata: "*A los rusos, viejito*".

Gozação ou não, o fato é que saíram do Chile no momento exato — um pouco antes do atentado contra Pinochet, que desencadeou uma onda ainda mais violenta de repressão. Estão no Brasil "porque foi onde alcançou *la plata*", mas pretendem mesmo é chegar à Europa. "Somos tão bons que vamos gravar um disco e ser famosos."

CBS

Naja. A única músic
que você não vai car

do RPM
ar.

O Disco
do Ano.

CBS

DE VOLTA ÀS PARADAS

"Morto" pelas intrigas das gravadoras, o inglês "ressuscita" para as listas de sucessos e para a pena afiada de *Sônia Maia*

RITCHIE

Transas, transas, transas... "Será que amizade colorida é isso mesmo?", indaga o autor de "Menina Veneno". Ritchie vai mais fundo e explica o que está por trás do hit "Transas": "Gosto dessa música porque tem tudo a ver com o momento, quando as pessoas estão se preocupando com essa coisa da relação a dois. A revolução sexual trouxe um certo vazio às emoções mais profundas. O que as pessoas estão questionando agora é a reavaliação dessa amizade 'dolorida', e o que ficou dela. E o mais engraçado é que tanto os casais mais liberais como os mais tradicionais estão chegando às mesmas conclusões".

Foto Ru Mendes

Ritchie comenta que um dia lhe perguntaram se ele não tinha vergonha de ser ídolo de empregada doméstica. "Tudo isso não passa de preconceito do pessoal mais sofisticado, que critica os que procuram fazer música mais ampla e democrática. Se empregada doméstica não gosta de algo mais sofisticado é porque não tem acesso... Na verdade, tudo que se faz aqui é cultura importada. E essa idolatria em relação à música inglesa? É o mesmo tipo de tietagem de empregada doméstica. Os ingleses são os inventores da originalidade dentro de um mundo enclausurado. Mas a realidade brasileira é outra."

Richard David Court, inglês, 34 anos, aqui transformado em Ritchie, flui de tema em tema, demonstrado uma consciência cultural e artística digna de poucos. Ele veio para o Brasil em 72 e o que o atraiu não foram os risonhos campos floridos, nem o rebolado das mulatas. "A riqueza musical foi o que mais me impressionou. Cheguei, ouvi *Clube da Esquina 1*, de Milton Nascimento e achei demais. E, também, o fato do rock ser cantado em português. Em qualquer outro país ele é cantado em inglês. Aqui não, é rock explícito."

O que chamou a atenção de quem o acompanhou antes dele virar um grande sucesso foram os detalhes na produção de seus shows, extraídos de sua vivência européia. Seu primeiro grupo, formado em 73, chamava-se Scaladácida. Logo se tornou *cult band*, em São Paulo, justamente pelo cuidado com a produção — coisa com que o povo daqui não estava acostumado. "Era banda de imitação — King Crimson, Gentle Giant... Mas

tinha uma dose de originalidade.''

Gravação, nem pensar. Ritchie era estrangeiro... Conseguiu um visto de permanência, montou outro grupo, o Soma. ''Mas este não tinha personalidade'', critica sem dó. Aí ele foi aprender flauta com Paulo Moura, em troca de aulas de inglês — aulas que o fariam sobreviver até chegar o sucesso. Passou de raspão pela Barca do Sol e, uma hora depois de deixar a banda, Lulu Santos bateu à sua porta. ''Estávamos só esperando você sair daquela banda de merda para convidá-lo para o Vímana'', disse Lulu. O Vímana, para quem não sabe, era formado por Lobão, Lulu, Luiz Paulo, Fernando Gama e, a partir daí, Ritchie, que aceitou o convite. ''Foi o primeiro conjunto onde encontrei minhas verdadeiras aspirações'', diz ele. Chegaram até a gravar um LP pela Som Livre, que não foi lançado porque, segundo a gravadora, o Brasil não estava preparado para o rock.

O Vímana, que data de 1976, tinha tendências progressivas. E este não era, justamente, o ano do estouro punk? ''Punk'', sorri Ritchie. ''Tem coisa mais triste que o punk comemorar dez anos?... A gente acreditava fielmente no progressivo do Yes. Mas, mesmo assim, sabíamos que isso não levaria a nada. Ficamos num dilema em relação ao punk... Eu achava genial aquela energia. Deu em todos nós um chute nas calças. Não nos considerávamos punks... o Lulu acabou saindo...'' E o Vímana se desfez.

Um ano se passou... oito meses tocando com Patrick Moraz (ex-Yes), então no Brasil. ''Na pior das hipóteses foi frustrante. Na melhor, aprendemos muito com ele'', conta. E depois? ''Desisti'', desabafa Ritchie. ''Disse para mim mesmo: tô cansado, tô ficando velho, não sou punk, não gosto mais de rock progressivo.'' Em 80 ele voltou para Londres a convite de Jim Capaldi (ex-Traffic), para ser arranjador e co-produtor de seu disco. ''Foi um sonho trabalhar com ele, Steve Winwood... Voltei para o Brasil com gás.'' Ao pisar em solo brasileiro, Ritchie reativou sua parceria com Bernardo Vilhena, gravou uma demo de ''Menina Veneno'', que foi parar nas mãos da CBS. Contrataram o moço imediatamente. O resto todo mundo já sabe — sucesso, sucesso, sucesso. Ele estava esperando há dez anos por um contrato.

Este LP vendeu um milhão de cópias: ''Até hoje'', conta ele, ''nenhum disco de estréia vendeu tanto no Brasil. Falo de disco de estréia, não regravação de disco de estréia...'', completa, referindo-se, claramente, ao *Rádio Pirata* do RPM. O segundo LP, que continha ''Mulher Invisível'', já trazia um som mais elaborado. E, também, foi marco de uma queda vertiginosa. O terceiro LP foi tirado do mercado pela gravadora, e o artista foi demitido, sob a alegação de que estava morto... ''Algo foi muito mal contado. Estou feliz de estar, hoje, num lugar onde me respeitam como artista'', desfecha, referindo-se à Polygram, gravadora que comprou seu passe no momento em que a CBS lhe dava a extrema unção.

Mas, antes de qualquer novo trabalho, Ritchie deu um tempo para voltar a ser uma pessoa normal: andar pelas ruas, cuidar do jardim, das duas filhas e curtir sua mulher. E,

"TIRO E QUEDA"

principalmente, repensar tudo que aconteceu. ''Me frustrou muito o que chamo de tiro e queda, porque quem perdeu foi o público. Todos que chegam ao sucesso ficam com uma sensação de onipotência. A gente acha que tudo que fizer vai dar certo. É até esquizofrênico — você corre atrás do sucesso e, ao mesmo tempo, tenta evitá-lo, pelo bem da sua privacidade.''

Apesar dos pesares, Ritchie está de volta. ''Transas'' subiu imediatamente para os primeiros lugares nas paradas. ''Queria ver a cara daqueles que me chamaram de defunto'', ironiza. O LP mesmo só virá em março. Para tanto, ele já está ensaiando com seu novo grupo, o Crime Perfeito, integrado metade por homens, metade por mulheres. ''Banda só de homens é um baixo astral!'', diz ele. ''Com mulheres é mais elegante, as pessoas se relacionam melhor, e é mais equilibrado. Tem muito preconceito no rock em relação a mulheres. Fiquei feliz de achar uma musicalidade que não fosse rock. E ir para o estúdio com uma banda que já fez os arranjos é bem melhor.''

E o que vem por aí? ''Bom, tenho feito parcerias; o Kiko me mandou uma música. Estou adorando essa coisa de ser intérprete. Componho muito precariamente. Acho até que toco melhor que muita gente por aí. Mas gosto de soltar a voz. Não é nada fácil fazer música simples. A simplicidade é o fim do caminho.'' E ele não pára de falar... ''Peter Gabriel apareceu com um disco nada convencional e está nos primeiros lugares das paradas americanas. Isso prova que as paradas podem ser tomadas por um trabalho desses. É bom, porque mostra que a música pop pode ser inteligente. E tem de ser para que faça sucesso. A atitude rock não existe mais...''

Crime Perfeito é formado por Vera Figueiredo (bateria); Gê Cortes (baixo); Renata Montanari (guitarra); Lis de Carvalho (teclados); Sacha Ambek (teclados); James Muller (percussão); Hori (sax) e, no vocal, o protagonista desta matéria.

Até aqui foi tudo história. Além, Ritchie lê, e muito, já que na Inglaterra estudava literatura. Dos autores preferidos, cita Jorge Luis Borges (o único que ele lê em português), Graham Greene e Malcolm Lowry. O que ele mais ouve atualmente é Fine Young Cannibals, Steve Winwood, Joe Jackson, Suzanne Vega, Talk Talk, Scritti Politti, Bryan Ferry, além de Everly Brothers, Joni Mitchell e Beatles, que considera imortais. Cinema é outra paixão. Quanto a vídeo... ''Gosto do lado visual, mas estou desencantado com o que está acontecendo com a música em relação ao vídeo. Mais ou menos o que aconteceu com o rádio quando a TV surgiu. As peças de rádio tinham seu mistério, você criava as imagens. A música também tem seu mistério, e a imagem tira um pouco disso. O que se mostra no vídeo dificilmente é o que o ouvinte imagina quando ouve a música. Coitados dos americanos que têm de aturar vídeo 24 horas por dia. Os clips são todos ruins, tanto os daqui como os de lá... Se você não consegue fazer algo misterioso, que acho o melhor caminho, que seja simples.''

E Ritchie finaliza o papo falando de si próprio através do dragão, seu signo no horóscopo chinês. ''Ele só existe na imaginação das pessoas. É cheio de fogo e cor, mas não tem substância.''

Foto Scope Stills

ENTREVISTA

CARLEY

PAUL McCO

Ele era "o beatle mais bonito". Eram dele as músicas mais românticas do quarteto de Liverpool. Saíam de sua boca as declarações mais "Relações-Públicas" emitidas pelo grupo. Quando os Beatles se separaram, Paul McCartney virou vilão — por ter sido ele o porta-voz oficial do rompimento, à revelia dos demais integrantes — e as canções de amor que caracterizavam sua participação no grupo se tornaram alvo das críticas mais corrosivas que um artista pode receber. Assim, o beatle boa-pinta e simpático se tornou um chato-de-galochas que compunha baladas xaroposas e irrelevantes.

Praticamente toda a carreira solo de McCartney vem sendo saudada com pedradas da crítica, apesar das vendas indicarem uma reação contrária do público. E, agora, quarentão, o já senhor Macca estaria diante de um impasse — valeria a pena continuar? A resposta chegou sob a forma de seu novo álbum, *Press to Play,* considerado por muitos o sopro de ar fresco numa carreira que parecia estagnada. Cercado de feras do calibre de Phil Collins, Paul realizou neste ano seu melhor disco desde *Band on the Run.* E as pedras — pelo menos por enquanto — pararam de chover.

O jornalista francês Phillipe Manoeuvre se encontrou com Paul McCartney dias antes do lançamento de *Press to Play* e levantou com o ex-beatle algumas questões antigas, mas nunca definitivamente discutidas — o relacionamento com John, a reação ao ódio da crítica, sua visão sobre o rock de hoje, sua vida pessoal, o envolvimento com drogas. O resultado é um papo informal com um dos principais artífices do rock anos 60 e um dos astros mais populares de todos os tempos.

Você quer saber se ele ainda é um chato-de-galochas dado a escrever canções melosas? Leia e decida por si mesmo.

BIZZ — *Bom dia, "senhor" McCartney!*

Paul — Bom dia!

BIZZ — *É um prazer estar com você. Eu assisti seu novo vídeo há pouco tempo e me surpreendi muito: ele me pareceu extremamente barato, se comparado aos orçamentos gigantescos dos vídeos de hoje.*

Paul — *Yeah.* Isto, de certa forma, fazia parte da idéia. Eu andava meio cheio de ver as pessoas sem idéias e gastando fortunas para fazer um longa metragem grandioso.

A gente deu uma olhada nas idéias e no material, e tudo me pareceu um pouco fraco e muito caro. Então comecei a gostar da idéia de experimentar alguma coisa ou alguma idéia para o vídeo, que pudesse ser feita por qualquer grupo mais jovem. Você sabe, essas bandas mais jovens não têm como produzir esses grandes vídeos. Eles costumam olhar e dizer: "Tudo bem, ele pode gastar milhões para fazer um vídeo". Por isso, eu queria uma idéia que fosse ao mesmo tempo simples e direta. Pensei numa parte da música ("Press") que dizia: "Com todas as pessoas de ouvido ligado", e imaginei as pessoas ouvindo mesmo e pensei que o melhor lugar para isto seria um metrô...

BIZZ — *Então você desceu ao underground.*

Paul — Sim, durante quatro horas, com as pessoas que estavam lá, *cinema-verité,* mesmo.

BIZZ — *E qual foi a reação das pessoas lá embaixo.*

Paul — Bem, você encontra as mais diferentes reações, algumas pessoas... elas simplesmente não olham. Temos mais novos que pedem autógrafo e mais todas aquelas nacionalidades diferentes, alguns turistas, alguns chineses, uns caras da Líbia, americanos. Você encontra de tudo. As reações foram realmente muito diferentes.

BIZZ — *Você encontrou alguns músicos tocando lá embaixo.*

Paul — Sim, antes de fazer o vídeo, descemos algumas vezes e encontramos alguns caras, os "buskers", que ficam lá no metrô. Um deles estava deitado no chão, cantando, enquanto sua namorada recolhia um pouco... do dinheiro, você sabe, enquanto ele continuava "Help me if you can I'm feeling down..." então ele me viu e... quase se encolheu, então eu comecei: "Help me if..."

BIZZ — *Você cantou com ele?*

Paul — É, um pouquinho. E acho que ele voltou pra casa logo em seguida.

BIZZ — *Provavelmente ele contou pra todo mundo e ninguém deve ter acreditado.*

Paul — Com certeza.

BIZZ — *Quem produziu seu novo disco?*

Paul — Hugh Padgham que também trabalhou com o Police e com o Phil Collins, para citar alguns. Com Hugh eu trabalhei em conjunto, eu co-produzi o disco. A gente fez tudo junto.

BIZZ — *Tem uma porção de gente famosa neste LP.*

Paul — Bem, alguns são realmente famosos: Phil Collins toca bateria numa das faixas e Pete Townshend toca guitarra nessa mesma canção. Eu toco baixo, sou famoso também! Existem ainda outras pessoas, como Eric Steward, do 10cc. Eu compus algumas coisas com ele. E existem aqueles que não são ainda tão famosos, mas tudo depende do nível de conhecimento que você tem nessa área. Um deles, por exemplo, costumava tocar com Mr. Bowie, seu nome é Carlos Alomar...

Foto AP

Sob o assédio costumeiro, em New Orleans, 1975: uma entrevista coletiva dos Wings, seu grupo pós-Beatles que duraria até o final da década

BIZZ — *O guitarrista...*
Paul — Carlos é muito bom. E Jerry Marotta, na bateria, Eddie Reiner... tem uma porção de gente bastante famosa neste disco.
BIZZ — *Você está fora dos palcos há algum tempo; e excetuando sua apresentação no Live Aid...*
Paul — Eu não pude encontrar a porta. Não...
BIZZ — *Você pretende fazer uma turnê?*
Paul — *Yeah*, no momento eu estou pensando num jeito de manter o grupo unido. Primeiro eu tenho que checar as pessoas, saber quem está disponível, sentir se está tudo bem. Se tudo der certo, eu vou pensar em sair numa turnê.
BIZZ — *Você ainda tem ânimo?*
Paul — É claro, eu adoro tocar para as pessoas. O difícil é manter o grupo unido numa boa. Por isso não dá pra garantir se isso vai acontecer. Pode ser difícil, mas se eu conseguir uma boa banda... eu adoro tocar ao vivo. Eu gostei muito do Live Aid, só que o meu microfone desligou no meio e foi uma coisa totalmente maluca. De qualquer jeito, foi um grande dia. Para os grupos, então, foi fabuloso. Recentemente eu fiz uma pequena apresentação para o príncipe Charles e a princesa Diana em benefício de um órgão de auxílio (The Prince's Trust) aos jovens, que eles mantêm. Eu toquei três músicas: "I Saw her Standing There", "Long Tall Sally" e "Get Back", que fez o maior sucesso. Eu adorei participar, e os músicos que me acompanharam eram ótimos. Por falar em gente famosa! Eu não sei se vocês já assistiram o show aqui na França...
BIZZ — *Não, até agora não.*
Paul — É um show ótimo, vocês deveriam pedi-lo.
BIZZ — *Nós vamos! Durante o Live Aid, nos Estados Unidos, falava-se muito numa possível volta dos Beatles com George Harrison, Ringo Starr e, talvez, Julian Lennon...*
Paul — Julian, sei.
BIZZ — *É verdade?*
Paul — Não, foram os jornais que inventaram essa história e ninguém está procurando unir ninguém. Foi só uma história bonitinha de jornal.
BIZZ — *Tenho notado uma coisa estranha: muitos amigos meus têm comprado compact discs e não existe nada dos Beatles em CD.*
Paul — É verdade, pelo menos por enquanto. Talvez ano que vem saia alguma coisa. As gravadoras já estão pensando nisso. Eu espero que no ano que vem eles já estejam disponíveis.
BIZZ — *Corriam também alguns boatos a respeito de um material inédito dos Beatles que havia sido perdido, como "One After 909", algumas versões extremamente estranhas de velhas canções. Parece que era um LP quase completo que simplesmente não saiu...*
Paul — Não, na verdade existem algumas canções dos Beatles que nunca chegaram a ser lançadas. Uma delas se chamava "Leave my Kitten Alone!". Essa é realmente autêntica. O que aconteceu com esse LP foi o seguinte: a gente gravava em média 10 vezes a mesma música, o que acontece com freqüência. Digamos que a gente escolhesse o nono *take*. Nós achávamos, então, que aquela era a melhor versão e trabalhávamos para dar o acabamento nessa versão em particular. A gravadora queria de qualquer maneira lançar este disco, usando, digamos assim, o *take*, alegando que era raro, mas a gente diria que "não, não é um *take* raro, é um *take* ruim!" Por isso, simplesmente não queríamos que eles usassem es-

sas gravaçôes, porque, na verdade, não tínhamos trabalhado em cima delas. Hoje em dia, eles estão realmente procurando alguma coisa rara, então; chama de raridade um material que é ruim. Na minha opinião, seria até uma trapaça com o público lançar este material. Eu acho que parte dele não vale a pena, por isso nós vamos tentar separar o que é realmente raridade, de boa qualidade, ao invés de juntar essas sobras de péssima qualidade e chamá-las de raridade. Você entende?

BIZZ — *Yeah...*

Paul — É um pouco de trapaça.

Foto Stills

Desembarcando com as filhas, na fase Wings

BIZZ — *Existe também muita pirataria...*

Paul — *Yeah*, existe de tudo em gravação pirata.

BIZZ — *O que você acha da pirataria? Mick Jagger, por exemplo, se diz bastante orgulhoso em relação a suas gravações piratas, ele calcula que os Stones tenham aproximadamente 200 discos circulando dessa forma. Qual é a sua reação?*

Paul — Não sei... isso é uma daquelas coisas que... por um lado, a qualidade dessas gravações é péssima e isto, de certo modo, prejudica o artista. Mas as pessoas, no geral, parecem gostar muito desse tipo de coisa, e é sempre o público que dá a palavra final.

BIZZ — *Qual é a sua opinião a respeito dessas pessoas que continuam vivendo em função dos quatro rapazes de Liverpool... Eu conheço algumas pessoas que moram em Londres e colecionam tudo o que encontram pela frente. Elas têm, por exemplo, a capa onde vocês aparecem cercados de pesos de carne.*

Paul — Ótimo! São pessoas realmente ótimas! Com um gosto excelente!

BIZZ — *Existe, ainda, uma outra questão muito comentada na França ultimamente: ouvimos dizer que Michael Jackson comprou os direitos autorais sobre a obra dos Beatles. As pessoas estão se perguntando que história é essa? Esse material é propriedade dele, agora? É realmente dele? O que aconteceu?*

Paul — Na verdade, o que aconteceu foi que quando nós começamos a compor nos Beatles, os direitos não eram nossos e sim da editora musical. Enquanto nós estávamos longe, na Índia, com o Maharashi,

"John era, para usar o termo exato, um pouco ardiloso."

esta editora simplesmente vendeu os direitos para uma outra editora, que tornou a vendê-los para um editor australiano, que, por sua vez, vendeu para Michael Jackson que pagou 50 milhões por eles! Nada barato!

BIZZ — *Você tentou alguma vez reaver esses direitos?*

Paul — Sim, eu cheguei a querer, mas é muito difícil para mim mexer nisso. Originalmente eu escrevi tudo isso sem ganhar nada, eu e o John. Ter que pagar 50 milhões para tê-los de volta parece uma coisa absurda para mim. Talvez um dia eles voltem naturalmente para as minhas mãos.

BIZZ — *Você trabalharia outra vez com Michael Jackson depois de tudo isso? Você se magoou com essa história?*

Paul — Acho que não. Ele comprou tudo de uma maneira aberta e honesta. Talvez, se ele realmente quisesse trabalhar comigo outra vez... não sei, essa é uma pergunta extremamente difícil de responder.

BIZZ — *Eu gostaria de voltar agora um pouco à questão dos vídeos, porque, como todos sabem, foram os Beatles, com seus filmes, que de certa forma deram início à todas essas experiências de rock e vídeo. Vocês fizeram excelentes vídeos desde o início. Com toda essa experiência, você pretende desenvolver alguma coisa mais elaborada, em termos de vídeo, com base neste último LP?*

Paul — A maioria dos vídeos costumam ser realizados a partir de uma única música que é o carro-chefe do disco. Eu gostaria de fazer um que envolvesse o álbum inteiro. Não é fácil saber exatamente como desenvolver um vídeo assim, porque é uma coisa extremamente diferente: não é um longa metragem, mas também não é um concerto de rock. É uma coisa a mais, que fica bem no meio. Pode ser muito interessante, mas eu não sei exatamente como fazer isso agora. Eu ando trabalhando muito nessa idéia ultimamente, ligando para as pessoas a toda hora e pensando numa forma de desenvolver esse trabalho. Mas, antes, eu gostaria de fazer um vídeo especificamente para esse álbum, dentro disso que eles chama de "long form video".

BIZZ — *Seria ótimo.*

Paul — Poderia ficar bom.

BIZZ — *"Tug of War" foi realmente brilhante.*

Paul — Obrigado.

BIZZ — *As pessoas dizem que ele foi uma espécie de reação à morte de John Lennon. É verdade?*

Paul — Não sei. Uma das faixas era realmente para ele, se chamava "Here Today" e eu não acho que fosse tanto assim... bem, talvez fosse uma reação, porque depois de sua morte não era mais possível conversar com ele e eu de certa forma disse algumas coisas através da música. Era uma coisa que estava só na minha cabeça e que eu pus pra fora. Era mais uma reação às notícias de jornal da época, que diziam que o John nunca tinha gostado de mim, que eu não gostava dele, o que não é verdade. Nós tínhamos nossas diferenças e nossas brigas intermináveis, todo mundo briga: casais, famílias, irmãos, parceiros... mas o que eu realmente estava tentando dizer com essa música era "*Yeah*, a gente brigou muito, mas continuamos de certa forma a amar um ao outro".

BIZZ — *Uma antiga entrevista sua, de 1977, foi publicada na França no ano passado, e nela você dizia algu-*

mas coisas terríveis a respeito de... que você tinha escrito isso, aquilo...
Paul — Sobre John?
BIZZ — *Sim.*
Paul — O que aconteceu foi que naquela época andou saindo uma série de livros dizendo coisas, e eu caí na besteira de ligar para um jornalista que eu achava que era meu amigo. Eu verdadeiramente liguei para ele como amigo...
BIZZ — *Nunca confie num jornalista!*
Paul — É isso mesmo! Não esqueça isso! Eu fui totalmente imbecil e ingênuo, também. Eu liguei para ele e fiquei horas e horas pendurado, lembrando com ele as coisas que John dizia, como ele era. Eu tive necessidade de checar tudo isso em função da minha própria sanidade mental. Eu dizia coisas como: "Você lembra do John dizendo isso a meu respeito?" E no meio de uma porção de coisas eu disse que o John era, para usar o termo exato, "um porco ardiloso", o que queria dizer que, em termos de negócio, ele dizia uma coisa e podia fazer exatamente o contrário. Hoje em dia, isso não é raro. É verdade, não há nada de mal nisso, se o John estivesse aqui eu repetiria a mesma coisa. O problema é isolar essa pequena frase e transformá-la numa manchete sem nenhuma contextualização. Fica uma coisa louca, as pessoas começaram a achar que eu odiava o John, que eu achava que ele era um cara nojento. Isso realmente me lembra uma outra declaração que colocou o John em maus lençóis, justamente em função dessa coisa de separar uma pequena frase do contexto... Isso me lembra todos os problemas que ele teve de enfrentar por ter dito que os Beatles eram maiores que Jesus Cristo. Foi a mesma situação. Antes, ele havia falado muito sobre a Igreja e a falência das religiões em oposição à ascensão da música de massa. Numa pequena frase, ele disse que... e tudo o que ele pretendia com essas declarações era discutir o problema da Igreja para que as coisas melhorassem. Ele disse: "Olhem só, os Beatles, no momento, são mais conhecidos que Jesus". É claro que na América os meios bíblicos, a Ku Kluks Klan e outras organizações maravilhosas como essas ficaram um pouco...
BIZZ — *Elas começaram a queimar seus discos...*
Paul — Certo, e você sabe quem mais queimou nossos discos? O presidente Ferdinand Marcos. Existe um filme onde ele e Imelda... eu gostei. Foi bom para mim tê-lo visto queimar os discos.
BIZZ — *Eu li uma história engraçada num livro do Little Richard, há pouco tempo atrás. O livro contava a história da vida dele e numa das passagens ele dizia que tinha ensinado a você como fazer as coisas direito... que ensinou você a tocar piano durante uma tarde inteira. É verdade?*
Paul — Você acredita em Little Richard? Eu não consigo evitar! Baby! Ohooooo! Agora, a gente adorava o Richard e eu ainda gosto muito dele, é um grande cara. Mas ele nunca sentou para ensinar nada a ninguém... ele exagera um pouco. É um verdadeiro *showman*. Na verdade, ele é um grande cara e eu aprendi muito com ele, observando, vendo ele tocar, mesmo que ele não tenha sentado e me ensinado diretamente as coisas. Nós tocamos juntos uma vez, em Hamburgo. A gente também costumava procurá-lo nos camarins, ele era um pouco mais velho e nós pedíamos sempre

"Os policiais batiam e os rapazes gritavam: 'Beatles!' "

pra ele contar como foi o início do rock and roll e ele começava: "Eu me lembro que..." O Richard é totalmente louco, ele é ótimo! Ele costumava... você conhece essa crendice de colocar uma toalha em cima de cabeça quando a voz desaparece... e colocar algumas coisas na pia, com água quente. Ele fazia muito isso e depois ia pra frente do espelho e começava a suspirar: "Eu não me resisto, eu sou realmente lindo!" E assim é Little Richard, um grande cara, só que um pouco exagerado.
BIZZ — *Mas, do jeito que você fala, parece que você considerava, mesmo quando jovem, o rock and roll como uma coisa distante e na verdade ele só estava começando.*
Paul — Bem, quando a gente pedia pra ele contar como eram os primórdios do rock and roll, a gente se referia ao comecinho, aos tempos que a gente tinha perdido. É o mesmo se alguém me perguntasse hoje como eram os anos 60, ou mesmo os anos 70. Você sabe, isso já virou "História", hoje em dia. A gente sonhava com Elvis Presley, James Dean, Little Richard, Fats Domino, Carl Perkins, Chuck Berry.
BIZZ — *Big Carl.*
Paul — *Yeah*, você sabe como. A gente queria saber tudo, como se fôssemos jornalistas, fazíamos perguntas o tempo inteiro: "É verdade que você atirou todos os seus anéis do alto de uma ponte?" Você lembra dessa história? Em princípio, ele havia atirado todos os seus anéis...
BIZZ — *Em algum lugar da Austrália...*
Paul — Suponho que ele tenha atirado uns dois anéis e guardado o resto.
BIZZ — *Provavelmente, os dois falsos...*
Paul — Não, não. Na verdade, ele contava todas aquelas histórias e a gente ficava lá, sentado, ouvindo como se ele fosse um guru. Ele era... e ainda é... muito importante para mim.
BIZZ — *Você lembra da França na primeira vez que você tocou em Paris?*
Paul — Olympia. Bruno Coqatrix. Sylvie Vartan. Johny Hallyday.
BIZZ — *Como foi?*
Paul — Foi fantástico, nós nos surpreendemos muito. O que mais nos chamou a atenção foram os rapazes, em todos os lugares do mundo era sempre o público feminino que nos aclamava, em Paris eram os rapazes. Era estranho. Na França, ainda, em Marselha, não em Paris, a gente percebeu que os policiais estavam realmente batendo com força enquanto os rapazes gritavam "Beatles, Beatles!"... eles realmente trituraram esses caras.Nós nunca havíamos visto algo igual. É assim que eu lembro da França. Foi legal. A platéia do Olympia foi um pouco estranha, o lugar era esquisito para um público de rock and roll. Acredito que agora ele deva estar melhor, eu cheguei a ver uma apresentação do Fats Domino, mas realmente, naquela época, o espaço não era adequado para esse tipo de apresentação. Nessa época nós não éramos muito conhecidos na França e eles tiveram que colocar Trini Lopez no programa, para chamar atenção com "If I Had a Hammer".Na verdade foi fantástico, eu adorei Paris, é uma cidade muito romântica.
BIZZ — *Qual é sua história favorita dos Beatles?*
Paul — História dos Beatles... sei lá, são tantas! É difícil lembrar uma em particular. Não sei o que eu po-

deria lhe dizer... deixa eu ver, ou contar a primeira que me vier à cabeça. Não é uma grande história, mas de qualquer jeito... foi na estréia do *Hard Day's Night* e toda a minha família estava lá. Eles haviam saído de Liverpool e nunca tinham visto uma noite de estréia. Na época, eles não conheciam nada dessas coisas e uma das minhas tias, a tia Gin, queria usar um vestido especial. A única coisa que ela tinha era uma cortina dourada com brocados de ouro. Ela não teve dúvida: cortou a cortina, fez um lindo vestido de gala e foi com ele para a

Foto Frank Griffin LFI

Paul hoje, um quarentão tranquilo e em paz

noite de estréia, ela e a tia Milly, e as duas ficaram lá até tarde. O filme foi um sucesso e, como era uma recepção real, alguma presença real poderia aparecer a qualquer momento. Eu estava em pé, conversando com as duas, quando apareceu a princesa Margaret bem atrás de suas costas. Eu me abaixei e disse: "Procurem disfarçar, não digam nada, dêem uma volta e vejam quem está bem atrás de vocês". Depois disso, elas voltaram para Liverpool e recolocaram os vestidos outra vez no lugar da cortina.

BIZZ — *Você parece uma pessoa bastante atualizada com o que está acontecendo de novo no cenário musical. Quando falo com você ou quando ouço seus discos, tenho sempre a sensação de que você está por dentro do que está acontecendo, por exemplo, em relação aos grupos de hoje.*

Paul — Eu gosto, hoje em dia, do UB40, do Simple Minds e do Dire Straits, eles são muito bons, muito bons!

BIZZ — *Você gostaria de produzir algum grupo novo?*

Paul — O problema em relação a produzir é realmente a falta de tempo. Veja bem, eu faço meus próprios álbuns, eu dou entrevistas e coisas como estas, e eu tenho uma família... essa é a grande diferença entre antes e agora. Quando eu era um beatle, eu não tinha filhos e então sobrava tempo para procurar novas pessoas para produzir e fazer uma infinidade de coisas. Eu era solteiro, vivia em Londres por minha conta e, é claro, tinha todo o tempo do mundo, principalmente para as garotas. Pois é, foi uma época maravilhosa, mas agora eu estou casado e,

"O rock'n'roll atravessa fases, entra e sai de moda."

se eu fizer alguma coisa assim... você sabe, as mulheres! Então... agora eu tenho filhos e hoje é isso que é importante. Eu tenho quatro filhos — três meninas e um garoto —, eles são muito legais, alegres, simpáticos, crianças normais, enfim. Eles adoram boa música...

BIZZ — *Eles gostam do Sigue Sigue Sputnik, ou algo parecido?*

Paul — Não, eles não gostam disso. Eles gostam de Dire Straits, Simple Minds e de quem ouve essas coisas. Eles gostam de qualidade, você entende? Bowie, por exemplo, e algumas das coisas que ele faz. Acho que eles tendem a gostar de novas tendências que sejam também musicais. Você sabe, essas coisas como Sigue Sigue Sputnik ou sei lá como eles são chamados... quer dizer, eles são um grupo fabricado. Você sabe, tudo bem, o que eu acho é que esse tipo de coisa não é música, eles mesmos admitem isso, eles simplesmente não querem nada com a música, é uma atitude deles, tudo bem. Algumas pessoas acham que isso é uma coisa nova, não discuto. É meio como Malcom McClaren ciocina. É muito bom, muito interessante, mas só de vez em quando. Eu nunca poderia passar uma tarde inteira ouvindo esse tipo de coisa. Cinco minutos é o máximo! No mais, boa-noite, obrigado, muito interessante, aquelas meias cobrindo a cara deles, ótimo, maravilhoso, mas o que eu quero dizer é que eles não mexem comigo, não me dizem coisa alguma.

BIZZ — *Eu não consigo entender como um cara razoável como você foi atravessar a alfândega carregando drogas, como você fez no Japão.*

Paul — Eu realmente não faço essas coisas, em absoluto.

BIZZ — *Então você se regenerou?*

Paul — É claro, tenho um caráter totalmente regenerado agora, não dá para perceber?

BIZZ — *Você esteve na prisão, apesar disso.*

Paul — Foi mesmo? Era isso? Sim, eu estive e foi uma das experiências mais ricas que já tive, como um marinheiro que aporta num país estrangeiro ou como quem entra para a legião estrangeira. Foi muito azar, que mais eu poderia dizer? Você sabe, eu só fui simplesmente encarcerado por alguns dias e só. Nada pessoal. Quer dizer, ninguém veio me dizer: "Isto é um ato vergonhoso, você precisa aprender a não fazer mais isso". Eles me trancaram e pronto, eu não tinha o que dizer. A comida não era das melhores, mas, de qualquer jeito... imagine o que é ter algas marinhas no café da manhã.

BIZZ — *E peixe cru?*

Paul — *Phoo!* Eu sou vegetariano. Você sabe, a vida é assim, essas coisas acontecem, infelizmente.

BIZZ — *Você deve ter lido em algum lugar que os Rolling Stones tiveram uma espécie de rompimento. Você teria alguma coisa a dizer para os que vão continuar a carreira em separado?*

Paul — Fora dos Stones?

BIZZ — *Yeah.*

Paul — Eu não ousaria tanto. O Mick vai se sair bem, você sabe, e eu nem sei se eles estão realmente separados. A gente ouve falar que eles romperam. Provavelmente eles não vão fazer uma turnê juntos, por enquanto, mas, você sabe como é, de repente os Stones podem voltar a tocar juntos outra vez. Eles são realmente uma boa banda. Eu os vi há uns três anos atrás em Nova York, no Paramount, e eles tiveram um desempenho fantástico. Talvez

PAUL MCCARTNEY

eles se encham de ficar se separando e voltando outra vez, como o Elton, com cinco turnês de despedida, no mínimo.

BIZZ — *E, então, o que mais? Você gostaria que os seus filhos se envolvessem na área do show-business como músicos ou qualquer outra coisa? Se eles dissessem: "Pai, eu quero ser guitarrista", qual seria a sua reação?*

Paul — Eu iria dizer: "Ótimo, legal, vai em frente, *yeah*". Desde que isso seja uma opção deles, tudo bem. Eu nunca estimularia isso neles de uma forma externa, como muitos jogadores de futebol fazem, querendo transformar os filhos em jogadorezinhos. Eu nunca disse que eles precisavam aprender isso ou aquilo. Eles quiseram aprender piano e começaram a ter aulas. No início, eram dois, só um quis continuar, o outro se encheu. Exatamente como qualquer outra criança. Se o mais novo... ele estuda flauta na escola, se ele decidir seguir uma carreira, vou ficar contente em ajudá-lo. Eu só não quero forçá-lo a nada. Eu preferiria também que ele entrasse com um pouco mais de idade, quando já tivesse uma condição melhor de entender as coisas. Eu acho meio perigoso entrar nesse meio sem maturidade. Algumas pessoas entram muito cedo e... isso muda muito a sua vida. A partir de uma certa idade, não é ruim assumir uma carreira, a gente já tem condições de enfrentar certas situações. Se os meus filhos quiserem enfrentar tudo, isso eles podem contar comigo, eu vou ajudar no que puder.

BIZZ — *Você acha que o rock and roll pode acabar? Houve um período em 77, mais ou menos, que ninguém agüentava mais nada, muito menos rock and roll... Predominava uma atitude punk e ninguém mais parecia suportar os ídolos do rock, a música, o mundo e assim por diante... Agora, o público parece que voltou a procurá-lo outra vez e você parece ter encontrado um caminho para voltar e isso é muito interessante. Você acredita que o rock and roll ainda pode crescer com você?*

Paul — *Yeah*, você sabe. Eu só acho que ele atravessa fases diferentes, entra e sai da moda como qualquer outra coisa. Na verdade, a década de 70 foi extremamente cansativa, ninguém fazia nada de novo e os grupos mais jovens simplesmente não sabiam tocar. Esse era um problema sério, de repente você encontrava uma série de grupos novos que queriam atuar, como o Sex Pistols, por exemplo, mas que não entendiam de música. Eu quero dizer, não foi o Sid Vicius, por exemplo, que tocou baixo em muitos nos discos que eles gravaram. Era um outro cara. Isto cria algumas dificuldades e na minha opinião o rock and roll decaiu muito em função de coisas assim. Ao mesmo tempo, o pessoal mais velho estava morrendo de tédio de fazer sempre a mesma coisa, o que duplicou os efeitos da crise. As coisas mudaram um pouco, agora. Não estou certo ainda, mas me parece que eventos como o Live Aid e toda a sua popularidade podem nos mostrar quanta coisa você ainda pode fazer a partir da música. De qualquer jeito, eu, por exemplo, sempre gostei de música e mesmo na barra pesada dos anos 70 eu continuei a ouvir e a gostar. Isso também deve ter acontecido com outras pessoas como eu. Atravessamos uma fase em que gostar de música não estava na moda, mas eu acho que a música sempre vai voltar, não vai parar nunca, pelo menos é isso o que eu espero.

"Eu não estou querendo falar do meu eu verdadeiro!"

BIZZ — *Você sempre teve essa imagem do "beatle bonzinho", comportado e gentil. Isso não enche a sua paciência? Como naquele vídeo em que você pousou de metaleiro...*

Paul — *Yeah, yeah...* sei lá... cada um é aquilo que é. Eu não trabalho muito em cima da minha imagem, alguns trabalham mais ou menos, mas no fim das contas é muito difícil construí-la totalmente a longo prazo. Eu tento fazer o melhor possível, só isso. Assim, eu acabei tendo essa imagem de ser calmo, bonzinho ou o que quer que seja. Isso não é verdade, só nas aparências isso era colocado. Eu era igual aos demais. John, por exemplo, sempre teve essa imagem de rebelde, de ser um cara durão, mas na realidade era justamente o contrário. Ele era uma pessoa extremamente doce.

BIZZ — *Eu achava que ele fosse realmente o brigão dos pubs* de Liverpool.

Paul — *Yeah*, mas só em termos do primeiro impacto, de uma impressão superficial. Ele era durão, aparentemente, mas por que as pessoas procuram parecer duras exteriormente? Geralmente é porque estão querendo esconder alguma coisa frágil, a nível interno. Se você olhar para a vida do John, vai entender isso. Quando ele tinha três anos, seu pai saiu de casa. Isso, para um menino... eu... também não é fácil para uma garota, mas para um menino... acho que, se isso acontecesse comigo, o meu primeiro pensamento seria: meu pai me odeia! O sentimento de inadequação, você sabe, pode crescer muito a partir de uma experiência assim. E o John sofria muito em função disso. Aos 16 anos, quando ele começava a superar essas coisas, sua mãe foi morta num acidente de trânsito, atropelada por um policial que simplesmente fugiu. Aconteceu uma porção de coisas difíceis em sua vida. Seu primeiro casamento acabou em divórcio, veja bem, ele teve uma vida bastante sofrida, sua agressividade aparente era apenas uma espécie de proteção. Eu quero dizer, a imagem pública dele era essa, mas comigo ele não usava esse escudo e era um cara extremamente doce, terno, muito legal. Isso era o que mais me surpreendia no John. Você pode achar que conheceu o John, que ele era um cara difícil, violento, meio marginal, mas, para mim, isso tudo não passava de um esquema de autodefesa, porque ele simplesmente não sabia como lidar com esse lado mais sensível e frágil. Mais tarde, a gente pôde identificar toda essa ternura de dentro, na relação dele com o Sean, por exemplo, ou outras pessoas assim. Então, ele ficou com essa imagem agressiva e eu, com a imagem do bonzinho: está tudo misturado.

BIZZ — *Então, vamos falar do verdadeiro Paul McCartney, talvez você seja um cara realmente furioso o tempo inteiro.*

Paul — Ah, eu não. Eu não estou querendo falar do meu "eu" verdadeiro, de jeito nenhum!

BIZZ — *O que é que te faz perder a calma? Uma entrevista mal feita? Ou uma crítica negativa em relação ao último disco no qual você trabalhou por mais de um ano, qual é a sua reação?*

Paul — Esse tipo de coisa não me enfurece; mas me deixa triste, porque eu simplesmente não posso fazer nada em relação a isso. O que realmente me tira do sério são as pessoas completamente malucas e irresponsáveis em relação aos filhos, pessoas que queimam as crianças

com seus cigarros e esse tipo de insanidade. Atitudes como as de Margaret Thatcher em relação aos negros da África do Sul podem me deixar profundamente irritado. Coisas como ver o presidente Reagan na televisão falando sobre a África do Sul e trocar o nome chamando-a de América do Sul. Você viu isso na noite passada?

BIZZ — Yeah.

Paul — Povo da América do Sul... não, África! São tantas as coisas loucas desse mundo! Quando eu era criança, costumava perguntar ao meu pai: "Será que as pessoas querem realmente viver em paz?" Sim, porque sempre me pareceu que elas estavam permanentemente em estado de guerra. Meu pai dizia que ele achava que as pessoas gostariam da paz e que o grande problema eram os governos instituídos. E eu penso que, talvez agora, em plena era da comunicação, com televisão e coisas como o Live Aid, as pessoas talvez se aperfeiçoem, porque eu ainda acredito que todos prefiram viver num mundo mais pacífico. Eu assisti uma vez uma filmagem na Rússia

"Eu acredito numa espécie de espírito divino."

por um *camera-man* americano, que focalizou uma senhora de idade que atravessava a rua. Perguntaram a ela: "Eu sou americano e gostaria de saber se a senhora teria alguma mensagem para dar ao povo dos Estados Unidos". Primeiro, ela respondeu: "*No, no, no, no*", mas depois ela se voltou e pensou — sim, com certeza ela deve ter pensado — que essa era uma oportunidade de falar com a América como uma pessoa simples, apenas como um russo, e ela disse: "Diga a eles que nós queremos paz, fale sobre a paz". Você vê, as pessoas querem a paz e eu fico totalmente transtornado, quando percebo que o governo não compreende isso, quando ele não respeita.

BIZZ — *O que é divertimento para você? Como você se diverte?*

Paul — Uma festa de aniversário com as crianças, por exemplo, coisas corriqueiras e banais como essa. Bem, na verdade, quando uma das crianças faz aniversário, a gente prepara um bolo enorme, algumas bebidas especiais, presentes, um pouco de tudo...

BIZZ — *Você canta canções de amor idiotas?*

Paul — *No, no, no, no*, a gente canta parabéns!

(Ele canta).

BIZZ — *Como você conheceu Linda?*

Paul — Como eu a conheci? Numa boate de Londres conhecida como Bag of Nails. Eu apareci por lá com alguns amigos, depois de uma gravação, quase de madrugada. Ela também apareceu por lá com alguns outros amigos. George Fame, dos Blue Flames, estava lá, e nós dois decidimos ir cumprimentá-lo mais ou menos ao mesmo tempo. Quando eu atravessei a sala e a vi pela primeira vez, uuum-hum! E eu fiquei pensando dentro de mim: "*Hello, hello, hello!*". Quando ela passou pela mesa, eu disse: "Com licença" e comecei a falar com ela sem parar. Depois disso, a gente tornou a sair, fomos a uma outra boate e as coisas começaram a acontecer a partir daí.

BIZZ — *Minha última pergunta é a seguinte: você tem esse dom de escrever canções que ficam registradas na cabeça das pessoas de todo o planeta, em todas as partes do mundo. De onde vem tanta inspiração? Você acredita em Deus ou qualquer coisa assim?*

Paul — *Yeah.* Quando eu era criança, costumava pensar em Deus e cada vez que eu ouvia aquelas pessoas de Liverpool, você sabe, essas que ficam na rua pregando e falando de Jesus ("Eu sou Deus, Jesus, etc..."), eu ouvia essas coisas e ficava pensando que Deus devia ser uma espécie de síntese do mundo: "good". É só tirar um "o" dessa palavra que significa bom, você encontra a palavra God (Deus) e isso para mim é a personificação do significado que Deus tem para mim. E, se você concordar com isso, então eu poderia dizer, sim, eu acredito em Deus. Sei lá se ele é um cara velho com uma barba grisalha, ninguém sabe. No fundo, eu acredito numa espécie de espírito divino e, às vezes, quando eu escrevo uma canção, eu tenho a nítida impressao de que não fui eu quem escreveu e realmente eu não sei de onde brotam as melhores canções que eu já fiz, eu tenho a sensação de que elas chegam *através* de mim.

BIZZ — *Você vai pra cama com um caderninho de anotações?*

Paul — Quando eu escrevi "Yesterday" foi mais ou menos assim. Eu não tinha nenhum caderno, mas acordei no meio da noite quase sonhando ainda e essa canção já estava dentro da minha cabeça e eu não sei como a compus. Tinha um piano bem ao lado da minha cama e, quando eu acordei, fiquei semanas atrás das pessoas, tocando essa música pra que elas me dissessem se elas conheciam ou não os acordes, porque eu tinha quase certeza de que já tinha ouvido a música em algum lugar. "Não é possível, alguém já deve ter escrito uma coisa assim: 'Scrambled eggs, oh my baby, how I love your legs' (*)". Mas você sabe, *yeah*, eu não sei de onde vêm essas coisas. Na verdade, eu acho que, se a pessoa resolve abrir a cabeça para esse tipo de coisa e se ela tiver sorte, as idéias vêm, é inexplicável. É claro que com um pouquinho de talento, vontade de sentar, anotar e ser capaz de cantar, por exemplo, tudo isso ajuda muito. Mas é estranho, é muito difícil dizer de onde vem essa sensação

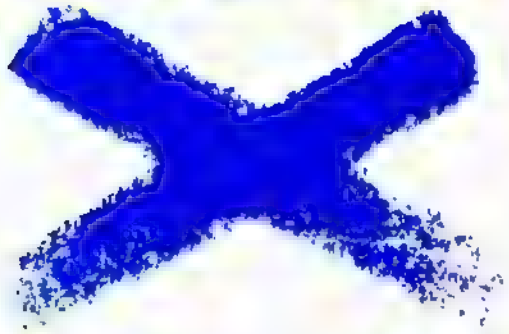
BIZZ — *Ninguém sabe. Muito obrigado, Mr. McCartney.*

Paul — *Au revoir.*

(*) "Ovos mexidos, oh, meu bem, como amo suas pernas."

Morrissey e Marr? Rodgers e Hart? Nao, a parceria que virou de ponta-cabeça a música pop

A BANDA MAIS BARULHENTA



AS MULHERES MAIS GOSTOSAS

Pois é, eles desembarcam no Brasil este mês para shows em quatro capitais. Abaddon, o baterista, conta a *José Augusto Lemos* o que espera encontrar aqui

[redacted] Uma cinzenta manhã no final de outubro, toca o telefone vermelho da redação. Alô, quem fala? "Abaddon..." O anjo exterminador? "Não, o baterista do Venom." Aah!

Pois é, o grupo mais barulhento do mundo — como eles mesmos orgulhosamente se apresentam — já está de passagem marcada para o Brasil, um país da América do Sul onde não tinha nenhum disco lançado mas, assim mesmo, conseguiu a proeza de ser a banda favorita dos headbangers mais radicais e até de alguns dos punks que deliram com o casamento promovido com o heavy sob o rótulo *thrash*. E o que esperam eles encontrar nessa terra tão distante?

"As mulheres mais gostosas do planeta!"

Mais uma entrevista com um *rock star* em que essa nossa grande reputação internacional seja levantada ao som de saliva acumulando na boca do distinto e eu me aposento. Mas vamos lá... Houve alterações na formação da banda, o que isso deve trazer para o som?

"Bem, são dois guitarristas tecnicamente muito bons, o que vai nos deixar livres e despreocupados quanto a isso. Antes nós só estávamos preocupados em ser a banda mais barulhenta do mundo... nem pensávamos em melodia, essas coisas. Agora isso mudou."

Vocês tiveram alguma banda como modelo?

"Para mim, o Deep Purple... Eles foram, naquela época, a banda mais barulhenta do mundo — 110, 120 decibéis. Só o Iron Maiden superou essa marca depois, com uns 140 decibéis. Mas *hoje em dia* nós somos a banda mais barulhenta do mundo!"

OK, cada um faz o que quer com seus tímpanos. Estejam avisados, portanto, os pais que forem levar seus rebentos aos shows do Venom aqui no Brasil: não esqueçam do algodão para os ouvidos.

E o que os rapazes gostam de fazer nas horas vagas, quando não estão gravando nem excursionando?

"Transar... *(risos e gargalhadas)* Não, sério. Eu transo bastante. Foi por isso que quis montar uma banda, na adolescência, para pegar o maior número possível de mulheres..."

Valeu a pena?

"Agora está valendo... foi um grande esforço, demos um duro danado para chegar onde estamos... *(mais risos e mais gargalhadas)*"

Mudando de assunto, há um tipo de purismo entre os metalúrgicos que — apesar de todas essas ramificações recentes, tipo *power metal*, *black metal*, não-sei-o-que-metal — distingue entre um metal verdadeiro e um postiço. Existe o falso metal, Abaddon?

"Existe. Você vê os caras no palco, decifra até as bandas nas quais eles se inspiraram, mas não vê nenhuma entrega, nenhuma convicção... É diferente de ver um Bruce Dickinson no palco, você sente o cara entregue ao som, em transe com a energia..."

Não tem nada a ver, portanto, com essas bandas heavy made in USA, todas empetecadas à base de laquê, rímel, batom, esmalte de unhas e que tais?

"Não mesmo. É, como eu falei, uma questão de convicção. Quando os New York Dolls pintaram desse jeito... o Sweet, uma banda inglesa, também... Quando esses caras pintaram maquiados, eles *acreditavam* nisso, está me entendendo? É diferente do cara que se produz porque acha que vai fazer mais sucesso. Então, todo esse papo de falso e verdadeiro se reduz à convicção pessoal, se o cara acredita ou não no que faz."

Conto, então, para o Abaddon do estardalhaço que a imprensa brasileira fez em cima do Ozzy Osbourne e sua imagem satanista. Eles sabem que o Brasil é um país predominantemente católico e que isso é levado a sério aqui?

"Nós sabemos, nós sabemos. Mas, se alguém aí quiser falar sobre religião com a gente, nós não abriremos a boca... Nós acreditamos que o nosso trabalho deve ser levado em conta com 'uma pitada de sal', como se diz aqui na Inglaterra, com um pouco de humor e ironia... Mas cada um tem a sua religião e nós não discutimos esse assunto."

A conversa termina com os novos planos do Venom. O disco novo já está quase pronto, e trata-se de uma mera "coleção de canções", ao contrário do álbum conceitual, *At War with Satan*. Além dele, vem aí um duplo gravado ao vivo para documentar a trajetória da primeira formação da banda. Enquanto isso, a Continental deve ir soltando aos poucos todo o catálogo deles no país das mulheres mais gostosas do planeta.

EM VEZ DE UMA
FIQUE LOGO COM UM

Agora, Hot Tape tem nova embalagem, idêntica à vendida na Europa.

Serviço de Orientação ao Consumidor BASF (SOC) - Tel.: (DDG - Brasil) 800-8006 - S. Paulo (011) 258-32

FITA COMUM, A HOT TAPE DA BASF.

A fita que esquenta qualquer som está de cara nova. Mas não foi só a cara que mudou.
A Hot Tape ficou ainda mais apimentada.

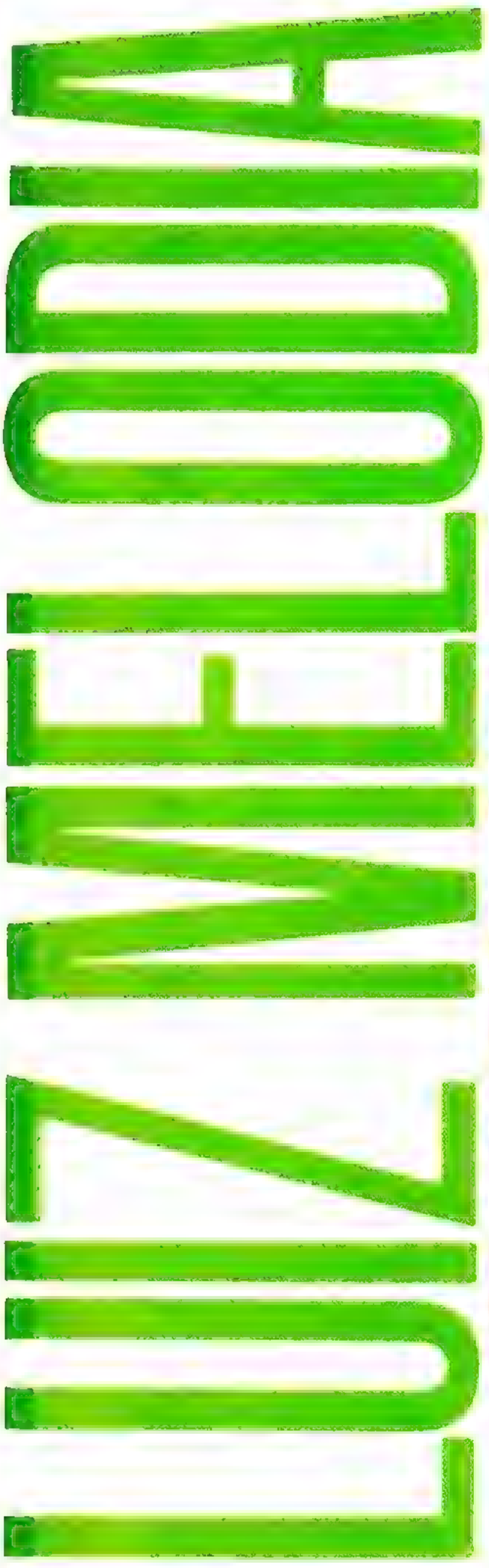
Agora, a Hot Tape que você compra aqui no Brasil é idêntica à Hot Tape que os europeus compram na Europa. Por dentro e por fora.

Compre logo a fita que esquenta qualquer som.
Aqui ou na Europa.

Fique com a Hot Tape da BASF. Agora, ainda com mais pimenta.

BASF

NÃO SE CONTENTE COM MENOS.



PREPARANDO O BOTE

Enquanto gravava seu novo LP, o "negro gato" abriu uma brecha para conversar com *José Augusto Lemos* sobre inspiração, maldição e outras "maravilhas comtemporâneas"

Uma riqueza particular na tradição da MPB é o estoque de versos lapidares, gemas, pérolas, poesia, chame do que quiser. "Tire seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor" (Guilherme de Britto). "Perto de você me calo, tudo penso, nada falo" (Noel Rosa). "Quero chorar, não tenho lágrimas" (Monsueto?). "Eu entendo a juventude transviada e o auxílio luxuoso de um pandeiro" (Luiz Melodia).

Só de cabeça, daria para compilar mais uma infinidade de versos do mesmo quilate só nos discos do Melodia. Seu estilo, aliás, parece mais uma colagem desses quase hai-kais, dispensando as articulações e sugestões que outros letristas usam apenas para preparar e dar uma "lógica" ao desfecho final, a verdadeira bomba de um ou dois versos.

Ele está agora à minha frente, tranqüilão, calça de couro preto e camiseta branca, sentado na varanda de um apartamento recém-alugado na Barra, com uma sensacional vista para o mar. Define seu estilo como "jatos de poesia", diz que não tem formação literária além dos livros de zoologia que devora com a paixão de um colecionador. "Fico cheio de inspiração", diz com um sorriso matreiro nos olhos.

Pois é, houve até um quadrúpede fantasiado de "crítico" que recomendou ao Melodia ler Drummond para parar com essas letras — para ele, "desconexas" e "incoerentes". Mas deixa para lá, afinal ele sempre foi muito bem acolhido pela maioria da crítica. Suas mágoas e ressentimentos são outros — talvez típicos de quem, como ele, enfrentou na década passada a mídia e as gravadoras com inabalável vontade própria e consciência do seu trabalho. Jards Macalé e Jorge Mautner também não devem ter passado impunes...

"Quando eu gravei 'Negro Gato', fui na Globo filmar um play-back e aí tinham posto uma coreografia com umas garotas vestidas de mulher-gato (risos e gargalhadas ecoam pela varanda). Eu disse: tudo bem, tudo legal, só quero que tirem as 'gatas'...No dia seguinte, eu estava proibido de entrar na Globo..."

Ninguém é profeta em sua própria terra. Eu tiro o clichê do bolso quando ele começa a desfiar seu ressentimento do Rio de Janeiro. "Até me nego a fazer show aqui, a Jane *(sua mulher e empresária)* briga muito comigo por causa disso... É uma cidade linda, mas está cheia de pessoas duvidosas, se preocupam mais com a minha vida pessoal do que com meu trabalho."

"Tudo começou quando eu gravei *Pérola Negra*, eu desci do morro para fazer um trabalho que não era samba, aí veio: 'Como é que um negro do morro pode não fazer samba? É impossível!' *(mais risos e gargalhadas)* Mas são pessoas medíocres, eu não esmoreci por causa disso. Se deixar, eles te entalham e manipulam..."

Pergunto a ele se não acha suspeito que, enquanto do blues brotaram o jazz, o rock e todos os seus derivados, o funk, o soul, o reggae etc. etc., o samba — com algumas honrosas exceções — foi trancado a sete chaves como folclore para a turistada.

"É isso, é isso aí! Você não vê um grupo de negros tocando funk no *Chacrinha*, só se for samba..."

"Eu fico dois ou três anos sem gravar, por opção. Não tem sentido gravar um disco por ano, é uma exploração"

O movimento do Black Rio, também na década passada, foi assassinado no berço, a pauladas, por jornalistas brancos que se consideravam intelectuais por terem feito a faculdade de Sociologia. Pergunto, então, se quando ele desceu do morro tinha consciência de ser tão perigoso...

"Nunca imaginei. Não entendi nada... Se eu fosse baiano, talvez não tivesse acontecido."

Naquela época (e as coisas não mudaram tanto assim), bastava ter um estilo e querer defendê-lo com unhas e dentes para ser enquadrado como "maldito" e daí ser escorraçado da mídia, principalmente TV e rádio. Que maldição é essa, Luiz?

"Sei lá. Excesso de talento e audácia. Eu sou muito audacioso. Eu tenho histórias fantásticas, de gente de gravadora que vinha: 'Corta esse cabelo, Luiz, que você vai fazer sucesso... Põe umas roupas mais elegantes...' Depois vêm as cobranças dos amigos: 'Pô, não acho seu disco em nenhuma loja', meu pai: 'Pô, seu disco não está tocando no rádio, e tem *tanta merda* tocando...' "

"Pô, se eu fico dois ou três anos sem gravar, é por opção. Não tem sentido fazer um por ano, é uma exploração que cansa até esgotar... A gente precisa de uma gestação de nove meses só para nascer."

Arrisco que esse veneno composto de purismo e racismo também influi na divulgação. Quantas vezes, aqui na BIZZ, a gente teve de pedir e pedir de novo certos discos de samba ou funk, que não vinham porque achavam que "não íamos gostar"?

Luiz, lacônico: "O racismo acontece, eu sei".

Começamos a conversar sobre as letras da Jovem Guarda — principalmente Erasmo Carlos —, que ele tanto adora. "Eu era muito apaixonado na adolescência, com grandes dificuldades para namorar as gatinhas... Ora, no próprio morro tinha esse racismo, de você chegar numa garota um pouco mais clara e ouvir: 'Sai daí, macaco!'. Só bem mais tarde que eu fui cair no mundo. Eu lembro quando comecei a ir na casa da Gal Costa, via as garotas sentadas com as pernas de fora, aparecendo a calcinha. Eu ficava... não escandalizado, mas envergonhado, paralisado. Às vezes, tenho até vontade de voltar a essa época, parece que certas coisas vão perdendo o sabor com a maturidade."

Chamo a atenção para o clima sado-masô de letras como "Farrapo Humano" e "Surra de Chicote".

"São personagens e temas, até como a escravidão... Existem pessoas assim, claro, que se maltratam o tempo todo... Todo mundo tem um pouquinho, já outros são superdoentes, mas 'tá com a gente!' "

Enquanto isso, o disco novo está quase pronto — o mais "diversificado" de sua carreira, segundo ele. Antes de sair, ouço um funk e uma belíssima bossa, composta em Bruxelas. Ele conta da viagem com entusiasmo, como a moçada "caiu na dança" nos três shows que deu na França. "Me dei bem, eu queria ir faz tempo, mas fui na hora exata."

E a última? A última é que ele quer um terno igualzinho ao de David Byrne em *Stop Making Sense*. Que os deuses o abençoem.

SMACK

CULT TRIO DE FUTURO OBSCURO

Mas eles não estão nem aí. Lançando agora seu segundo LP, fazem um balanço de carreira cara a cara com *Bia Abramo*

Antes do boom do rock nacional, aconteceu o boom da MPB independente. Foi um fenômeno mais restrito a São Paulo e, ao contrário do rock, desprezou a mídia em vez de entrar nela. Enquanto deu pé, eles constituíram um circuito realmente independente de produção, distribuição e divulgação para grupos que eram ignorados pelas gravadoras.

Essa pequena digressão fazendo as vezes de introdução está aí por duas razões: uma, porque o Smack está lançando seu segundo LP independente; outra, porque a história da banda começa nesse meio tempo.

Pamps, que já havia tocado com Itamar Assumpção, conheceu Sandra Coutinho quando ambos acompanhavam Eliete Negreiros. Com Edgard Scandurra, fizeram uma primeira tentativa de montar uma banda. Acabou não indo para a frente, mas Pamps persistiu na idéia e começou a mostrar uns temas de baixo que ele tinha. A Sandra, que na época tocava teclados, e o Edgard, guitarra, curtiram e, assim, eles continuaram tocando juntos. Durante mais ou menos um ano (83/84) ficaram ensaiando, mudaram de formação (Sandra passou para o baixo e Pamps para a guitarra) e tentaram vários bateristas. Um dia, pensaram em experimentar Thomas Pappon, baterista dos Voluntários da Pátria. "Foi uma surpresa", conta Sandra, porque deu certo de cara. Com a formação definida começaram a fazer shows pelo underground paulistano.

O Smack tinha (e ainda tem) uma característica muito particular — só Pamps era exclusivo da banda. Sandra tocava (e toca) nas Mercenárias; e o Edgard, na época, prestava seus serviços para nada mais nada menos que Mercenárias, Ira e Cabine C; Thomas, além dos Voluntários, estava começando a tramar o Fellini. Esta multiplicidade rendeu até uma briga de comadres com a crítica musical da ocasião. O surpreendente é que o Smack tinha (e tem) um som absolutamente próprio, que não é parecido com o de nenhum desses grupos. Mas o dia tem só 24 horas — Thomas achou que, com o Voluntários lançando o seu primeiro LP, ele deveria se dedicar ao trabalho de divulgação. Para não deixar esse primeiro repertório sem nenhum registro, eles resolveram gravá-lo. A idéia inicial era gravar um show, mas, como era caro para fazê-lo com uma qualidade razoável (e eram os próprios integrantes do Smack que iam bancar as sessões), a solução foi gravar "ao vivo" no estúdio. Ou seja, ao invés do procedimento usual de gravar cada instrumento em separado, eles gravaram todos juntos, como se fosse uma apresentação.

AO VIVO NO ESTÚDIO

Em doze horas de estúdio estavam com uma fita. Com esta *demo* nas mãos foram procurar a Baratos Afins — que, de resto, já estava lançando o disco dos Voluntários —, que topou produzir o LP *Ao Vivo no Mosh*.

Antes de sair o disco, o Smack já não era o mesmo. O Thomas acabou ficando, mas o Edgard saiu —, e substituir o Edgard não é para qualquer um. Parecia que o disco ia ser o epílogo da banda. Mas, mesmo nesse impasse, o Smack não perdeu tempo. Começaram a compor novas músicas, rearranjaram algumas antigas para trio. Já no primeiro show como trio, Pamps conta que a resposta foi superanimadora, e o problema do segundo guitarrista foi simplesmente deixado de lado.

Nesta nova fase eles deram alguns shows, solidificando a reputação de *cult group* do circuito alternativo paulistano. O projeto de gravar um novo disco não poderia estar muito distante. Dessa vez, a Baratos Afins assumiu toda a produção. Pensado de fato como um disco, gravado de forma convencional, com mais tempo para elaborar os arranjos, o LP *Noite e Dia* é um trabalho mais amadurecido.

Se o primeiro LP registra a sedução do que o Smack é capaz em palco, a força e o clima emocional dos shows, o segundo aprofunda o que *Ao Vivo no Mosh* começa a sugerir. As frases tortuosas do baixo, uma bateria menos dura, mais suingada, os efeitos levemente espalhados, os *backings* que não estão atrás mas ao lado do vocal, este alternando graves e agudos, indiferença e desespero. Enfim, todo um trabalho de climas de cada música, cada uma um convite à viagem.

Falando das letras, Pamps dá nome aos bois: "São um monte de emoções postas juntas, que me tocaram de forma meio inusitada, que acabam criando uma idéia geral. Nestas últimas letras, eu falo de amor e solidão, mas não aquela solidão suicida. É mais do gênero aprender a existir sozinho, não precisar de outro ser para te completar, mas ao mesmo tempo esperar que isso aconteça. Paradoxos desse tipo..." Thomas chama isso de *dark*, Sandra não concorda: "Essas músicas têm umas harmonias, uns coloridos que não remetem muito ao dark".

O que quer que seja dark, além de uma perniciosa folclorização de certos gostos e certos comportamentos, estimulada e explorada pelo jornalismo cultural que não tem muito assunto, o Smack não se limita a isso. Se purifica da autocompaixão, como em "Cavalos". Enquanto Pamps canta: "A sós com a dor/ Pelo puro prazer/ De sofrer", o *backing* quase lírico da Sandra faz como que um comentário, entre sarcástico e cúmplice. Fazem uma brincadeira com o brega radiofônico em "Rádio Smack". Dentro da mesma letra, elegem uma afirmação para contradizê-la em seguida: "Medo da morte/ Medo de viver.../ Solidão me atrai/ Solidão me aflige".

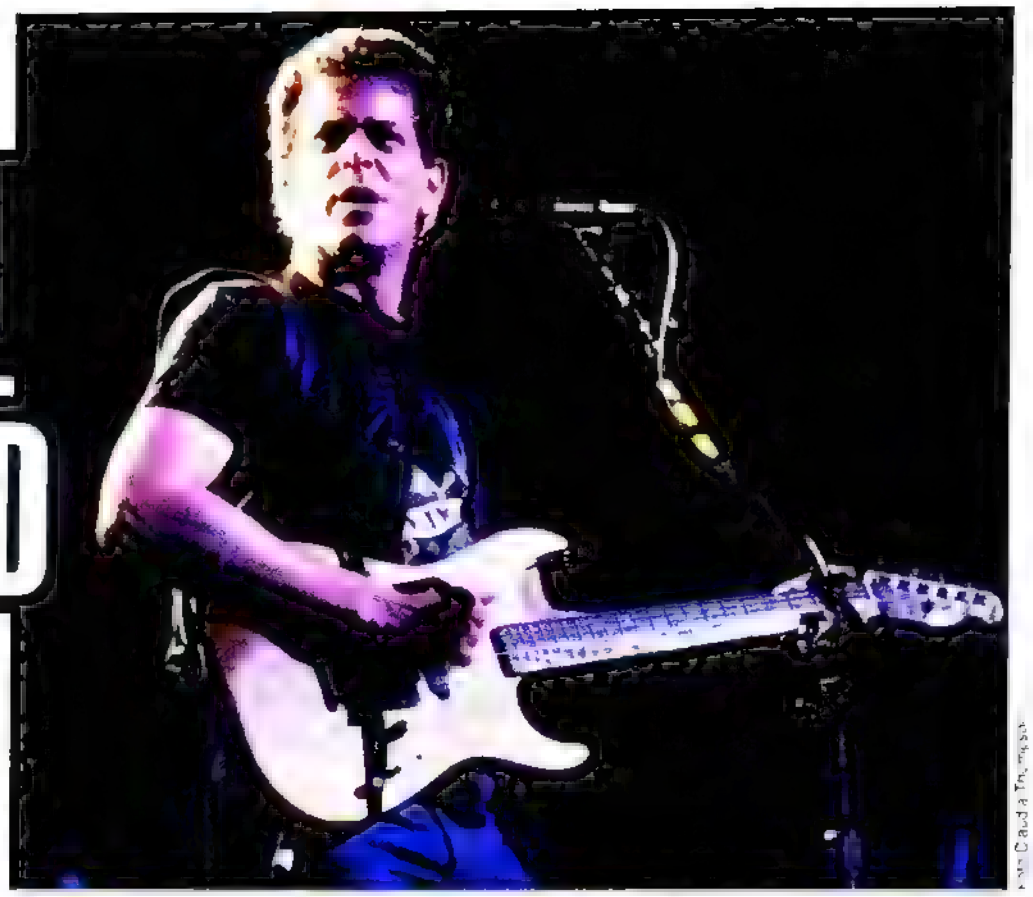
Em suma, não fecham com nada a não ser com a própria autenticidade, como afirma Pamps: "O Smack foi pensado desde o começo para soar como Smack".

"O futuro é obscuro", diz Pamps, rimando humor negro com lucidez. De fato, para uma banda com dois trabalhos independentes não existem muitas perspectivas no Brasil, a não ser... "Se o Smack conseguir descolar uma gravadora, vai significar uma certa revolução no mercado", profetiza o Thomas. Ou seja, que as gravadoras estariam dispostas a investir em bandas que não tenham o intuito de estourar, de sair errepeemizando" (neologismo inventado por Pamps) por aí.

A se tomar por referência o primeiro LP, pelo menos em termos de críticas o Smack pode ficar animado. O disco esteve entre os melhores do ano eleitos pela crítica da BIZZ. E mais, chegou até a *Spin*, revista norte-americana, onde recebeu um comentário bastante elogioso. Resta aguardar a repercussão de *Noite e Dia*.

Foto Ru Mendes

LOU REED



O responsável pelos recordes de vendas do couro preto nas últimas décadas, mr. Lou Reed

O patriarca

Radio City Music Hall (NY) 01/10/86

No final das duas horas de concerto, desceu no palco uma enorme cortina com a palavra *LOU* em letras de três metros de altura. No teatro-palácio, com suas poltronas de veludo vermelho e decorações douradas, aquele cartaz parecia mesmo a palavra final vinte anos depois de iniciada sua carreira, o Papa do Punk Rock chegava à platéia mais convencional da cidade atual excursão pelo mundo inteiro, com lotações esgotadas de Tóquio a Melbourne, de Paris a Miami.

O próprio concerto, apesar de longa e cuidadosa preparação, foi menos excitante pela presença do A-Ha que pelo entusiasmo da platéia. A iluminação discreta e "artística" demais prejudicava a belezura dos meninos. Parecia que a platéia estava comemorando mais sua própria presença no Radio City, a sorte de conseguir ingressos, que o que acontecia no palco. Um palco que demonstrou a pouca experiência do A-Ha no contato direto com o público internacional, e que repete a grande verdade sobre a banda: eles não têm uma grande carreira atrás de si — têm, talvez, uma grande carreira pela frente

Eles são uma propriedade preciosa, lucrativa, e nem que seja apenas por isso certamente receberão o melhor dos tratamentos, para que fiquem na crista da onda pelo menos até que os anos não ataquem a pele perfeita e os cabelos impecáveis de Mags, Pal e Morten. Mas, depois de passadas algumas horas do concerto, a verdade é que eu já me lembrava mais dos clips do que daquilo que tinha acontecido no show. *Marco Antonio de Menezes*

A-HA

Bonecos de futuro

Radio City Music Hall (NY) 10/10/86

Os norueguezinhos do A-Ha parecem os mais bonitos garotos da Globo, retocados até desaparecer a menor imperfeição. Já não são gatos, são bonecos. Mas seria injusto explicar todo o resultado de sua carreira meteórica apenas com o sucesso que fazem com as garotas. Isso não explicaria como "Take on Me" e "The Sun Always Shines on TV" chegaram ao topo de todas as paradas, como o LP *Hunting High and Low* vendeu mais de um milhão de cópias nos Estados Unidos, no Canadá e no Japão, e mais de meio milhão na Inglaterra, Irlanda, Austrália, Alemanha, Áustria, Noruega, Suíça, Bélgica, Dinamarca, Suécia

Mas o concerto do A-Ha também não explica nada. Sem a maioria dos adereços musicais e visuais dos clips e discos, o grupo perde muito da graça. A verdade é que, sem esse apoio logístico da indústria, o A-Ha fica meio perdido.

Não é um defeito grave, para três garotos que têm menos de dois anos de carreira profissional. Aliás, profissionalismo é a palavra que melhor define o conjunto. Na Noruega até garotos de sete anos meditam antes de responder a uma pergunta. Parece que todo mundo já nasce adulto. Pal Waaktar (guitarra, teclados) e Mags (teclados) já se levavam muito a sério quando tinham dez anos, época em que começaram a tocar em clubes e bailes, formando uma dupla chamada Britches. Com 14, decidiram que o próximo passo seria Londres.

Em 82, encontraram o vocalista Morten Harket, que topou fazer com eles a aventura londrina. Em dezembro de 83, assinaram um contrato com a Warner. Começaram em 84, e já em 86 ganharam nada menos que sete prêmios anuais da MTV, para o vídeo "Take on Me", realmente um dos mais criativos dos últimos tempos. No dia dos prêmios, 5 de setembro passado, seu profissionalismo mal permitiu algumas horas de comemoração. *Scoundrel Days*, o segundo LP do A-Ha, já era a maior preocupação de Pal, Mags e Harket, assim como a organização de sua

de. Anos que trouxeram Lou Reed de cenários bem mais marginais. Dos tempos do Velvet Underground, em que seu nome era sinônimo de desprezo por todas as convenções, marginalidade, quase banditismo, em canções hoje clássicas como "Walk on the Wild Side" ou "Street Hassle".

Hoje, "Walk on the Wild Side" é fundo sonoro para uma propaganda de TV da Honda em que Lou também aparece (embora qualquer fã saiba que ele pilota uma Harley Davidson). Será que tudo isso quer dizer que Lou Reed virou um caretão do rock? Nada disso. A energia está lá, inteirinha. Claro que ele não faz, hoje em dia, no palco, as loucuras dos anos 60. Talvez por isso é que ele tenha ficado dois anos longe de apresentações em concertos, com exceção de pequenos clubes e aparições tipo Farm Aid. Mas seu som continua uma porrada, rock básico em três cordas que nenhum truque conseguiu destronar.

A base do trabalho de Reed, musicalmente, ainda é sua parceria (desde 81) com o baixo deslizante de Fernando Saunders. Agora, a banda tem saxofone, teclados, bateria, além da voz e da guitarra de Lou Reed. E a música, pelo menos em termos de letras e de organização do concerto, está cada vez mais inteligente. Lou sabe usar canções como "I Remember You" para colocar a platéia no *mood* exato para coisas mais da pesada, como "Street Hassle" e "The Last Shot". A voz continua maravilhosa, com inflexões cheias de força mas pouca emoção clara, deixando que a platéia tire suas próprias conclusões quanto à intenção das letras. Junto com seus novos modos no palco, calmos e precisos, isso serve para manter um distanciamento brechtiano entre Reed e sua música. Acho que nunca ele cantou "We're Gonna Have a Real Good Time Together" com mais intensidade e tragédia que neste concerto do Radio City.

Hoje, Lou está casado e feliz, em New Jersey. Tem 43 anos. Mas sua música não é apenas o rock tranqüilo e talentoso de discos mais recentes, como *Mistrial* ou *New Sensations*. No Radio City, ele jogou para o ar nada menos que uma versão rap de uma de suas músicas no Velvet Underground, "The Original Wrapper". Dissonâncias, loucuras, tudo que tornou o Velvet uma lição de linguagem moderna de rock. *M.A.M.*

KILLING JOKE

Velha piada

Hammersmith Palais (Londres) 28/09/86

Foto Maurício Valladares

E o apocalipse ou apenas o fim do mundo? Jaz Coleman exibe sua máscara Helena Rubinstein

De repente, a dúvida cruel — o que ver? Trouble Funk, Cameo ou Killing Joke? Os três no mesmo dia e horário, em locais diferentes. Os dois primeiros são, junto com o Run DMC, os principais nomes do funk americano. A possibilidade de ser arrastado pelo ritmo black era muito mais forte. Naquele momento. Mas o que fazer com o Killing Joke? Dispensar aquela batida surda, esquecer o som da guitarra em músicas como "Follow the Leader" e "Love Like Blood"? Jogar fora a voz de Jaz Coleman, que há mais de seis anos circula pela minha cabeça? Uma incerteza dura de roer. A decisão custou mas veio clara. Pro diabo o go-go de Washington D.C., o Cameo que me dê outra chance. A Piada-que-Mata será toda minha esta noite.

O Hammersmith Palais foi enchendo, enchendo... e entupiu. Uma das bandas-suporte não resistiu aos copos atirados pela turba e se retirou mais cedo. A colônia auriverde está em peso. O Palais se apaga e o gelo seco cobre o palco. O baixista Paul Raven entra dando pinotes. Só a luz dos flashes mostra Geordie com sua guitarra dourada e Paul Ferguson se ajeitando na bateria. Com os primeiros acordes de "Night Time" surge Jaz Coleman, um misto de Ozzy Osbourne e Marcelo Nova.

O som é muito alto, qualidade perfeita. O pandemônio está instalado. O fosso que separa o palco da torcida está lotado — alguns fotógrafos, muitos seguranças e vários alucinados que se atiram para o alto e nele aterrissam.

O Killing Joke chega perto da fronteira do heavy metal, principalmente ao vivo. Junto com algumas inéditas, o desfile de clássicos é irresistível — "Eighties", "Empire Song", "Let's All Go", "Kings and Queens".

O fim da linha do KJ é visível para todos. Seus últimos discos deixaram para trás o que a banda tinha de melhor. A piada não é mais mortal. Atualmente provoca risinhos amarelados, como alguns de seus contemporâneos (U2, Simple Minds, Cure). O empastelamento enche os bolsos. Mas a força da banda se mantém no palco em músicas como "Requiem" e "Wardance", que fecharam o show. Pelo menos no final tive certeza da escolha.

Maurício Valladares

GENESIS

Bolo de aniversário

Madison Square Garden (NY) 02/10/86

Sabem o que aconteceu com o Genesis? Virou uma imitação de Phil Collins. Depois que Phil desenvolveu uma carreira à parte, que fez muito mais sucesso comercial que o Genesis a partir de *No Jacket Required*, isso era inevitável. Talvez seja uma vantagem. Em vez de todos aqueles seus velhos truques, o Genesis aprendeu a assimilar todas as influên-

Foto Claudia Thompson

Phil Collins e Mike "O Mecânico" Rutherford, dois terços do Genesis, no Madison Sq. Garden

JAMES TAYLOR

Nostalgia apoteótica

Canecão e Praça da Apoteose (RJ) 10 e 11/10/86

A minitemporada brasileira de James Taylor foi sucesso acima do esperado. Várias datas foram acrescidas em sua agenda e provavelmente Mr. Taylor voltará em outra ocasião. Suas apresentações cariocas foram tao apoteóticas quanto as do Rock in Rio. Não foi à toa que ele se apresentou na própria praça da Apoteose, batendo o recorde de público do local e chegando inclusive às lágrimas de emoçao.

O repertório apresentado variou em quantidade e músicas. No Canecão, lugar fechado e pequeno, foi mais intimista. Na Apoteose, uma festa. Tanto em um como em outro local uma coisa foi idêntica: a qualidade do espetáculo. Pode se criticar o estilo de Taylor, mas não o show apresentado por ele e sua banda de excelentes profissionais. Quem gosta delirou.

Como era previsível, os pontos altos de sua apresentação no Canecão foram "Sweet Baby James", "Caroline on my Mind, "Handy Man", "You've Got a Friend" e "Fire and Hain", que o público acompanhou com tanto empenho e num inglês tão certo, que até James deve ter-se surpreendido. A única que ele nao apresentou, bastante pedida no bis, foi "Mexico". No mais, ele não repetiu nenhuma, e fechou a noite acompanhado dos vocalistas Arnold McCuller e Rosemary Butler com o gospel "Walk Down the Lonesome Road". Bastante emocionante!

O ponto quente do show no Canecão — que fez os casais pararem de se beijar e quase cair no rock, não fosse o local repleto de mesas — ocorreu quando Taylor e a banda lascaram "Steamroller Blues", com todo o estilo americano e marcado por improvisos vocais e instrumentais. Houve até uma introdução feita pelo guitarrista Dan Dougmore que lembrou bastante "Heartbreaker", do Led Zeppelin. Citação?

O menestrel acre-doce dos anos 70, mr. Taylor

No final das contas, mesmo quem não passava de bebê na época em que James Taylor embalava o mundo com suas baladas *bitter-sweet* assimilou com rapidez e curtiu com a mesma empolgação dos nostálgicos que um dia acreditaram no sonho de paz e amor.

Tom Leão

cias que Phil sabe usar tão bem, principalmente um casamento perfeito entre o rock inglês e os ritmos latinos e africanos.

Era aniversário de Michael Rutherford, guitarra e baixo do Genesis desde 1966. Phil, com sua cancha perfeita de *entertainer*, transformou o aniversário numa oportunidade de estabelecer aquele diálogo bem-humorado com a platéia que só ele sabe montar. O Madison Square Garden, totalmente lotado (como ficou durante os cincos dias de concertos do Genesis), cantou "Parabéns pra você" em coro. Depois, Chester Thompson e Phil atacaram um dueto de baterias que vai ficar na memória de todos que estavam presentes.

Maravilha, maravilha? Bem, só até certo ponto. Desde que Peter Gabriel deixou o Genesis, o grupo passou daquela majestosa teatralidade do art rock para um território mais ligado nos shows, com raios laser e luzes mirabolantes. Neste show, a perícia da iluminação chegou ao máximo que já vi até hoje. No solo das baterias, todo o teto de centenas de refletores entra em movimento, começa a iluminar a si mesmo. Escultura e dança, uma coisa que quase começa a pôr a música em segundo plano.

Parece que está começando a acontecer o mesmo com o Genesis, até certo ponto. Esta excursão, *The Invisible Tour*, foi feita para reforçar o lançamento do LP *The Invisible Touch*. Mas, na verdade, tudo é muito visível. Escutem "In Too Deep" e "The Invisible Touch", por exemplo. Imaginem isso envolvido em centenas de truques de luz. A coisa acaba ficando meio açucarada, com aquele gosto de música feita apenas para agradar (e olhem que essas talvez sejam as duas melhores faixas do disco).

Não é que o Genesis vá mal, nao é isso. É difícil precisar exatamente onde a coisa vai mal. Parece que vai mal exatamente porque está indo bem demais. Genesis já foi um dos maiores desafios musicais da praça. Agora, é uma banda acessível, confortável, com um som que se desenha no ar como a decoração de um bolo muito bem confeitado. Vá lá que bolo confeitado tenha seu lugar, mas três horas seguidas de bolo confeitado já começam a dar mais azia que prazer.

M.A.M

Foto Eva Joory

O excelentíssimo sr. Fripp e seu violão

FRIPP

O mago no magazine

Virgin Megastore
(Londres)
03/10/86

A concorrência entre as grandes lojas de disco londrinas é mirabolante. Três caem de boca na parada, e a parada é megalômana terminal. A Virgin Megastore, em Oxford Street, foi a primeira a dizer: "Sou a maior". Veio a Tower de Piccadilly e proclamou, na imprensa, em *outdoors* e nos *double-deckers:* "A maior loja de discos do mundo conhecido" (será que tem uma maior ainda lá em Marte, ou no planeta dos *Aliens?*). Agora a HMV está montando outra sucursal na mesma Oxford Street para acabar de vez com a concorrência. No meio deste *beatbox* tonitroante, fazem as suas ofertas especiais, desencavam umas raridadezinhas e levam uma moçada para tocar ao vivo. Foi nesse esquema que o venerável Robert Fripp, lenda viva desde que criou a Corte do Rei Escarlate, desfilou toda a sua fleuma em um fim de expediente na Virgin Megastore. É como se João Gilberto resolvesse dar um concerto no Mappin.

O último projeto de Fripp é a League of Crafty Guitarists. Fripp está dando cursos de violão em uma universidade de West Virginia, EUA. Entre os alunos há desde principiantes a músicos feras. Entre quinze e 25 alunos participam de cada curso, que compreende um determinado estágio. No primeiro nível a ênfase é na mecânica de tocar violão. Depois vêm teoria musical e a busca de um estilo. Durante os cursos apresenta "desafios" à moçada. Por exemplo, preparem-se para um concerto em uma rádio, com transmissão ao vivo, com apenas três dias de ensaio. Ou o mesmo esquema para um concerto em uma universidade de Washington. A *League* teve esses concertos gravados e daí saiu um LP. Para o miniconcerto da Virgin, Fripp levou alguns de seus alunos, e tocaram o LP ao vivo.

São interconexões, frases circulatórias, simetrias de temas e "dissonâncias cognitivas" absolutamente frippeanas, já exploradas eletronicamente, tanto no King Crimson quanto no trabalho com Eno e naquela sensacional *League of Gentlemen* do início dos anos 80. Agora está tudo nu e circulando pelos Ovation da garotada, background sonoro para os solos da fera. Ao final, em uma marcha, todo mundo, instado por Fripp, entra no seu solo particular. Há farta influência de sonoridades orientais. Ele rege a classe como um cientista louco, de camisa branca abotoada na gola e os oclinhos de aro fino, com um resultado musical semelhante à contemplação de uma gravura campestre do século XIX.

Pepe Escobar

INDIAN WALK

CHANGE OF
TIME!

SUMMER 87!

O verdadeiro
mocassin moicano para
atravessar as areias
deste verão.

Em couro graxoso e nobuck.
Masculino e feminino.

Side Walk
CITY OR COUNTRY WALKS.

SHOPPING IGUATEMI SP • RUA MELO ALVES COM ALAMEDA LORENA SP
• SHOPPING IBIRAPUERA SP • RUA ANIBAL DE MENDONÇA ESQUINA COM
VISCONDE DE JARJA RJ • SHOPPING RIO-SUL • SHOPPING IGUATEMI
SALVADOR • SHOPPING IGUATEMI CAMPINAS SP

IRA!

Contra as armações

Universidade de São Paulo — 11/10/86

Foto Gerald Reis Gomes

Ao ar livre, na Cidade Universitaria de SP, Nasi e Edgard soltam sua carga de adrenalina

A praça do relógio é um descampado enorme no meio da Cidade Universitária. O palco estava montado em frente à torre de 60 metros, na qual *ficava* o relógio. Ele foi roubado e no seu lugar, como uma piada cínica, está pixado "Anarquia". Apesar do vento cortante que sempre sopra no fim da tarde, a temperatura na platéia e no palco era bem alta — e estava chegando ao máximo.

O Ira!, já no fim da apresentaçao, ia começar "Pobre Paulista". Nasi, que de resto não perdeu uma oportunidade sequer de falar o que lhe vinha à cabeça, se saiu com a constatação do que as pessoas presentes provavam que "ninguém precisa de armação nenhuma para reunir uma puta moçada num puta show de rock". Claro que precisa de uma produção eficiente, de boa divulgação, de equipamentos decentes. Tudo isso estava em cima. Mas precisa, também — e sem isso não há produção que sustente —, de boas canções, uma banda com vontade de fazer a moçada pular, carisma de palco. Tudo que não falta ao Ira!.

Para um lançamento de LP — o segundo do grupo, *Vivendo e Não Aprendendo* — o show foi bastante não-ortodoxo: ao ar livre, comemorando os dez anos de reconstrução do DCE da USP. Talvez para lançar por terra qualquer idéia de armação. O início estava marcado para as cinco horas, mas começou mesmo às sete. Antes tocaram Vultos — no crepúsculo, todos os vultos são indistinguíveis — e Violeta de Outono, com suas melodias sinuosas e a ótima versão de "Tomorrow Never Knows", dos Beatles. Atrasando ainda mais o Ira!, a diretoria do DCE teve a infeliz idéia de também subir ao palco. Foram sumariamente rechaçados com vaias. A esta altura a moçada exigia mesmo o som do Ira!. Eles começaram com duas músicas do novo LP, mas a festa começou de fato quando tocaram "Envelheço na Cidade" (só de passagem, o melhor clip nacional em circulação na TV).

Na seqüência, aquela mistura bem equilibrada que nao é novidade nos shows da banda — competência e garra, virtuosismo e simpatia, romantismo e peso. Edgard fazendo a exibição pública do relacionamento íntimo e intenso que tem com a sua guitarra. Nasi, bem-humorado e não deixando o público um minuto em paz — encantando os corações com sua interpretação, fazendo brincadeiras com a voz, prestando homena gens a Deus e todo mundo, das rádios livres aos garotos do ABC.

O destaque desta vez ficou para André, que botou as manguinhas de fora e desceu o cacete na bateria. Ricardo Gaspa quase faz o baixo existir por si só, quieto feito um rato, quase imóvel, mas levando o imprescindível diálogo baixo/bateria. O Ira! tocou uma hora e meia, alternando músicas do primeiro e do segundo LPs, mais uma inédita ("Poder, Sorriso e Fama"), e ainda desenterrou um hit da sua fase mais irada, "Nasci em 62". As músicas novas, mais açucaradas, de um namoro meio comprometedor com o brega, não melaram o prazer de ver uma banda madura, que faz de tudo para fazer de um lançamento de disco o *puta show* para a moçada.

Para finalizar, um registro meio anedótico/meio patético: nao é que um bando de garotos com roupas punk, todos eles ainda muito jovens, conseguiu dançar pogo em "Tolices"?

Bia Abramo

Conheça nossos 9 modelos de guitarras, 2 de contra baixo e as cordas ALEXANDER de nossa importação e distribuição exclusivas.

Dolphin

Livre do Van Halen, o ex- David Lee Roth roda a banana à vontade em New York City

DAVID LEE ROTH

Humor e peso

Madison Square Garden (NY) 20/09/86

A barra estava pesada: parecia que, a qualquer momento, a segurança de David Lee Roth ia partir para a violência com a garotada fanática, vinda principalmente dos subúrbios para aplaudir o ídolo, em seu primeiro concerto sem o Van Halen em Nova York. Quem ousasse sacar de sua Xereta ou Nikon era arrastado para um corredor escuro, onde a segurança confiscava os filmes, sem mais aquela. Resistir era perder a câmara, além dos filmes. Para as fumaças e cheirinhos suspeitos, isso a segurança nem ligava. Ou já estava mais ligada que a garotada. Embora os bares do estádio coberto, por precaução, não estivessesem vendendo nem cerveja, até os porteiros rasgavam errado os ingressos.

David Lee Roth é um cantor apenas medíocre, bem pior que o Sammy Hagar que o substituiu no Van Halen (os dois agora vivem falando mal um do outro, no palco e fora do palco). Mas Dave é um *showman*, um *entertainer*, um ator irresistível. Com a energia de dez cavalos. O *showman* a gente vê pelos clips de TV. A energia só dá para ver inteira nessas duas horas de show, muito mais heavy metal que nos clips. Um show de Roth é uma espécie de mistura de antigos rituais e orgias religiosas com uma partida violenta de futebol. Um desespero e uma alegria. Dave não tem o menor medo de correr os riscos de uma catástrofe, dos arranjos às roupas, dos trejeitos quase *gays* à correria desenfreada pelo palco, sob um teto de refletores coloridos. De mau gosto, é verdade, como o resto do cenário. Tudo muito coloridinho demais. Mas o mau gosto faz parte do grande deboche com que David Lee Roth encara sua própria carreira.

Os músicos da nova banda de Dave, para sermos justos, são mais capazes de seguir seu pique maluco que o atual Van Halen, que prefere experimentalismos musicais e vem cedendo a um certo comercialismo (não é que Dave não ataque pelo lado comercial, mas prefere fazer isso pelo visual e pelos clips). Nos concertos, a loucura é total. Billy Sheehan talvez seja a maior conquista de Dave — ele ataca o baixo com a mesma lucidez e o mesmo deboche do estilo visual de Roth. Steve Vai, na guitara, também parece querer romper a barreira do som, muito mais agitado que nos oito LPs que gravou com Frank Zappa. Com Sheehan e Vai, mais a bateria infernal de Greg Bissonette, Roth conseguiu mais do que reconstruir os dias mais heavy metal do Van Halen. Conseguiu acelerar e tornar ainda mais pesado o estilo de sua primeira banda, quando começaram juntos. Parece que a separação era mesmo indispensável. Roth tem um caminho a seguir, o Van Halen tem outro. E os dois caminhos são indispensáveis ao rock atual.

Na metade do concerto, o clima de tensão entre platéia e segurança já estava esquecido. Tudo era alegria e uma celebração definitiva do novo David Lee Roth. Ele prova que humor e música combinam muito bem. E a prova, tanto no palco quanto no disco, está em coisas irresistíveis como "Big Trouble", uma paródia de Jimi Hendrix que afirma, mais uma vez: para Dave, nada é sagrado. Principalmente sexo, que ele reduz aos rebolados debochados de "Yankee Rose" ou à autobiografia da letra de "Shy Boy". *M.A.M.*

SPUTNIK

SIGUE SIGUE

A 5ª GERAÇÃO DO ROCK

SSS

nenhuma censura,
nenhuma crítica,
nenhuma parada de sucesso pode detê-los!

EMI

À venda em discos e fitas.

X MAL DEUTSCHLAND

Gatinhas & morcegões

Town and Country Club (Londres) — 02/10/86

Anja Huwe é a Siouxsie loira (Susan Janet, ao princípio, era blondie, mas essa é outra história). X Mal Deutschland, com Anja nas letras e vocais, duas gatas no baixo e teclados, e dois morcegões na guitarra e bateria, foi e ainda é um dos cult hits da brigada *Sisters of Mercy*. São teutônicos, o que, na Inglaterra, lhes confere uma aura adicional de legitimação. Eram da 4AD, o selo independente favorito de *trendies* em geral — até um ano atrás. Sumiram, trocaram de gravadora e voltaram, em essência continuam os mesmos.

O X Mal sempre rendeu muito melhor em mix do que ao vivo. O último é *Matador* — e descorrobora, espera-se que *en passant*, a tese anterior. Tem três LPs. O primeiro é praticamente uma só música — *drive* furioso, conduzido pelo baixo, guitarra linha serra elétrica e os alalaôs de Anja Huwe disparando na *autobahn* como Porsches 917. É um headbanging linha Panzer. O toque sedutor são as três gatinhas.

Anja cresceu muito, como se pôde notar nesse show. Está mais para modelito Katharine Hamnett do que para junkie terminal na Banhof Zoo de Berlim. Trata-se de uma das melhores mixagens ao vivo que já ouvi na Inglaterra. Tudo estourando e cristalino — especialmente a devastação nas sonoridades graves. Anja faz uns joguinhos de mão à la Siouxsie, pega uma guitarra no final para fazer cena e, de perto, revela-se *mesmo* uma tremenda gata. A platéia é um cassino: modelitos na linha da revista *I-D*, universitários metidos, punkadaria e hells angelenos de butique, e toda a colônia alemã-londrina com adereços sessentoitistas. Tocaram a mesma música durante uma hora e fecharam com *Incubus Sucubus*. *Das ist gut rock'n'roll, ya.* *P.E.*

Foto Eva Jory

A gatíssima Anja Huwe, ou "a Siouxsie alemã"

SUICIDE

Fora de tempo

CBCG (NY) — 27/09/86

Todo mundo anda louco com Sigue Sigue Sputnik, acreditando que afinal chegou um rock que é tão oposto do punk quanto do Tears for Fears? Vá lá. Mas isso é só porque andava meio sumida uma banda que já fazia tudo que o Sigue Sigue faz, e melhor, há mais de 15 anos. O nome é Suicide. Os dois gênios no comando são Alan Vega e Martin Rev. Andaram sumidos desde seu quinto aniversário, em 77, embora tenham aberto alguns shows para os Cars, entre 78 e 82 (Ric Ocasek dos Cars é talvez o maior fã do Suicide). Mas agora Vega e Rev voltaram à ativa, por conta própria, no CBGB de Nova York.

Lembro-me da primeira vez que fui ao CBGB, lá por 80. Era um clube perigoso, meio violento, naquela base de a platéia jogar garrafas e sapatos nas bandas de que não gostava. Hoje, há uma certa tristeza no bom comportamento do CBGB. Há calma, organização, *law and order* que nenhuma decoração nihilista consegue disfarçar.

A volta do Suicide, no CBGB, tem muito a ver com esse clima em que os protestos são apenas externos, ninguém ousa correr riscos. A gente precisa lembrar um pouco de história. No princípio dos anos 70, Vega era mais artista plástico que músico. Prenunciando a fusão arte/música de uma Laurie Anderson, ele criou o Suicide ao misturar seus vocais, muito *blues*, com o sintetizador de Rev (na verdade, um velho órgão eletrônico adaptado, que eles não tinham dinheiro para consertar).

A reação ao grupo foi violenta, em todos os sentidos. Tinham adoradores, tinham odiadores. Quando fizeram uma excursão pela Europa, com Elvis Costello, houve um show na Bélgica em que a platéia roubou o microfone do palco e começou a gritar os maiores insultos para a banda (está tudo registrado no LP *Suicide*, de 80).

A temporada européia foi mais uma defesa de causa que uma excursão musical. Culminou na realização comercial mais conhecida do grupo, a trilha sonora para *O Ano das Treze Luas*, o filme de Werner Fassbinder. Ninguém antes tinha dado expressão tão autêntica à síntese soul/eletrônica que hoje marca quase tudo que o rock americano tenta produzir de melhor.

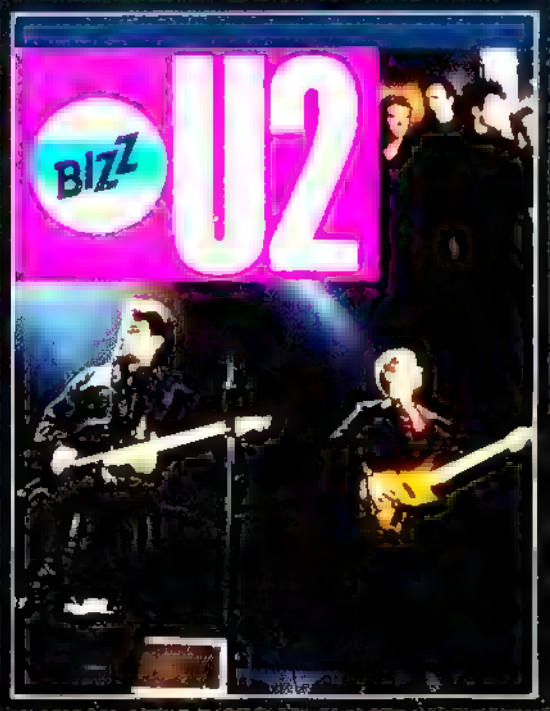
Mas, naquele tempo, havia causas pelas quais lutar. Havia o Vietnã, os direitos civis, a ilusão de que protestos populares contra a guerra atômica poderiam desarmar o arsenal nuclear.

Hoje, a platéia olha para o Suicide como quem olha para um discurso de Cícero, que pode ter sido o maior escândalo ao ser pronunciado na Roma antiga. Mas que, hoje em dia, é pouco mais que um texto em latim para ser estudado — ou para chatear.

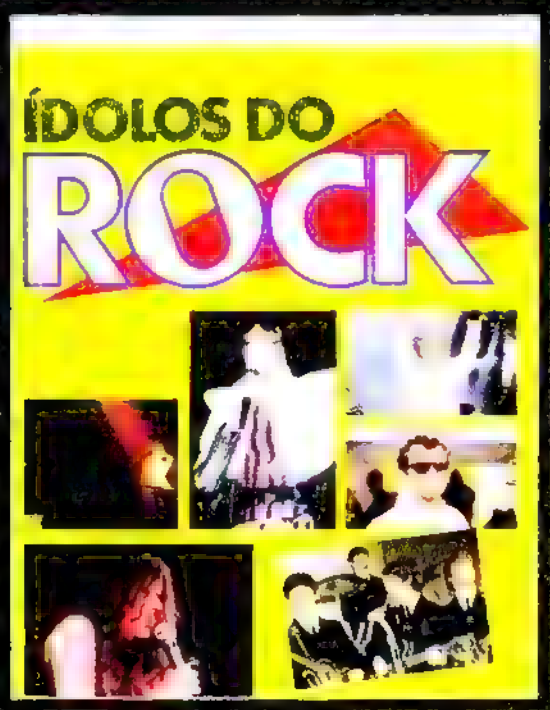
Mesmo assim, para esses ouvidos moucos de 86, a genial música do Suicide é um testemunho. O testemunho de que, quando as pessoas se tornam indiferentes às dores dos outros, à luta por condições melhores, até a melhor música soa vazia e aborrecida. Na verdade, vazia e aborrecida é a atual platéia do CBGB. Para não falar da platéia americana em geral. *M.A.M.*

FESTIVAL DE Rock

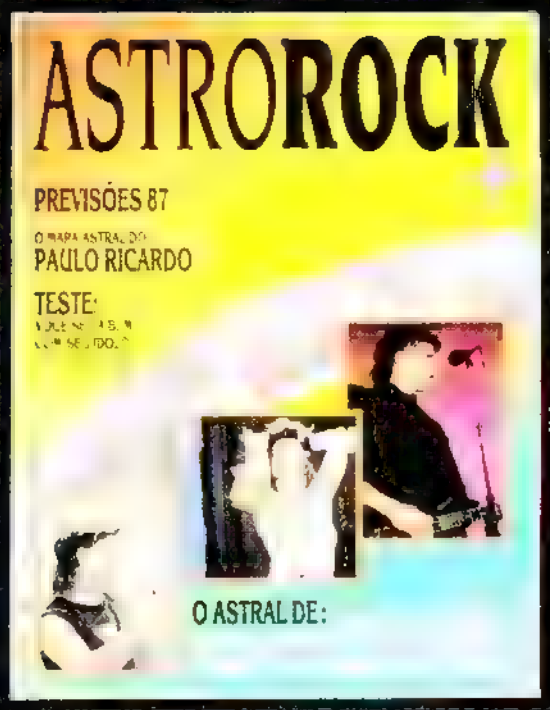
CALENDÁRIO DO ROCK
Todos os meses do ano de 1987, com Bowie, Madonna, RPM, Eurythmics, Sting e muito mais. De quebra, tudo o que conta na história do rock: datas de nascimento, grandes eventos e marcos históricos.



REVISTA POSTER U-2
De um lado, um poster gigante, do outro, fotos individuais, discografia, a história da banda e as biografias de cada um.



ÍDOLOS DO ROCK
Nesta edição, fotos, cromos adesivos, biografias e discografias completas de: Elvis Presley, Beatles, Janis Joplin, Siouxie and The Banshees, Peter Gabriel e muitos outros. Não perca.



ASTRO ROCK - O MAPA ASTRAL DO ROCK
Esta é a revista que transa o astral dos astros do rock'n'roll. Com ASTRO ROCK, o zodíaco ajuda você a entender a carreira e o sucesso dos seus ídolos, em perfis transados dos maiores nomes de cada signo. TESTE: saiba como seria o seu relacionamento com um grande astro do rock.

NAS BANCAS

BIZZ
EDITORA ABRIL

STEVIE WONDER

Foto Claudia Thompson

O grande Stevie "Maravilha" Morris, para o encanto e a admiração dos nova-iorquinos

A manipulação

Madison Square Garden (NY) — 26/09/86

Se Stevie Wonder tivesse nascido dez anos antes, em 1940 em vez de 1950, é muito possível que ele hoje fosse um representante do *soul*, tão profundo e espiritualmente importante quanto Ray Charles. Mas Stevie nasceu em 1950. Com apenas 36 anos, já tem 30 anos de carreira. E, para quem começou no som Motown com apenas 11 anos de idade, a vida reservava coisas diferentes. Sucesso, muito sucesso, mas um sucesso que tirou de Stevie a chance de ter tanto *soul*, tanta alma quanto Ray.

Stevie surgiu num mundo musical americano onde a nota mais importante já era uma nota de dinheiro. Motown, há muito tempo, deixou de ser aquele movimento de Detroit, cheio de garra, que dava contratos de gravação para uma secretária como Martha Reeves e gravava grupos jovens do gueto negro como as Marvelettes e as Supremes. Motown é hoje uma indústria que explora cuidadosamente todas as possibilidades comerciais do som negro.

Só para dar um exemplo: o Madison Square Garden é um estádio coberto, de esportes, tipo Maracanãzinho. O palco de um show tem de ser montado na pista, é inevitável que uma parte da platéia fique perdida. Para não deixar de vender esses ingressos, os empresários de Stevie armaram um incômodo palco giratório. Em vez de deixar todo mundo ver o show, o palco acabou distraindo a atenção de todo mundo. Como se pode sentir *soul* com uma geringonça mecânica virando o cantor de lá para cá?

E o sucesso, em Nova York, não foi tão grande assim. Muitos lugares vazios no estádio. Entusiasmo contido, de uma platéia que já anda mais pela meia-idade que na juventude,incapaz de responder com entusiasmo a um cantor. Além disso, os empresários de Stevie quiseram fazer outra jogada comercial: vender ao máximo seu LP *In Square Circle*, antes de começar a excursão deste ano. Não deu muito certo.

A produção do show é uma perfeição, é claro. Um computador, debaixo do palco, controlava todos os enfeites eletrônicos pré-gravados que a platéia acredita estarem saindo da música ao vivo. Ao vivo mesmo, só Stevie e o Wonderlove, seus cinco músicos e três *backing vocals*. Mesmo assim, ele nunca deu tanta impressão de ser manipulado. Talvez por ser cego, a impressão fica mais forte. Cada trancinha cheia de mirangas de seu cabelo parece ter sido coreografada. Os óculos escuros parecem mais propaganda da Ray-Ban que disfarce para olhos cegos.

E esta é a utilização menos grave da música que Stevie faz atualmente. Graças a uma carreira em que recebeu nada menos que 16 Grammys (o Oscar da música nos Estados Unidos), Stevie tornou-se um preferido dos políticos. Foi graças a ele, em grande parte, que o aniversário de Martin Luther King se tornou um feriado nacional americano. Só nesta temporada atual, ele já foi nomeado *Humanitário do Ano no Mississipi* e ganhou um *Dia de Stevie Wonder*, decretado pelo prefeito de Detroit. Cortaram juntos o bolo do 285.º aniversário da cidade.

É claro que voou glacê pra todo lado. Stevie riu, com aquela risada clara, cristalina, como sua voz. Mas, ao longo de um concerto que é praticamente uma encenação do LP *In Square Circle*, faixa por faixa, a gente acaba com a impressão de que a voz de Stevie, como tudo que o cerca, está apenas sendo utilizada, em vez de prestar serviços a uma coisa maior que o músico: a música.

M.A.M.

ALIENS

O RESGATE

Cinqüenta e sete anos depois (ou sete, dependendo do ponto de vista...), a oficial Ripley reencontra o pavoroso alienígena, aliás mamãe Alien. É a sensacional continuação de *O Oitavo Passageiro*

Foto Fox Film

O planeta Acheron está envolto em silêncio sepulcral. A população de colonizadores terrestres não faz contato com a base há muito tempo. A CIA resolve, então, investigar o caso no melhor estilo Reagan — mandando uma tropa de fuzileiros navais até Acheron, orientados pela sub-oficial Ripley, recém-chegada à Terra, após uma fuga espetacular de Acheron. E após uma hibernação de 57 anos.

O chamado *Oitavo Passageiro* derrotado por Ripley (a magnífica e altérrima Sigourney Weaver) no filme que deu origem a este *Aliens — O Resgate* deu cria, literalmente. Desta vez Ripley — ainda que auxiliada pelos músculos e pelas sofisticadas armas dos *marines* — precisa enfrentar não um, mas centenas de monstrengos. Pior ainda, vê-se cara a cara com a Mãe (!!!) de todos os *aliens* da trama. O ritmo da ação, portanto, é centuplicado — a proporção é, grosso modo, de 283 sustos para cada 20 centímetros de celulóide.

A sutileza do filme original — sinuoso, escuro, uterino — é substituída por uma espécie de horror explícito e videoclipesco. Há litros de sangue, dentes, garras, baba e ossos — mas eles surgem tão rápido quanto desaparecem, apenas para se tornarem fantasmas ameaçadores.

O grande barato de *Aliens — O Resgate*, já descontada a exemplar fotografia de Adrian Biddle, é a forma como o roteiro do também diretor James Cameron dá plenos poderes às mulheres do filme e como ele transforma os homens — absolutamente todos — em a) covardões, b) crápulas, c) bibelôs fragílimos.

É um filme de fêmeas, sem dúvida — a heroína, a vilã, o objeto do grande confronto final (a garotinha Newt, única sobrevivente no planeta Acheron), a melhor das *marines*; todas saltam à frente da tela como protagonistas e principais agentes da ação. Os homens, quando interferem na história, atrapalham tudo — muitas vezes até voluntariamente. Apesar das trapalhadas dos machos, no entanto, as fêmeas têm seu imperdível duelo final, quase um *showdown* de western com esporas, palitos nos dentes, pôr-do-sol e tudo mais.

J.E.R.

Foto Fox Film

Sigourney/Ripley e a equipe de extermínio: *marines*, andróides, fuzis e naves — e um traidor em potencial

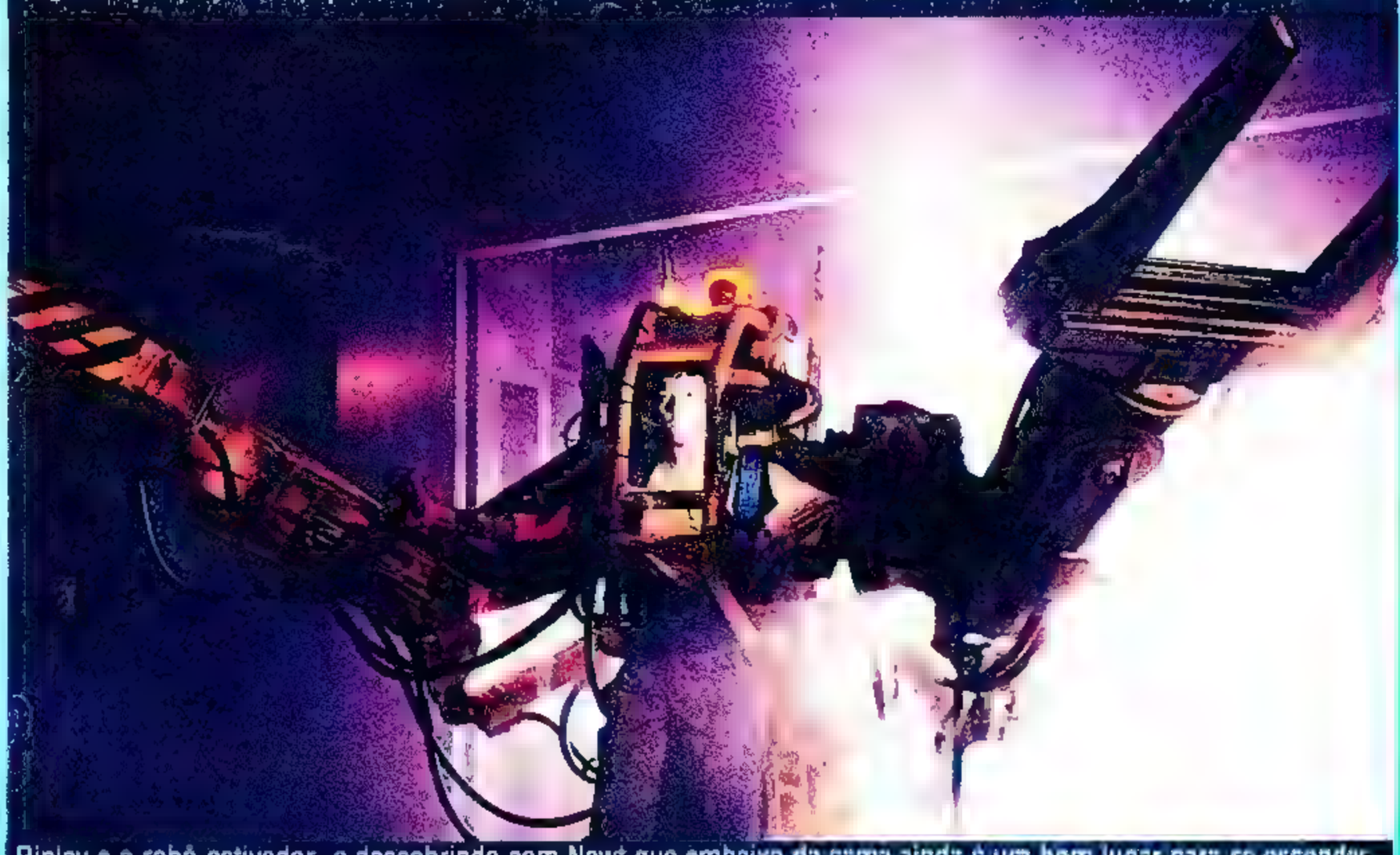


Foto Fox Film

Ripley e o robô-estivador, e descobrindo com Newt que embaixo da cama ainda é um bom lugar para se esconder

Foto C.B.

Uma História
Maravilhosa de
Fazer-Acreditar Fim

LABIRINTO

A MAGIA DO TEMPO

CENSURA LIVRE

HENSON ASSOCIATES, INC. AND LUCASFILM LTD. APRESENTAM UM FILME DE JIM HENSON DAVID BOWIE JENNIFER CONNELLY "LABYRINTH" GEORGE LUCAS
JIM HENSON BRIAN FROUD DENNIS LEE JIM HENSON TERRY JONES TREVOR JONES DAVID LAZER ERIC RATTRAY
ALEX THOMSON, B.S.C. ELLIOT SCOTT GEORGE GIBBS JOHN GROVER DAVID GOELZ · STEVE WHITMIRE · KAREN PRE
RON MUECK · KEVIN CLASH · SHARI WEISER · ANTHONY ASBURY · BRIAN HENSON E FRANK OZ

TRILHA SONORA EM DISCOS E FITAS EMI-ODEON

DELPHI

A PARTIR DE 25 DE DEZEMBRO NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

SIGOURNEY WEAVER

A estrela de *Aliens*, em um papo telefônico com *José Emilio Rondeau*, comenta os meandros do sucesso

Ela é alta — 1,80 m. Não há um texto sequer escrito sobre ela que omita este detalhe. Ela está disponível — um dia inteiro dedicado à promoção de *Aliens, O Resgate*, com zilhões de entrevistas marcadas numa suíte do Beverly Wilshire Hotel, em Los Angeles. Mas o telefone da suíte toca, toca, toca... e Sigourney Weaver não atende! Tento o bar, a piscina, o *lobby*. E nada. Duas tentativas mais tarde, descubro que houve uma série de atrasos e que, sim, a entrevista ainda está de pé, mas para um outro horário. Na hora marcada, mais uma vez toco para a suíte. Uma voz familiar atende, gentil. É Sigourney, pedindo desculpas pela confusão (''corri para atender o telefone, mas você desligou antes que eu conseguisse''). A protagonista do filme campeão de bilheteria do verão norte-americano está entusiasmada com a possibilidade de uma entrevista para a América do Sul e já responde, sem rodeios, à primeira (e descarada) pergunta: você é realmente muito alta?

Ela meio que suspira e admite a altura — ''talvez seja alta demais para o *biz*. E as pessoas se impressionam quando me vêem porque eu

fotografo mais baixa nos filmes''. Saciada a curiosidade, mergulhamos na preparação de Weaver para Ripley, a heroína de *Alien, O Oitavo Passageiro* e de sua seqüência. Foi uma extensa pesquisa anterior à filmagem que envolveu elementos de George V e as guerreiras da literatura clássica chinesa, ''numa espécie de recuperação da minha experiência teatral e...'' CLIK... *tu-tu-tu*. A linha caiu!

É instaurado um estado de desespero total até que, 20 minutos mais tarde, Sigourney volta ao ar, querendo saber o que havia acontecido. Penso em explicar as credenciais do sr. Antônio Carlos Magalhães mas vejo que seria em vão. Tento, por outro lado, recuperar o tempo perdido (será que a credibilidade da entrevista também terá ido para as cucuias?), investigo se é verdade o que a revista *Time* havia dito sobre ela (que Weaver marcara o script de *Aliens* com 17 cores diferentes de caneta). É verdade. E corro de volta para o passado, para a adolescente acostumada ao show-biz desde o nascimento, filha de Sylvester Wea-

''Meu nome, Sue, era pequeno para uma pessoa tão alta''

ver — presidente da NBC nos anos 50 — e da atriz inglesa Elizabeth Inglis. Sigourney teria sentido alguma vantagem (ou desvantagem) por causa de sua ascendência?

''Eu não queria, de maneira alguma, usar a influência ou os amigos de meus pais em meu benefício'', explica, calma, pronunciando bem cada palavra. ''E minha mãe não queria que eu seguisse uma carreira de atriz porque o métier é muito duro e eu não estava sendo treinada para aquilo. Eu estava sendo treinada para ser uma garota boazinha, gentil.''

Apesar dos conselhos da mãe, no entanto, a pequena Susan Weaver seguiu em frente — mudou de nome (''Sue era muito pequeno para uma pessoa tão alta'') e virou Sigourney, inspirada num personagem do livro *O Grande Gatsby*. E tentou ser mais durona: passou três meses num kibutz em Israel, ''porque eu queria ser judia. Não descobri o que era ser judia; no entanto, a realidade de Israel era outra''. De volta aos Estados Unidos, Sigourney foi estudar língua inglesa em Stanford, na Califórnia, e Artes Dramáticas em Yale, na costa leste. Foi uma experiência traumática, ''pois em Yale eles só queriam me passar impressões negativas sobre o teatro e eu estava chegando cheia de esperanças''. Mas o confronto terminou bem, em gargalhadas: para o teste final, Sigourney se apresentou vestida de ''alvo''.

Mas essa atriz formada em teatro acabaria alcançando seu desenvolvimento pleno no cinema — em papéis como o de Ripley, nas partes principais de *Os Caça-Fantasmas*, *Testemunha Fatal* e *O Ano em Que Vivemos em Perigo* e nos ainda inéditos *Escort Girl* (ao lado de Michael Caine) e *Une Femme ou Deux* (com o astro francês Gérard Depardieu). ''Representar é representar'', argumenta, ''a diferença é que no teatro você está se relacionando com a platéia *ali* e no cinema você tem que antecipar a possível reação da platéia um ano antes.'' Por essa razão, fico sabendo, Sigourney não envereda por um caminho quase desconhecido de seu público, mas que ela adora: a comédia. ''Gostaria de fazer mais comédias'', admite, ''mas os scripts (do gênero) são muito difíceis de achar. Por isso estou preparando eu mesma um script com Ivan Reitman (diretor de *Ghostbusters*), mas é para ser testado ao vivo, antes, num teatro.''

Independente de seu pendor para comédia, Sigourney é dona de um afiado senso de humor. A cada personagem de *Aliens* que morria, ela enviava flores e condolências. E Bill Murray (que co-estrelou *Caça-Fantasmas* com ela) afirma que Sigourney tem ''14 anos de idade''. O que não a impede de ver a comédia se transformar em drama, por assim dizer. ''Quando estava filmando *Caça-Fantasmas* me assustei algumas vezes'', diz Weaver, ''pois precisava transformar meu personagem num demônio e... acabei fazendo um trabalho bom demais!''

E os monstrengos de *Alien* assustaram? ''Estava tão preocupada com a ação que não tinha tempo para ter medo'', explica.

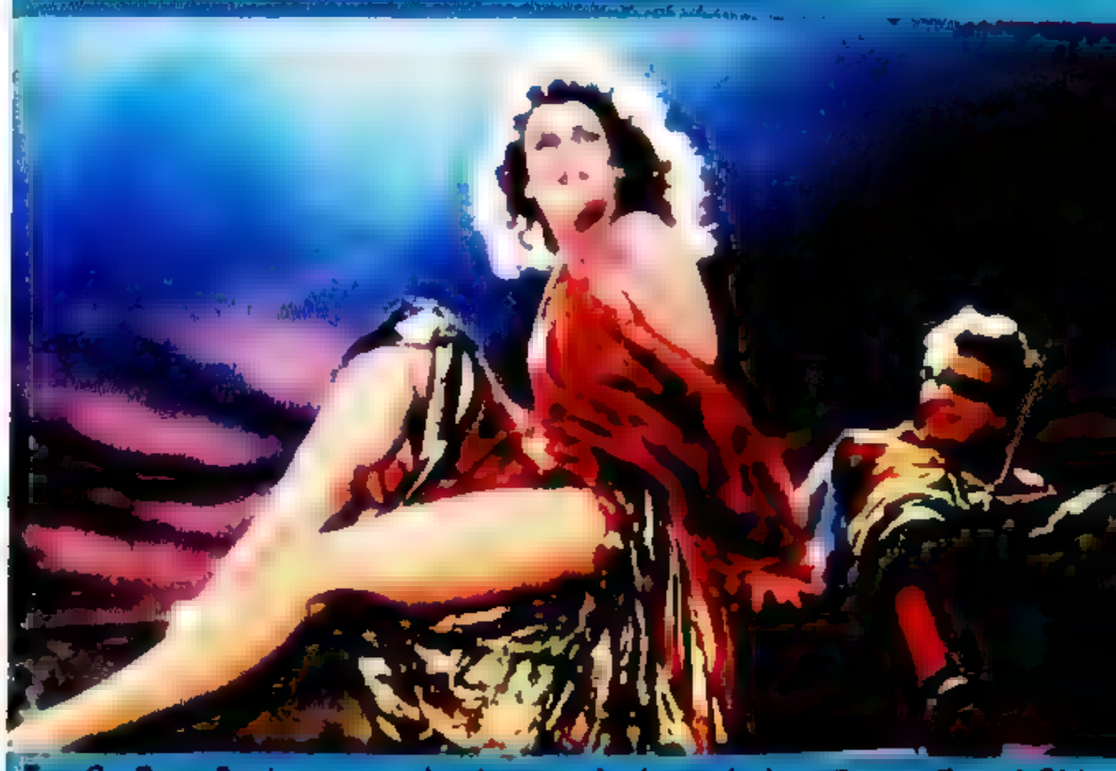
Será que Sigourney — veterana de dois ''encontros'' cataclismáticos com seres de outro planeta — acredita em alienígenas?

''Gostaria que eles existissem'', responde bem-humorada, ''e me sentia muito triste quando o diretor (do filme) dizia 'odeie, mate, atire neles'. Na verdade, eu sou pró-alienígenas, sabia?'' *J.E.R.*

Foto Stills

No ótimo *O Ano em Que Vivemos em Perigo*, com Mel Gibson

Ao lado de Gérard Depardieu, no inédito *Une Femme ou Deux*



Em *Os Caça-Fantasmas*, e dando uma de dama do lotação em *Escort Girl*

Foto Gaumont

APROVADO POR TODA A CRÍTICA.

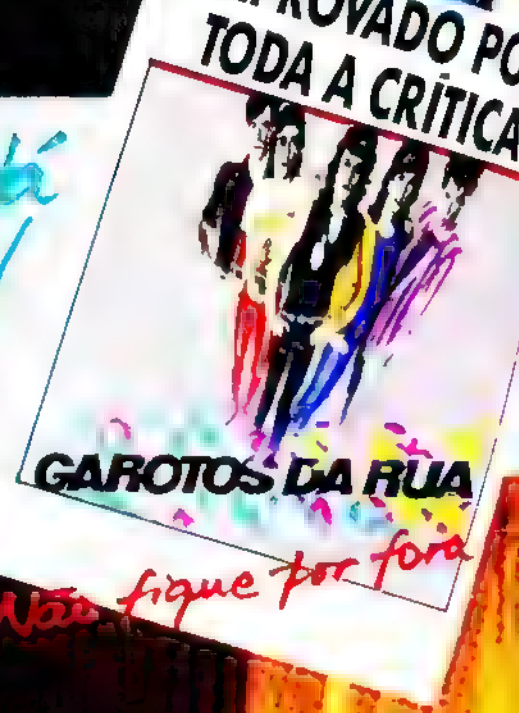
É Rock mesmo!

ENGENHEIROS DO HAWAI

Rock também dá diploma!

GAROTOS DA RUA

Pra quem já está de saco cheio!



LABIRINTO

Bowie Jareth, senhor do labirinto e da terra dos goblins. Acima, Sarah

Qual é o irmão mais velho que não detesta — ainda que dissimuladamente — o caçula da família? Pois bem: Sarah é assim. Adolescente sonhadora, ela vive fantasiando a respeito de um fictício mundo de duendes que conheceu nas páginas de um livro. Um reino de *goblins*, criaturinhas pequerruchas e gozadas, comandado por um tal mestre Jareth. Sarah se irrita toda a vez que o irmãozinho chora e atrapalha seu exercício de imaginação. E, quando os pais resolvem deixá-la bancando a babá por uma noite, Sarah perde as estribeiras — começa a pedir ao rei dos *goblins* que dê um sumiço no garoto. E sabe que o rei atende ao pedido e surrupia o irmãozinho?

Quando descobre a verdadeira extensão de seu ato, Sarah se arrepende e busca reaver o irmãozinho. Mas para chegar até ele precisará cumprir uma tarefa: atravessar um imenso e intrincado labirinto até chegar ao castelo do mestre Jareth.

É essa a história de *Labirinto*, estrelado por David Bowie, que faz o papel do malvado Jareth. Noventa por cento da ação gira em torno das peripécias de Sarah para atravessar o labirinto, repleto de armadilhas (como o ultra bem colado poço de mãos falantes), vilões, charadas (em determinado momento ela precisa se decidir entre duas portas que a ficam soterrando de charadas) e até criaturas amigas. E é no labirinto que reside o melhor do filme — de resto meio sem foco e sem sal.

Os *goblins* — criados pela mesma equipe dos Muppets — chegam até a roubar o show de Bowie. Ele está meio deslocado, sem muita convicção. E mesmo os números musicais têm pouca força. A criançada deve adorar, no entanto, as provações de Sarah. Principalmente o reino do fedor eterno que ela precisa cruzar em determinado momento. É um território em que cada passo aciona um sonoro e hilariante pum.

J.E.R.

É DANDO AS COSTAS PRO VELHO QUE A ALTE

Em vez de ficar reparando as pessoas, eu prefiro pensar num jeito de mudar a minha vida. Sei lá, alguma coisa nova, jovem, um outro caminho. Não adianta virar as costas pro destino. É a alternativa que eu escolhi para a minha vida.

ATIVA APARECE.

Mesbla

ALTERNATIVA
Exclusivo Mesbla

A moda do mundo da rua.

MICHAEL JACKSON

CAPITÃO EO

Fotos Liaison Gamma - Sipa

Dirigido por Francis Coppola

A missão do Capitão Eo é curta e grossa: restaurar a cor e a felicidade num distante planeta da galáxia, tornado imóvel, silencioso e sombrio pelos desígnios de uma perversa vilã. Trama banal para um filme mastigada por qualquer pai ou mãe que se preze, na cabeceira de um filho insone. Porém, os atrativos saltam aos olhos quando os créditos são esmiuçados: a vilã é Anjelica Houston (*A Honra do Poderoso Prizzi*). O produtor do filme é George "Star Wars" Lucas e o diretor é Francis Ford "O Poderoso Chefão" Coppola. O papel principal — o Capitão Eo, em pessoa — é de Michael Jackson.

Ainda se fosse apenas a primeira prestação do aguardadíssimo *comeback* de Michael — o que, na verdade, também é —, *Captain Eo* — um curta de 17 minutos de pura ação e efeitos especiais filmados num sofisticado sistema de terceira dimensão, a um custo de vinte milhões de dólares — é uma delícia visual. A Industrial Light and Magic de Lucas preparou trucagens de tirar o fôlego — os raios que Michael dispara para quebrar a maldição dark; as criaturinhas que compõem a tripulação do capitão entrando em metamorfose; a supermaquiagem empregada em Anjelica Houston... E tudo no melhor estilo "Thriller" do clip: Michael liderando um balé afiadíssimo durante duas canções inéditas — "Another Part of Me" e "We Are Going to Change the World" — que, provavelmente, não farão parte do novo disco de Jackson.

Mas quem está ligado na telinha para capturar este superclip pode tirar o cavalinho da chuva: *Captain Eo* só pode ser exibido em 3-D em dois cinemas — um, em Disney World, na Flórida; o outro, na Disneylândia, em Los Angeles. Quem vai gritar "Papai, eu quero ver o Mickey" primeiro?

Coreografia como as de "Thriller" e os efeitos da Industrial Light and Magic

VIDA INTELIGENTE NA TV

Um programa rapidinho e quinzenal sacode a caretice milenar da televisão brasileira. Carlos Albuquerque enfoca a pequena revolução da *Armação Ilimitada*

Câmera I plugada. Defronte dela, uma pequena tela escura. Detrás, um *spot* claro. Entre a tela e o *spot*, estão dois outros *spots*, azul e vermelho, operados manualmente e girando de um lado para o outro. A atriz convidada fixa misteriosamente a câmera II. A seus pés, uma envolvente fumaça de gelo seco — espalhado com a ajuda de um ventilador — passeia pela capa preta que veste. O *cameraman* vem fechando até dar um close nos olhos da atriz. Corta. Valeu a cena.

Resultado: a tomada da câmara I criou um cintilante e estrelado céu, sobre o qual foi inserida a imagem da atriz convidada — no caso, Christiane Torloni —, formando uma cena espacial belíssima e incomum na televisão brasileira.

Trata-se de mais um dia de gravação de *Armação Ilimitada*, a grata surpresa que vai ao ar duas vezes ao mês pela Rede Globo. Graças, principalmente, a sua precisa linguagem visual e a agilidade de seus roteiros, *AI* supera as expectativas de quem está acostumado ao, de hábito insosso, padrão global. E — ao contrário das

previsões pessimistas de seus detratores — o programa vai muito bem, obrigado, alcançando ótimos níveis de audiência no horário nobre e não desviando por um *frame* sequer de seu curso inicial, conforme idealizado pelos atores André de Biase e Kadu Moliterno.

Foram eles que levaram a Daniel Filho — diretor geral da Central Globo de Produções — o projeto de um seriado para a televisão "sobre uma dupla de jovens que se envolve numa série de aventuras", conforme recorda Kadu. "Ele gostou e encampou a idéia, pois estava mesmo querendo um programa de linha jovem." A partir daí, criou-se um grupo em torno do projeto para dar-lhe formato e estrutura. Uma das principais cabeças pensantes por trás dessa fase de gestação do *AI* foi Antônio Calmon, diretor de cinema

Fotos Abril

O garoto Jonas Torres, mini-astro da Armação

que pouco antes lançara *Menino do Rio* com "uma coisa um pouco em cima do que viria a ser *AI*: essa idéia de comunidade". O nome foi dado pelo próprio Daniel Filho. "*Armar ação* foi o que Daniel imaginou", recorda Calmon, "e eu acrescentei o *Ilimitada*, que foi como imaginamos o programa — sem limitações, aberto."

À dupla inicial de atores foram acrescentados Andréa Beltrão e Jonas Torres. E a base criativa recebeu os reforços dos diretores Guel Arraes e Mário Márcio Bandarra (Guel, na verdade, imprimiu o estilo de direção que marcaria o programa), do editor João Paulo de Carvalho e de uma equipe de roteiristas, entre eles Euclydes Marinho, Nelson Motta (que já não fazem mais parte da equipe), Patrícia Travassos, Daniel Más, Mauro Rasi, Vicente Pereira e Charles Peixoto.

Este amálgama de cérebros criou um programa de televisão como o país ainda não vira. "É como se fosse uma revista em quadrinhos no vídeo", explica Mário Márcio num intervalo entre gravações, no teatro Fênix, no Rio de Janeiro. "A linguagem é de *comics*", arremata. E as citações cinematográficas são muitas, conforme esclarece Antônio Calmon, "a começar do próprio triângulo amoroso, aquele troço deles dois namorarem a mesma garota. Isso é meio em cima do *Jules et Jim*, do Truffaut".

E o estilo de interpretação?

"É um estilo exagerado sem ser farsesco", prossegue Mário Márcio. "A gente tem um pequeno limite entre a farsa e o naturalismo interpretativo. Como é um programa curto, você já tem que mostrar de cara como é o personagem. Não é como em novela, onde existe tempo para se delinear as características de cada um. Caricato? É, é caricato, mas sem ser farsesco, entende? O grande barato do programa é trabalhar com esse meio-termo. Além do que, você tem estilos diferentes dentro do próprio. Tem o estilo da Andréa, que é bem teatral, é a bagagem dela, aquele lance do Manhas e Manias (grupo de teatro). Tem o estilo mais naturalista, que é o do André, do Kadu e mesmo do Jonas. E eu acho que é essa química que funciona."

Comédia dos anos 50 + *comics* + desenhos animados = *Armação Ilimitada* — é essa a equação do programa? Não apenas: "Tem também um lance meio Spielberg e a inspiração dos videoclips", explica Calmon, sob a concordância de Mário Márcio, que afirma se basear "muito em comédias antigas, daquelas que passavam na *Sessão da Tarde*. Sabe aquele negócio de falar para a câmera? É, e tem aquele clima meio de turma da praia, como naqueles filmes de Elvis Presley".

Essa linguagem moderna, ágil, aliada à atual tecnologia de televisão, resulta, também, num *modus operandi* igualmente híbrido. "A gente grava muita coisa para poder ter bastante material e, assim, na hora da edição, podemos contar com uma gama maior de imagens e planos", comenta Mário Márcio, enquanto saboreia um gordurosíssimo sanduíche de queijo. "Nós gravamos como cinema e editamos como comercial, ou como um clip." Antônio Calmon acrescenta que gasta-se com o *AI* quatro vezes o tempo de edição normalmente esperado para um outro programa qualquer. "É um amontoado de clips", diz. Afora os efeitos especiais, *AI* é quase todo feito com uma só câmera, "o que é atípico em televisão", observa Mário Márcio, "mas isso facilita, dá muito mais mobilidade".

E como a própria Globo vê o que Kadu Moliterno chama de "uma produção independente dentro da Globo"? "Durante certo tempo a emissora pensou em acabar com o programa", admite Mário Márcio. "O projeto era para ser de um ano", conta Kadu, "mas no meio disso nós ganhamos um prêmio na Europa — o Ondas — e, com isso, uma grande força." E a atitude da Globo em relação ao *AI*, na verdade, mudou, de acordo com Mário Márcio, "porque o sucesso está sendo estrondoso, enorme, e a Globo resolveu investir. É uma grande audiência às sextas-feiras!"

A primeira faixa do público a se interessar pelo programa foi a infantil, pois "criança é pura, não tem preconceito, daí entender nossa proposta", acredita Kadu. Mas, hoje em dia, "o público médio já está entendendo a mensagem", segundo Mário Márcio, embora as crianças ainda peguem mais facilmente a linguagem do programa, "porque lêem muito quadrinhos e vêem muito desenho animado. E a interpretação tem também um pouco de teatro infantil".

Qualquer que seja a explicação, o fato é que o *AI* se firmou e a Globo quer que o programa continue, pelo menos, por mais um ano. E, ao que parece, manterá o mesmo clima artesanal que vem mantendo. Afinal, diz Mário Márcio, "é por isso que ele sobrevive".

Mas, pode-se fazer uma pergunta: até quando o *AI* contará com a benevolência da Globo? E se o programa quiser evoluir, juntando a seu formato de 1001 *gags* por minuto todo um questionamento corrosivo das instituições, como fazem, por exemplo, os ingleses do Monty Python? A aceitação interna, então, será a mesma? Ilimitada? Estará a Globo disposta a se deixar contaminar pelo vírus dessa nova linguagem? Não percam o próximo capítulo. Nessa mesma bat-hora, nesse mesmo bat-canal... ou não?

Carlos Albuquerque

DIRE STRAITS
BROTHERS IN ARMS

EDIÇÃO ESPECIAL DE NATAL
COM VÍDEO-POSTER

SÉRIE **500 000** CÓPIAS

500.000 CÓPIAS NO BRASIL!
É MOLE?

PolyGram

PRIMAL SCREAM

As doces ondas do pop embalam um ex-colaborador do Jesus & Mary Chain

Foto Manno LFI

Bobby Gillespie, ex-Jesus & Mary Chain (85)

Primal Scream é Bobby Gillespie. O rosto distante, perdido atrás de uma franja, conhecido por suas apresentações como baterista do Jesus & Mary Chain. Falar dos Primals é falar dele. Ele dá as entrevistas, é o organizador. No palco, é quem pega o microfone e canta em voz baixa, parecendo e soando como Roger McGuinn.

Suas canções convidam a passear num parque, ou mergulhar numa praia dos anos 60. Ouvir um pandeiro e esquecer que existem sintetizadores. As canções de verão do Primal Scream. Melodiosas, ao contrário do que o nome do grupo possa sugerir, e especialmente levando em conta a relação com o J&MC. Mais para Byrds e Shangri-las ou "There She Goes Again", do Velvet Underground. Love fetiche. E franjas.

Os outros membros do grupo são James Beattie (guitarra), Paul Harte (guitarra), Robert Young (baixo), Thomas McGurk (bateria) e Martin St. John (pandeiro). Popstars de Glasgow, Escócia.

Seu selo, Creation, os considera extravagantes. Gastaram uma fortuna com o último single, "Crystal Crescent", que está sendo totalmente desprezado. Os Primals preferem o lado B, com "Velocity Girl", que brilha dois minutos e morre justamente quando começa a agradar o organismo. Existe ainda outra música na versão do compacto de 12 polegadas, mas acaba antes que alguém possa fritar um ovo.

A forma é uma obsessão. Eles podem produzir o mais instintivo doce pop, no entanto querem estar sempre e desesperadamente cool, e soar perfeitos. Na verdade, adorariam assinar com uma multi e ter Prince produzindo seu primeiro LP. Tornar-se um grupo "clássico", e ainda por cima fazer sucesso — *of course*. *M.P*

LET'S ACTIVE

Um homem-banda americano, cavando canções entre o lixo e a arte. Por *Marcel Plasse*

Mitch Easter é um cara bastante ativo. Sua carreira como produtor começou a ganhar projeção com um grupo inexperiente e então totalmente desconhecido, chamado R.E.M. Tirá-lo da garagem (ou da igreja abandonada, no caso) foi seu trabalho. Mas Mitch também é conhecido por animar um dos grupos favoritos do underground americano.

Let's Active poderia pertencer à classe de 66 — época em que a beat music e o psicodelismo ainda conviviam, ignorando o Atlântico Norte. Suas canções vão do lixo pop ao pop arte. Das incursões dos Beatles pelas possibilidades de um estúdio à fórmula mágica dos Monkees e Herman's Hermits. Sem esquecer a garra de Ray Davies, o sotaque sulista dos Byrds e o peculiar pandeiro. Oh, yeah!

Foto Cortesia IRS

Mithc e seus colaboradores à época de Cypress

Big Plans for Everybody, seu novo LP, é essencialmente um passeio solitário. Não há banda. Apenas Mitch, sentado no meio da estrada. No estúdio estão assinaladas as presenças de outras almas. Mas Mitch é onipotente. Além de escrever todas as canções, cantar e tocar vários instrumentos, ainda produziu e mixou as gravações.

Coincidência ou não, é o melhor trabalho do Let's Active. O complemento amargo para a sacarina do primeiro LP, *Cypress*. Sem a urgência auto-exigida no debutante EP *Afoot*. Sereno. Como uma pedra no interior de um algodão-doce cor-de-rosa.

A Som Livre deseja um Feliz Natal a todas as tribos que ajudam a tocar este país:

darks,

românticos,

metaleiros,

sambistas,

roqueiros,

pagodeiros,

chorões,

punks,

sertanejos

e tutti

quanti.

SOM LIVRE

JARDIM DAS DELÍCIAS

O perigo dos becos invade o circuito juvenil do rock.

Por *Sônia Maia*

Claudia Wonder aparece de peruca loira platinada entre os músicos

"Eu vou retalhar suas coxas imberbes e brancas", explode Claudia Wonder para uma *single girl* no *single bar* Victória. O protesto era cabível. Afinal, Claudia não é páreo para a freguesia da paz, amor e saúde. Entranhas expostas lhe sugerem mais arte. Mas ela tem sempre as respostas na ponta da língua, para qualquer situação, qualquer palco...

Durante três anos — de 78 a 81 —, Claudia percorreu os pubs europeus, cantando o samba e o oba-oba brasileiro. "Era a única coisa que dava grana", comenta. Quando voltou ao Brasil, se viu obrigada a imitar Marilyn Monroe e Liza Minelli, apesar de seu amor por Lou Reed e Blondie. "Mas quando o tupinibrega estourou, aí tive uma chance", ironiza.

Sempre acompanhada de ótimos instrumentistas, Claudia se dedica ao vocal, letras e performance, deixando o instrumental a cargo de músicos que merecem um capítulo à parte. Alemão, que segura uma das guitarras, é, também, artista plástico. Para ele a música "tem de escapar do ouvido e ir para outro plano mais fluido... Que ela aja por *feeling* e não por raciocínio". Na outra guitarra, Abrão e, na bateria, Renato, dois integrantes do Kafka, banda que já chama a atenção no circuito paulista. Reka, no baixo, avisa que faz a cama para os outros viajarem.

Jardim das Delícias é o nome deste grupo, que tem Claudia Wonder — cujo nome de batismo é Abrahão — como protagonista. Talvez por isso mesmo as opiniões sejam tão inversamente proporcionais — uns gostam, outros odeiam. Mas o grande trunfo é que Claudia traz para o espalhafatoso cenário roqueiro a pitada sagaz dos becos e boates mundanas. Ou, ainda, um pouco daqueles "que não têm medo do próprio cheiro".

QUESTIONÁRIO

O texto e a textura dos sons, na música de um novíssimo trio paulistano

Fotos Geraldo Luis Gomes

O tecnotrio em todo seu esplendor; da esquerda: Zaba, Dequinha e Go

Algo que falta nos trabalhos dos novos — e velhos — músicos é o ponto de partida para este grupo: o cuidado com os timbres. Melhor ainda, nas palavras de Go: "tensão de timbres".

Como se não bastasse a "originalidade" da proposta, os timbres ganham novas cores quando desenhados por essas garotas que formam o Questionário — ou Bruhahá Babélico, uma questão de nomenclatura ainda no ar. Dois sintetizadores — usados ao extremo do que podem oferecer — ficam a cargo de Dequinha e Zaba (que comanda, ainda, um computador rítmico). Go segura uma guitarra renhida, com solos sutis, além de um vocal agudo e deliciosamente melodioso. Se a questão é definir, Go solta: "Um pastiche/ Raspa de tacho minimalista". Mas nada tão complicado — nem tão simples.

O emaranhado fica mais visível nas letras: "Chega de línguas vazias!", fala Go. "É o cantarolar de rua, os idiomas/ Diferentes sonoridades de línguas não existentes e a canção propriamente dita. Não é nada disso, mas aborda/ Passa por isso tudo." Exemplo típico é a letra tirada de um poema de Maria José de Carvalho: "IMOTOIMERSOIMEMOREMARMO..." Ou os poemas em inglês de Fernando Pessoa e William Blake. Mesmo em português, o timbre fonético casa, justo e certeiro, com os timbres preparados para os instrumentos: "Penso logo erro/ Penso que recupero Depende/ Eu penso logo peso/ Penso logo longe/ Penso e volto já/ Devendo/ Eu penso logo penso".

Para conferir, é só dar um pulo no MIS, Paço das Artes (SP), dias 13 e 14 deste mês, onde elas se apresentarão acompanhadas de orquestra, com arranjos de Felix Wagner. Aviso: um som para os amantes da música — fluida, original, tão complexa quanto a simplicidade pode ser. *S.M.*

VOCÊ ESCOLHE A MELHOR CAPA DO ROCK-BRASIL 86

Caro Participante

O Prêmio Company de Capas de Rock está chegando ao final. Mas se você ainda não escolheu a sua preferida, não perca tempo, envie nos logo seu voto.

Na primeira e segunda etapas do concurso foram selecionadas dez capas que estão sendo votadas. Agora, na terceira fase do Prêmio Company de Capas, estamos apresentando em destaque, as cinco mais votadas até o momento, mas isto não significa que são vencedoras porque a votação só termina em 30 de dezembro/86. Portanto, podem surgir surpresas.

A grande final será em fevereiro, quando divulgaremos a capa vencedora, seu(s) criador(es) e os leitores que ganharão os dez discos referentes as capas selecionadas para o concurso.

Olha a gente, agora é torcer, votar e enviar suas cartas até 30-12-86 para a Liber Comunicação e Marketing Ltda., Av. Beira Mar 406/1106 Castelo Rio de Janeiro RJ CEP 20021

Capas concorrentes

1- Matriz / Rádio Taxi - C.B.S.
2 Cidades em Torrentes / Biquini Cavadão Polygram
3 Capital Inicial / Capital Inicial - Polygram
4- Cabeça de Dinossauro / Titãs - W.E.A. 5- Humanos / Tókio - C.B.S.
6 A Ultima Novidade / Banda 69 - C.B.S.
7 Vivendo e não aprendendo / Ira - W.E.A.
8 Elemento Visado / Elemento Visado - Provance
9 Educação Sentimental / Kid Abelha - W.E.A.
10- Dusek na sua Eduardo Dusek - Polygram

1- Vivendo e não aprendendo / Ira - W.E.A.

PRÊMIO COMPANY DE CAPAS DE ROCK

2- Educação Sentimental / Kid Abelha - W.E.A.

3- Cabeça de Dinossauro / Titãs - W.E.A.

4- Capital Inicial / Capital Inicial - Polygram

5- A Ultima Novidade / Banda 69 - C.B.S.

Apoio

INTERCOLOR

PAN AM

NEWAY TOUR

Frente & Verso

Realização

LIBER

Patrocínio

COMPANY

CYNDI LAUPER

TRUE COLOURS

(Tom Kelly/Billy Steinberg)

You, with the sad eyes,
Don't be discouraged.
Oh, I realize,
It's hard to take courage
In a world full of people,
You can lose sight of it all
And the darkness inside you
Can make you feel so small.

But I see your true colours
Shining through.
I see your true colours
And that's why I love you.
So, don't be afraid to let them show
Your true colours.
True colours are beautiful
Like a rainbow.

Show me a smile, then.
Don't be unhappy, can't remember when
I last saw you laughing.
If this world makes you crazy
And you've taken all you can bear
You call me up,
Because you know I'll be there.

And I'll see true colours
Shining through.
I'll see your true colours
And that's why I love you.
So, don't be afraid to let it show
Your true colours.
True colours are beautiful
Like a rainbow.

CORES VERDADEIRAS

Você, com os olhos tristes,
Não perca o ânimo.
Oh, eu percebo
Como é duro ter coragem
Em um mundo cheio de pessoas.
Você pode perder tudo de vista
E a escuridão dentro de você
Pode fazê-lo sentir-se tão pequeno!

Mas eu posso ver suas cores verdadeiras
Brilhando lá de dentro.
vejo suas cores verdadeiras
E é por isso que amo você.
Portanto, não tenha medo de deixá-las à mostra.
Suas cores verdadeiras.
Cores verdadeiras são lindas
Como um arco-íris.

Mostre-me um sorriso, então.
Não fique infeliz. Não consigo lembrar
Quando foi a última vez que vi você rir.
Se este mundo deixar você maluco
E você já tiver engolido tudo que pode suportar.
Me chame
Porque você sabe que estarei lá.

E verei cores verdadeiras
Brilhando lá de dentro.
Verei suas cores verdadeiras
E é por isso que amo você
Portanto, não fique com medo de deixá-las à mostra.
Suas cores verdadeiras.
Cores verdadeiras são lindas
Como um arco-íris.

© Warner Bros·Music

Foto Benaroch Sca Pós

PANDA. A SUA MARCA DE ESTIMAÇÃO

COM PANDA VOCÊ VIRA FERA.

PANDA®

ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER.

Adote um Panda. Você vira fera na hora. Panda é gostoso, bonito, colorido. Mais do que tudo, Panda é Vulcabrás. O solado exclusivo, a palmilha de borracha natural, é para você pisar manso e macio. Panda é diferente de tudo o que existe por aí, uma verdadeira fera na resistência, durabilidade e qualidade. Experimente um Panda. Temos certeza de que ele vai ser a sua marca de estimação.

Qualidade VULCABRÁS

PACO DE LUCIA

O violonista flamenco que combina virtuosismo, disciplina e paixão

Paco: um músico intuitivo, criado no passional flamenco e escolado no clima cool do jazz

Existem muitos autodidatas que se tornaram grandes músicos. Mas o caso de Francisco Sanchez Gomez, o Paco de Lucia, tem a marca de seu povo: foi em bailes e noites de descontração na Andaluzia que ele se desenvolveu musicalmente. Como ele mesmo diz, seu aprendizado foi espontâneo. Não conhece notas ou acordes e nem sabe muito bem explicar como toca. "Aprendi um pouco de violão com meu pai, e meu irmão Ramon me ensinou algumas coisas mais modernas." Assim, num lar musical, um garoto aprendia a arte do flamenco. Ia incorporando a sutileza dos complicados ritmos espanhóis e se desenvolvia, a ponto de tornar-se profissional aos 12 anos de idade.

Daí em diante, como membro de um grupo de dança, Paco foi se apresentando e ganhando fama como virtuose. A fama se espalhou e ultrapassou o círculo fechado dos músicos flamencos. O que distingue Paco de qualquer outro violonista é sua mão direita. "Tudo que eu posso dizer é que a música flamenca é muito nervosa. Mas não houve um esforço premeditado para que minha mão direita se desenvolvesse. A mão aprendeu a funcionar para a música." Ele diz que a velocidade não é o mais importante, apesar de ser necessária em alguns casos.

Paco não sabe nem mesmo explicar os ritmos flamencos. Sua filosofia de vida e de música se dá pela paixão, pelo sentir. "A música flamenca é muito complicada para quem não a ouviu desde a infância. Às vezes se parece algo com a música indiana. Os músicos de minha banda, depois de 9 anos de trabalho, ainda têm dificuldades em aprender alguns ritmos", conta ele.

Uma das influências que ele incorporou ao seu som foi o jazz. "O jazz e o flamenco musicalmente não são semelhantes. Mas são músicas de dois grupos minoritários, os negros e os andaluzes, com histórias de perseguição e toques melancólicos." O seu interesse pelo jazz se deu através do contato com dois outros virtuoses, John McLaughlin e Al Di Meola, com quem formou um trio. Ele admite que sua iniciação no jazz foi meio traumática. "Sem sentir, eu comecei a competir com eles. Ficava tenso e sentia muita dor de cabeça depois de tocar." O que o jazz trouxe para ele foi a possibilidade de explorar melhor os fraseados. A improvisação flamenca tem muito do clima de duelo. Paco aprendeu a viver as atmosferas mais *cool* do jazz, e se tornou um apreciador de *jam sessions*.

O que Paco ainda mais gosta é do clima das festas flamencas na Espanha, o tipo de ambiente que ele considera mais acolhedor. A alegria dessas festas é a mesma que ele vê no povo brasileiro. "Por isso o Brasil tem grandes músicos. Egberto, Toquinho, Baden Powel."

Para os iniciantes, ele acha que só há um conselho: tornar-se um especialista no instrumento, graças à dedicação absoluta. E também não se preocupar com planos futuros — sua filosofia de vida é viver o presente o mais intensamente possível. Com toda a paixão flamenca. *A D*

FICHA TÉCNICA

TRINTA VIOLÕES IRMÃOS

Paco de Lucia diz que possui perto de 30 violões, quase todos fabricados por Hermanos Conde, da Espanha. "Sei que existem outros grandes instrumentos na Espanha, mas toco os de Hermanos por tradição: desde que eu comecei, ganho seus violões. É quase um tipo de acordo."

Mas ele não é dos que valorizam instrumentos. "O instrumento é apenas um veículo, nada mais." Suas cordas são Luthier, americanas, mas ótimas para o flamenco.

WOP
BOP
WOP
BOP
WOP
BOP
WOP
BOP
WOP
BOP
WOP
BOP
DISCOS

WOP BOP

DISCOS

LPs NOVOS E USADOS
venda
compra
e troca

camisetas

ATENDEMOS TAMBÉM PELO CORREIO
PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS

R. BARÃO DE ITAPETININGA, 255 - LOJA 25
CEP: 01042 - SÃO PAULO - SP.

VIOLETA DE OUTONO

UM LANÇAMENTO
WOP BOP
DISCOS

Multitermo Termolar. Mais quilômetros com menos de um litro.

Multitermo Termolar é a maior força pra quem faz esporte, vai pra praia, piscina, parque ou dá suas corridinhas. É só girar 1/2 volta e beber, direto no bocal. Multitermo tem 750 ml e mantém a bebida geladinha, a tiracolo. Vá mais longe com Multitermo Termolar.

MULTITERMO
TERMOLAR

Vamos Termolar?

P2

EVANDRO

TODO O BRASIL EM DISCOS E FITAS

PolyGram

CAPITAL INICIAL

PROIBIDA A RADIODIFUSÃO E A EXECUÇÃO PÚBLICA DA FAIXA "VERANEIO VASCAÍNA". VENDA PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS.

Se você ainda não tem 18 anos,
vale a pena esperar.
Ou então, peça pro seu irmão mais velho...

CAPITAL INICIAL, O ESTILINGUE DO ANO!
EM DISCOS E FITAS

PolyGram

AIR MAIL

Todo mundo no mundo inteiro faz lista de fim de ano. Air Mail faz a absoluta, verdadeira e única *cult-lista de fim de ano. Depois de uma infindável quilometragem all around the world*, e de silos atômicos de som derretendo os neurônios, aqui vai *the best and the rest* de 1986. *NME, Melody Maker, Face, Spin* e similares, mordam-se, porque aqui saiu primeiro.

SHOWS DO ANO

Pil no Academy de Brixton, Londres. A facada final de Johnny no punk.
Echo e seus coelhinhos, National Ballroom, Londres. Inqualificável.
The **Cult**, Hammersmith Palais, Londres. O que pode um pobre garoto fazer senão deixar crescer os cabelos e montar uma banda dos anos 60?
Jesus and Mary Chain, Sta. Monica Auditorium, L.A. — 35 minutos de doce veneno pop.
Run-DMC, Hammersmith Odeon, Londres. Cataclisma em beatbox.
James Brown, Wembley Arena, Londres. A bença, padim.

ESTILOS

No novo brutalismo anglosaxão, predominam os sub-metidos de butique linha Benetton, reflexo da sub-yuppizarada. Morte à pose. Fim da exploração estilística linha *Face* e *I-D*: volta ao *classic look*. Em Nova York e Tôkio, predominância cool do *basic black*. Tédio terminal em Los Angeles, com *body building*, sol e pó (bíblia referente: *Less than Zero*, de **Bret Easton Ellis**). Nesse ano de graça jazzzzzzz a ditadura da moda.

Fotos Reprodução

EQUÍVOCOS DO ANO, AO VIVO

Style Council em Wembley. Larga a mão de ser fresco, Paul Weller. Tu de preto só tem a gravatinha.
Sting no Royal Albert Hall, toda vez que se intrometia no arraso sonoro de sua superbanda.
Prince em Wembley, toda vez que se metia de Narciso anão no meio do arraso sonoro da superbanda.
New Order no Hammersmith Palais. Bebum, barulho e repetições *very, very boring*.
Equívoco parcial: The **Cure** no Royal Albert Hall. Bob Smith, chega de fazer gênero.

TEMPLOS DE VINIL

Rhino Records — Los Angeles
Buracos na e em volta da **rua 125** — Harlem, Nova York
Wave — Tóquio
HMV, Virgin e Tower — Londres (mix de peregrinações diárias).

NA TELA

Cult film do ano: *Round Midnight*, de **Bertrand Tavernier**, com **Dexter Gordon**, homenageando **Bud Powell**, **Lester Young** e, como não, o mestre **Monk**.
Aspirante parcialmente falido: *Sid and Nancy*, de **Alex Cox**. Tudo bem quanto à morte como fruto da paixão, mas faltou passar a energia punk.
Aspirante absolutamente falido: *Absolute Beginners*, de **Julien Temple**. Desfile de moda luxuoso e inócuo.

COMPLICAÇÕES

Streetsounds — hip hop londrino e transatlântico.
Pebbles, Nuggets, e o catálogo inteiro da **Charly** e da **Ace** — pérolas do passado, de preto a garagem.
Back from the Grave **(Crypt Records, New Jersey)** – psico-punks terminais dos 60.
Afros em geral — norte de Paris, complementação na FNAC Les Halles. Catálogo inteiro da **Sonet** e da **Alligator** — blues e rhythm'n'blues.

MOMENTO OCULTO ÁPICE, SACRALIZADO PARA SEMPRE

Big Mac contando "Ceremony" com **New Order** em Manchester.

Foto Cox - F

NO PE

Garage — Alphabet City, Nova York. O melhor night club black do planeta.
Fridge — Brixton, Londres. Da Motown ao funkaço pós-futurista.
Roxy e **Palace** — Los Angeles. Mix tribal.
As torres de **Tóquio** — mix pós-tribal.

COQUETÉIS-MOLOTOV FINAIS

Lançamentos do ano: *In the Jungle Groove*, álbum duplo da Polygram americana com o Pai Nosso **James** Sex Machine (inéditas e remixagens). *Tutu*, o último **Miles**.
Nelson Mandela, cristal afro de **Yossou N'Dour**.
Série do ano: *Rock of Ages*, da Capitol.
Mix do ano: produção de reggae combinada, com destaque para a **Pionner, Greensleaves, Shuttle e Jah Shaka.**
Ritmo do ano: go-go de Washington, também em filme *(Good to Go*, com música de **Trouble Funk, Chuck Brown, Reeds and the Boys** e cia).
Blues man do ano: diretamente da Georgia, Mr. **Robert Cray.**
Afro man do ano: **Yossou N'Dour**
Reggae man do ano (empatados): **Augustus Pablo, Lee 'Scratch' Perry, Gregory Isaacs.**
The music places: delta do **Mississipi, Soweto** e **Bali.**
Hino oficial de 1986: *Walk this Way*, com **Run-DMC e Aerosmith** (também melhor vídeo).
E até 87, diretamente de algum lugar do planeta. *Destroy.*

Pepe Escobar

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 São Paulo-SP - Destinatário: Stamp. Ponha o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).

GRATIS

PREÇOS

Estou enviando agora junto com este cupom pagamento à vista em cheque ... vale postal no valor de Cz$

Pretiro pagar ao recebê-lo(s) comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ mais despesas postais

REF	COR	TAM	REF	COR	TAM

Nome
End
Est CEP

Envie este cupom ou cópia para Stamp Rua Emb João Neves da Fontoura, 156 CEP 02013 São Paulo SP Santana

BLZZ 17

Rua Emb João Neves da Fontoura, 156 CEP 02013 S.P. Santana

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS

ATAQUE FRONTAL

Lendo a matéria sobre a banda Ratos de Porão (BIZZ 14), pudemos constatar que houve uma grande inverdade publicada, pois lá se afirmava que a citada banda "*nunca* havia recebido um níquel pelos shows ou gravações independentes". Isso é um absurdo, pois os Ratos de Porão têm participação em três LPs junto à nossa gravadora — são eles *Sub, Ao Vivo* e *Ataque Sonoro* —, e recebem todo mês as porcentagens combinadas e contratadas. Pode não ser uma grande soma em dinheiro, se comparada ao pagamento de uma multinacional do disco, mas é o acertado entre as duas partes, Ataque Frontal e Ratos de Porão. Os Ratos de Porão também já receberam dinheiro por shows que realizaram através da Ataque Frontal. O primeiro deles ocorreu em 17/03/86, no Teatro Lira Paulistana, por ocasião do lançamento do primeiro LP da banda Cólera, *Tente Mudar o Amanhã*, no qual fizeram a abertura do show. Esse show foi gravado e resultou no LP *Ao Vivo*, que as duas bandas dividem. O segundo show aconteceu no lançamento da coletânea *Ataque Sonoro* no Circo Voador (RJ), produzido pela Arte Livre Ataque Frontal, sendo esse o maior e melhor evento musical punk acontecido no Rio de Janeiro e, quiçá, no Brasil. Nenhuma banda recebeu muita grana, pois o cachê foi rateado entre as dez bandas que tocaram no show. Informações levianas como essa resultam em má impressão por parte de outras bandas, que acabam julgando que as gravadoras independentes não dão retorno financeiro, prejudicando, assim, o acesso de novas bandas aos selos independentes. Gostaríamos de saber por que a banda Cólera nunca teve o destaque que merece nas páginas da BIZZ, sendo que bandas do mesmo estilo e formadas mais recentemente já o tiveram. E o seu mais recente LP, *Pela Paz em Todo Mundo*, teve um discretíssimo comentário de apenas três linhas na seção Rápido & Rasteiro, sendo que o mini-LP dos Inocentes teve crítica com reprodução da capa. Será que é por causa da WEA? Queremos acreditar que não. *(Em anexo, recibos e demonstrativos de pagamentos feitos aos Ratos de Porão.* **Renato Martins F./Ataque Frontal Produções, São Paulo — SP.**

A informação de que os Ratos nunca receberam cachê foi prestada pela própria banda. Quanto aos critérios de inclusão de discos na seção de lançamentos, podem ter certeza de que as gravadoras multinacionais não têm nada a ver com eles.

IMAGEM PÚBLICA LTDA.

Gostaria de saber a discografia completa do PIL. **Patrícia C. Tavares Barbosa, Rio de Janeiro — RJ.**

O Public Image Limited, fundado por John "Johnny Rotten" Lydon após o fim dos Sex Pistols, estreou no vinil já em 78, com o LP Public Image. *Completaram a banda o baterista Dave Crowe e o duo Strate - Time Keith (na verdade, o guitarrista Keith Levene, ex-integrante do Clash) Jah Wobble. Esse duo já tinha um EP,* Steel Leg v. the Electric Dream, *daquele mesmo ano, voltado para o dub reggae e o avant funk. O primeiro LP do PIL combina esses gêneros com o punk dos Pistols. O choque veio com* Metal Box *(79), uma das experiências mais radicais do pós-punk, em três EPs acondicionados em uma caixa de metal. Nesse disco o grupo ganhou a adesão da tecladista Jeanette Lee. O mesmo disco foi relançado no ano seguinte, em forma de álbum duplo, com capa convencional e o título de* Second Edition. *Um LP ao vivo,* Paris au Printemps *(80), completa os registros dessa fase. O baixista Jah Wobble saiu — ou foi saído —, acusado de desviar tapes das sessões de* Metal Box *para seu próprio LP, lançado ainda em 80:* The Legend Lives On... Jah Wobble in 'Betrayal'. *O disco seguinte do PIL,* Flowers of Romance *(81), é marcado pela decisão da banda de não chamar outro baixista. Só a bateria sólida de Martin Atkins segura as guitarras, vocais e teclado dispersos, em um disco muito estranho.* Live in Tokyo *(83) é um novo registro ao vivo após um hiato de dois anos, e é seguido por* This Is What You Want... This Is What You Get *(84), LP de tecno-funk, onde o PIL se reduz a Lydon e Atkins tocando quase todos os instrumentos, fora alguns músicos convidados. O guitarrista Keith Levene lançou sua própria versão desse disco, chamada* Commercial Zone, *que tem várias músicas do disco "oficial" com um tratamento mais cru (são demos ou sobras de sessão), mas não menos interessante.* Album, *finalmente, é o último disco do PIL, agora reduzido a Lydon com a produção e o baixo de Bill Laswell (ex-Material) e convidados especialíssimos como Ginger Baker, Ryuichi Sakamoto e Steve Vai. É o único disco do grupo lançado no Brasil (saiu este ano). Jah Wobble, um dos arquitetos do som original do PIL, continuou sua carreira com os EPs* V.I.E.P. *(80; com remixes do LP de estréia e material inédito),* How Much Are They *(81; ao lado de Holger Czukay e Jaki Liebezeit, ex-Can) e* Snakecharmer *(83, com Czukay e The Edge, ele mesmo, fazendo um som disco), e os LPs* Bedroom Álbum *(83; gravado em casa, com o guitarrista Animal, e* Neon Moon *(85, mais disco, com o tecladista Ollie Marland). Levene sumiu de cena. Lydon gravou, ainda em 84, o rap "World Destruction", com Africa Bambaataa, e após o lançamento do* Album *excursionou com uma banda nova, que inclui o guitarrista John McGeoch (ex-Magazine, Banshees e Armoury Show). Por aí vem coisa.*

FÃ-CLUBES

Fã-Clube do Camisa de Vênus A/C Daniel G. Ordenes, rua Jundiaí, 154, CEP 09000, São Paulo — SP

Duardo Dusek Fã-Clube av. Bosque da Saúde, 1942, CEP 04142, São Paulo — SP.

Fã-Clube Mötley Crüe rua Ana de Oliveira 872, CEP 38.700, Patos de Minas — MG.

Federação Brasileira de Fã-Clubes Caixa Postal 6055, CEP 91031, Porto Alegre — RS.

RAYCES

Moda jovem para gente jovem. Malha 100% algodão.

Entre nesta moda e conquiste quem você ama.

Camisetas por apenas **Cz$ 89,00** cada

FAÇA JÁ o seu pedido por carta ou telefone: (011) 520-0611 c/ Idalina.

GARANTIA: Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la, que restituímos seu dinheiro.

Envie o seu cupom para: JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - SÃO PAULO - SP

À JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - São Paulo - SP

TAMANHOS P.M.G.

De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista.

CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças

. Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto _ Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade. Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa.

REF.	QUANT.	TAM	PREÇO
VALOR DO PEDIDO			
DESCONTO ESPECIAL			
VALOR A PAGAR			

Nome . .

. . . . . .

Ena . . . .

. . . . . n.º . . . . .

Bairro . . . . . .

CEP . . . . . Cid

Est. . . . . .

Para receber sua encomenda sem atraso, ESCREVA o CEP corretamente no cupom resposta

Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS, fale com MIRIAM pelo tel.: (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

BI2217

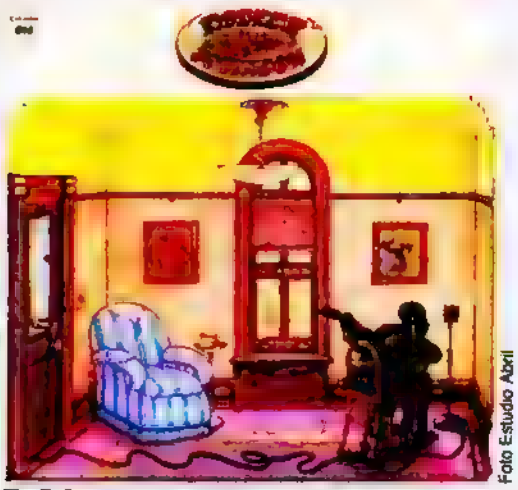


Foto Estúdio Abril

ROBERT JOHNSON
King of Delta Blues Singers, vols. I e II(1961/1970)

No quarto de um hotel de segunda, em San Antonio, Texas, o garoto negro, alto, magro e elegante senta-se voltado para a parede, um enorme microfone à sua frente, o violão de aço National-Steel sobre o joelho. Um fio corre pelo chão de madeira até o outro quartinho, onde, concentrados, atentos, maravilhados, dois homens brancos de meia-idade manipulam pesados gravadores de rolo. Faz frio, uma fria noite de novembro em 1936. Olhos fechados, o garoto toca — alguém na sala de controle comenta que não é possível: deve haver mais alguém com ele no quarto. Como é que estamos ouvindo acompanhamento e solo ao mesmo tempo? Mais que isso — que tristeza, que tristeza infinita, que doçura angustiada nessas cordas. O garoto canta, uma voz aguda e ligeiramente fanhosa, e a primeira impressão é de transe, trânsito, fuga, como capturar vento. Depois, abre-se um universo escuro, um poço das mais absolutas paixões — cada blue é curto, curto, dois minutos e pouco, cantado como quem fugisse, cantado como quem perseguisse ou fosse perseguido. Nem amor, nem desejo, nem desespero: um pouco de cada uma dessas emoções e mais alguma outra coisa, alguma coisa que remonta à mais básica humanidade, fatalidade, destino, morte.

O garoto é Robert Johnson, 25 anos, nascido (presumivelmente) no vilarejo de Hazelhürst, Mississipi. Os homens são o pesquisador John Hammond e o então diretor artístico da gravadora Columbia, Don Law. O que eles estão gravando é a primeira parte do único registro da obra do virtual do cristalizador do blues moderno; um ano depois, num "estúdio" improvisado no galpão de um prédio em Dallas, Texas, Hammond e Law fariam uma segunda sessão. Quando, cinco meses depois, Hammond desceu de Nova York ao Sul em busca de Johnson para um grande concerto de blues programado para o Carnegie Hall, voltou apenas com a notícia: ele morrera em circunstâncias misteriosas, aos 27 anos, possivelmente assassinado por veneno, por alguma amante vingativa ou por algum marido ciumento. Isso é blues, baby.

Os dois LPs obtidos dessas sessões são, até hoje, os mais importantes discos de blues que existem, álbuns de cabeceira de Eric Clapton, Jimmy Page, Jeff Beck, John Mayall, Pete Townshend, Ron Wood, Keith Richards, Mick Jagger, Elvis Costello, Nick Cave. Neles estão blues gravados infinitas vezes por artistas contemporâneos — "Love in Vain", "Crossroads Blues", "Terraplane Blues", "Me and the Devil Blues", "Ramblin' on My Mind", "Stop Breaking Down". Estão neles, também, dezenas de *licks* — fraseados solistas da guitarra — e *riffs*— séries de compassos rítmicos —, copiados nota a nota, milhares de vezes, por dúzias de músicos de blues, de jazz, de heavy metal, de rhythm'n' blues, de rock de todas as tendências. E está nesses discos, sobretudo, uma das poesias mais intensas e ousadas da história da cultura popular internacional. Clichê algum descreve a negra lira de Robert Johnson: não se trata de "lamento de raça", não se trata de "hino da salvação", não se trata de "lirismo popular". Trata-se de um mergulho sem amarras nos mais escuros desvãos da alma humana, lá onde mora o verdadeiro *devil*, o que comercia com as paixões, propõe negócios irremediáveis e não aceita tréguas. Havia uma lenda, já durante o tempo em que Johnson vivia, de que ele teria feito um "pactò com o diabō" em troca de seu notável talento com a música e sucesso com as mulheres. Vista de outro ângulo, a lenda vive: era com seu mais íntimo diabo, aquele que o mundo branco das leis e das normas trata de suprimir, que ele dialogava em seus blues.

E em seus blues resume-se sua biografia. Robert Johnson nasceu, amou, tocou, morreu. No espaço de 27 anos. Nos dois minutos de um blues.

Ana Maria Bahiana

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emílio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação: Vera Mondin
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Jorge Toth
Diagramadores: Cleber V. Garcia, Moema Figueiredo
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Colaboradores: Texto: Alexandre Dines, Bia Abramo, Carlos Otávio Mendes Albuquerque, César Garcia Lima, Claudette Poodle, Jean Yves Neufville, José Eduardo Mendonça, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marco Antonio de Menezes (New York), Pepe Escobar (Londres), Silvano Michelino (Paris), Tom Leão. **Fotos:** Ary Diensendruck, Claudio Edinger, Eurico Santos, Gerardo Luis Gomes, Kátia Arantes, Mauricio Nahas, Mila Maluhy, Paulo Ricardo, Rui Mendes, Tucci
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Supervisor: Ricardo Côrte Real (São Paulo)
Contatos: Jandir Benetti, Márcia Andrade (São Paulo) e Lídia Camarate (Rio)
Produção Gráfica: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Escritórios - Milão: International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex 313585 e 332809. **Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237670, Phone (212) 5990-5993. **Paris:** 33, av. Champs Elysées, 2° Bureaux 213 bis 214, Paris 75008. Phone 42 25 58 65, Telex ABRILPA 660731!
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Promoções: Alfredo Nastari
Supervisores: Vani Pieri (São Paulo), Fernando Mendonça (Rio)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio. Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8° ao 11° andares, CEP 22290, tel. (021) 295-5282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paul Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Numeros atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuida com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ROCK SHIRTS ®

camisetas

Estampadas em Silk Screen

Peça Já! pelo Reembolso postal, camisetas com estampas exclusivas dos maiores grupos e ídolos do rock

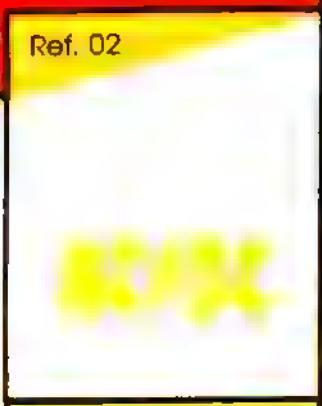
Desconto Especial 10%:
Enviando cheque nominal a Rock Shirts
Preencha os valores já descontados os 10%

Cz$ 80,00

Tamanhos
P(44), M(48) G(52)

Ref. 01

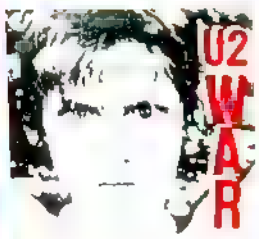
Ref. 02



Ref. 03

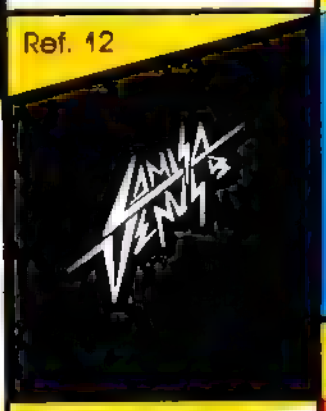
Ref. 08

Ref. 09



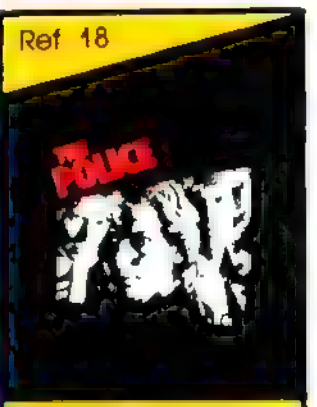
Ref. 10

Ref. 12



Ref. 16

Ref. 18



Ref. 20

Ref. 21

Ref. 22

Ref. 23

Ref. 24

Ref. 25

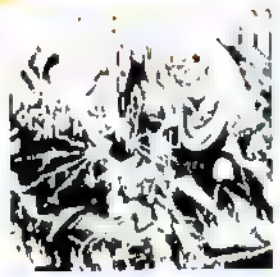
Ref. 26

Ref. 27

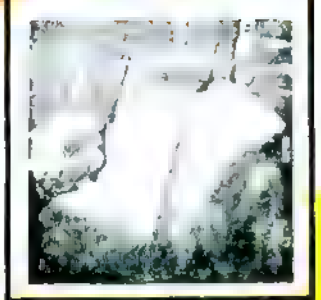
Ref. 28

Ref. 29

Ref. 30



Ref. 31



Ref. 32

Ref. 33

Peça já!
Para fazer seu pedido, envie o cupom abaixo preenchido em letra de forma para: Rock Shirts - Av. Carinás, 788 São Paulo - SP cep 04086 ou disque 255.5777 ramal 788

24 horas por dia inclusive sábado, domingo e feriado

NOME

ENDEREÇO

CIDADE BAIRRO EST CEP

A agência do correio vai enviar-lhe um **"aviso"** para buscar sua(s) camiseta(s) e pagar. Leve identidade

REF.	COR	TAM.	REF	COR	TAM.

PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS OU À MÁQUINA

REEMBOLSO POSTAL ☐
CHEQUE NOMINAL ☐

BIZZ 17

Garantia
Você receberá sua camiseta bonita como na revista, caso contrário poderá devolve-la que restituímos seu dinheiro

Não nos responsabilizamos por eventuais atrasos do correio

Camisetas 100% algodão

Neste Natal, S
Dessas

A EMI-Odeon coloca a sua disposição estrelas de primeira grandeza. São lançamentos nacionais e internacionais de artistas e

DISCO DUPLO DE PLATINA

Os Paralamas do Sucesso
Selvagem

Indiscutivelmente o mais premiado grupo brasileiro. Neste álbum, os Paralamas mostram toda sua capacidade criativa

Plebe Rude
O Concreto já Rachou

Este grupo vem surpreendendo a crítica e o público, com suas músicas altamente elaboradas e letras de conotações político-sociais.

Zero
Passos no Escuro

"É bem melhor falar de amor do que dos vícios do poder". O Zero consegue unir as mais belas poesias de amor com um rock moderno e cadenciado.

DISCO DE PLATINA

Legião Urbana
Legião Urbana Dois

Disco de Ouro no lançamento! É a prova da maturidade poética e musical desta banda.

Kiko Zambianchi
Quadro Vivo

Kiko Zambianchi, o artista Revelação do Ano, num sensacional Lp.

À venda em discos e fit

ga o Caminho Estrelas.

grupos consagrados pela crítica e pelo público.
Escolha o que há de melhor em discos
e fitas neste Natal.

DISCO DE OURO

Paul McCartney
Press To Play
Uma produção ultra-moderna, mostrando um McCartney sempre atual.

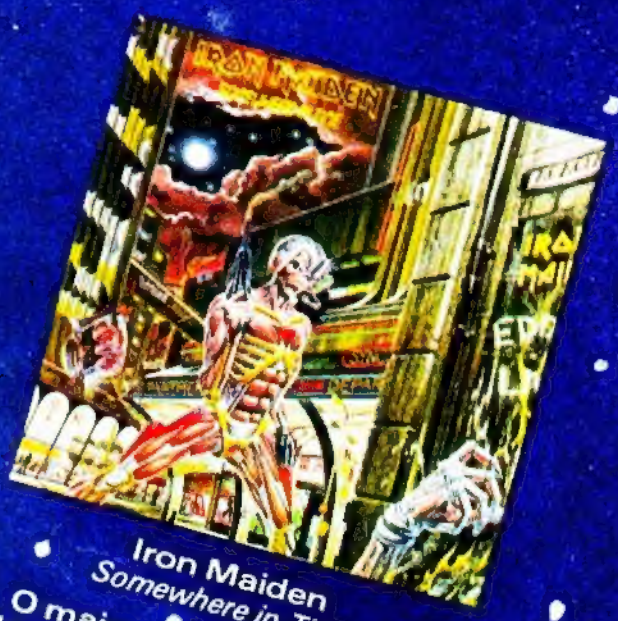
DISCO DE OURO

Legenda: Queen
A Kind of Magic

A Kind of Magic, Friends will be Friends são alguns dos sucessos do mais novo Lp do Queen. Primeiro lugar na Inglaterra.

David Bowie
Labyrinth

Em Labyrinth, David Bowie mostra porquê é considerado a força mais versátil da música pop.



Iron Maiden
Somewhere in Time
O maior grupo de Heavy Metal do mundo num álbum fantástico!

DISCO DE PLATINA

Tina Turner
Break Every Rule
A Rainha do Rock num Lp que lhe deu um Disco de Ouro em apenas três dias no Brasil!

EMI

ODEON

O ADEUS DE Claudette Poodle ©

& SUA POLAROID

▶Não chore. É isso mesmo que você leu aí em cima. Ela se foi e a redação — apesar de ter sempre suspeitado que isso aconteceria um dia — também encontra-se inconsolável.

Transcrevemos abaixo o bilhete que encontramos ao voltar do almoço numa fatídica sexta-feira:

★

▶"*Coleguinhas, o sol está cada vez mais escaldante e o país cada vez mais pobre de espírito. Eu sei que os leitores me amam tanto quanto Guilherme Isnard me odeia, mas, quando vocês estiverem lendo estas genialmente traçadas linhas, já estarei a bordo do cargueiro que levará a mim e a minha biblioteca para Hong Kong com escalas em Bali e outros paraísos do Pacífico. Sorry cachorrada, mas meu wit estava sendo desperdiçado e a minha paz de espírito seriamente ameaçada. Aguardem cartão-postal com o número da conta do banco em Hong Kong para o qual deve ser enviado o último pagamento. No fundo do coração, eu os compreendo e perdôo a todos*".

★ ★ ★ ★ ★

▶A seguir, algumas notas que encontramos num bloquinho esquecido no fundo de uma das gavetas da mesa de Claudette, junto com um compacto do Ed Carlos ("Obrigado Deus"), outro da Nancy Sinatra ("These Boots Were Made for Walking") e um batom amarelo-canário.

★

▶"Roupa Nova. *Assunto farto para possível tese de livre-docência em antropologia. Um deles reclamou outro dia do Paulo Ricardo por se expor tanto.*"

▶"*Papos na redação. As gracinhas estão preparando desde já a votação dos 'Melhores de 86' e insinuam que eu faça a lista dos* Piores do Ano. *Impossível! A grande maioria é* hors-concours."

★ ★ ★ ★ ★

▶"*Acabei de ler* Rock Wives, *da Victoria Balfour, que deveria ser a Bíblia de Cabeceira da Tiete Consciente. Susan Rotolo, Anita Pallenberg, Patricia Kennealy, Monika Dannemann contam* tudo *sobre seus respectivos casos com Bob Dylan, Brian Jones e Keith Richards, Jim Morrison e Jimi Hendrix. Além delas, depoimentos iluminadores de Angie Bowie e da Bebe Buel (currículo pesado: Todd Rundgren, Rod Stewart, Elvis Costello e Stiv Bators). Moral de todas as histórias: doeu, mas foi gostoso.*"

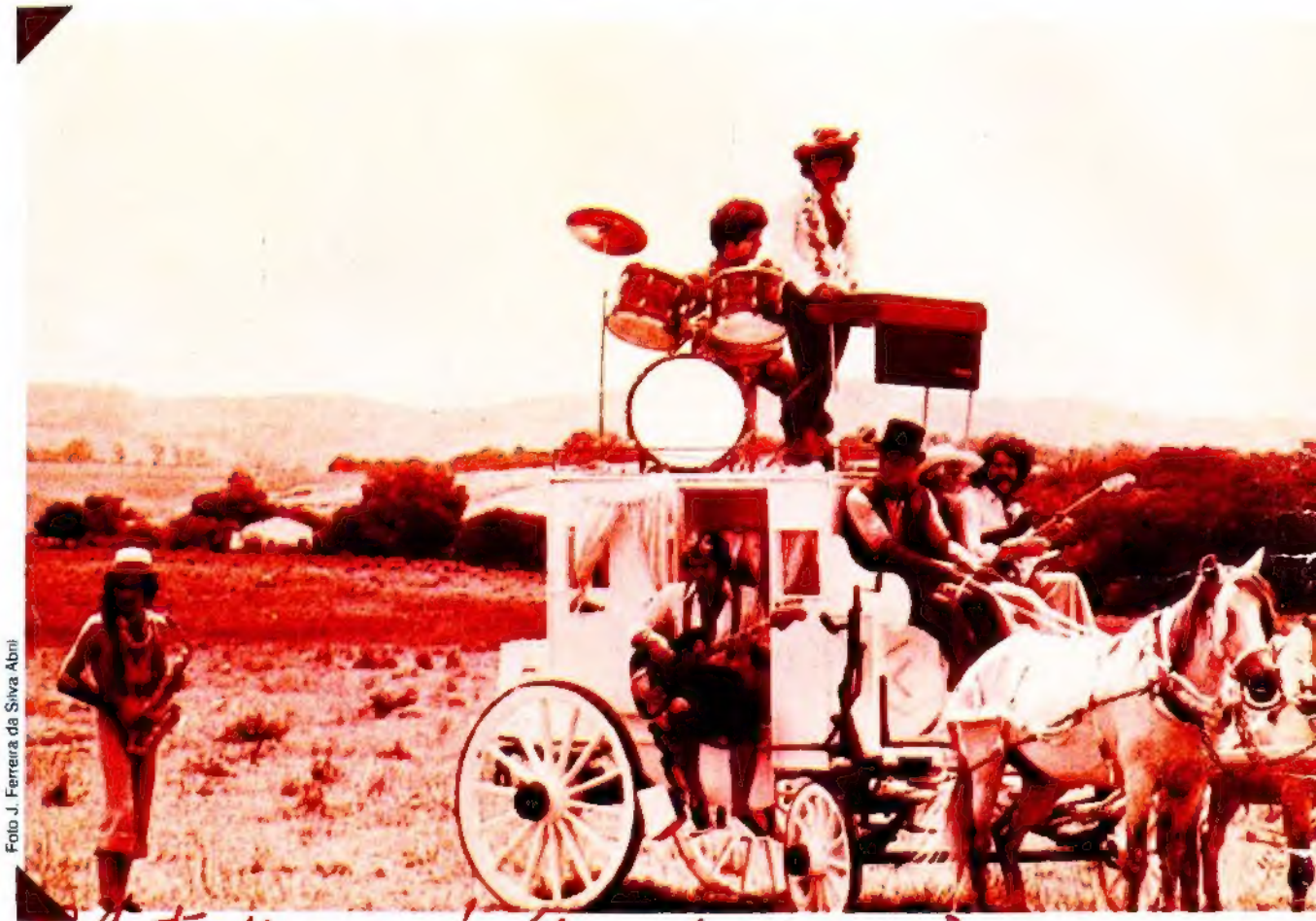


Foto J. Ferreira da Silva Abril

O Lee Jackson, no bucólico ido dos anos 70

▶"*Daisy Suely me ligou, quer um bico na BIZZ, diz que entrega todo seu anedotário inédito sobre A Cor do Som, Lee Jackson e Os Bolhas. É Brasil!!!*"

✓ "*Renovar passaporte hoje sem falta!*"

MÊS QUE VEM NA

BIZZ

TEM: EXCLUSIVAS COM *MADONNA, STING, NEW ORDER* E *MARINA* + A VOLTA DE *IGGY POP* E SUA CÉDULA PARA VOTAR NOS "MELHORES DE 86"!

TODAS

AO VIVO

MAIS DE
150 MIL
DISCOS VENDIDOS
EM APENAS
30 DIAS

PRA COMEÇAR

AINDA É CEDO

VENENO (VELENO)

NOITE E DIA/ME CHAMA

DIFÍCIL

LADY SINGS THE BLUES/
DOIDA DE RACHAR (maxine)

FULLGÁS

NADA POR MIM

EU TE AMO VOCÊ

PÕE PRA FORA

EM DISCOS E FITAS

PolyGram

ELTON JOHN LEATHER JACKETS

SOBREVOANDO
COM SEGURANÇA E ENERGIA
SOBRE UM ARQUIPÉLAGO MUSICAL
DE VÁRIAS TENDÊNCIAS,
ELTON JOHN DEU UM CAVALO-DE-PAU
EM SEU TRABALHO.
OS INGLESES ACHARAM DEMAIS,
OS FRANCESES FIZERAM CARNAVAL
E OS BRASILEIROS...
OUÇAM E REAJAM!
VALE A PENA!

LEATHER JACKETS É O MAIS NOVO LP DE **ELTON JOHN**. NAS MELHORES LOJAS DE TODO O PAÍS EM DISCOS E FITAS PolyGram